AS UPANIṢADS DO ṚGVEDA

EM PORTUGUÊS

Traduzidas do inglês para o português
Por Eleonora Meier
(De agosto a dezembro de 2016).

Aitareya Upaniṣad (Mukhya) – Max Müller

Akṣamālika Upaniṣad (Śaiva) – K. Srinivasan

Ātma-Bodha Upaniṣad (Sāmānya) – K. Nārāyaṇasvāmī Aiyar

Bahvṛca Upaniṣad (Śākta) – A. G. Krishna Warrier

Kauṣītaki (Brāhmaṇa) Upaniṣad (Sāmānya ou Mukhya) – Max Müller

Mudgala Upaniṣad (Sāmānya) – A. G. Krishna Warrier

Nādabindu Upaniṣad (Yoga) – K. Narayanaswami Aiyar

Nirvāṇa Upaniṣad (Saṃnyāsa) – Paul Deussen

Saubhāgya Lakṣmī Upaniṣad (Śākta) – A. G. Krishna Warrier

Tripurā Upaniṣad (Śākta) – Douglas Renfrew Brooks/ A. G. Krishna Warrier

Aitareya Upaniṣad

(Ṛgveda. Nº 8*. Mukhya)

Preâmbulo

A Aitareya Upaniṣad é uma Mukhya Upaniṣad (Upaniṣad Principal[1]) e uma das Daśopaniṣads (Dez Upaniṣads) que foram comentadas por Śaṅkara.

A presente tradução das ‘Palavras de Mistério de Aitareya’ provém da de Max Müller[2], e a Introdução e a Invocação vêm de outras fontes. A numeração é a de Śaṅkara.

Aitareya foi o autor ou ‘vidente’ de um texto Brāhmaṇa e um Āraṇyaka que receberam seu nome, e esta Upaniṣad é parte do Aitareya Āraṇyaka.

Upaniṣad significa ‘sentar-se aos pés de outro para ouvir suas palavras’, ‘mistério que jaz ou repousa sob o sistema externo de coisas’, ‘doutrina esotérica’, ‘palavras de mistério’, entre outros significados semelhantes, e dá nome a ‘uma classe de escritos filosóficos que têm como objetivo expor o significado secreto do Veda, e elas (as Upaniṣads) são consideradas como a fonte das filosofias Vedānta e Sāṃkhya’.[3]

Eleonora Meier.
Agosto de 2016.

Introdução

A *Aitareya Upaniṣad* pertence ao *Ṛgveda* e a *Upaniṣad* em si consiste em três capítulos. Ela é parte do *Aitareya Āraṇyaka*, e começa com o Quarto Capítulo (*Adhyāya*) do Segundo *Āraṇyaka*, e abrange os Capítulos (*Adhyāyas*) 4, 5 e 6. As partes precedentes tratam de cerimônias sacrificais como a *mahāvrata* e suas interpretações. O propósito da *Upaniṣad* é levar a mente do sacrificador do cerimonial externo para o seu significado interno. Todo verdadeiro sacrifício é interno. Śaṅkara observa que há três classes de homens que desejam adquirir sabedoria. Os mais elevados são aqueles que deram as costas ao mundo, cujas mentes são livres e serenas e que são ávidos por sabedoria. Para esses a *Upaniṣad* (*Aitareya Āraṇyaka,* II. 4-6) é destinada. Há outros que desejam se tornar livres gradualmente por chegarem ao mundo de Hiraṇyagarbha. A eles o culto ao *prāṇa*, o ar vital, é destinado (*Aitareya Āraṇyaka*, II, 1-3). Ainda há outros que só se importam com posses mundanas. A eles o culto meditativo da *Saṃhitā* é destinado (*Aitareya Āraṇyaka*, III).

S. Radhakrishnan,
The Principal Upaniṣads, 1953.

---

* Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera as 108 Upaniṣads.

[1] As Upaniṣads além disso são classificadas em Sāmānya ou Sāmānya Vedānta, sobre ensinamentos de interesse geral (*sāmānya*); Saṃnyāsa, sobre regras e diferentes aspectos do Saṃnyāsa ou Renúncia; Śākta, sobre Śakti ou Devī (a Deusa); Vaiṣṇava, sobre Viṣṇu; Śaiva, sobre Śiva, e Yoga, sobre diferentes aspectos do Yoga.

[2] Sacred Books of the East, Vol. I, 1879.

[3] Todos os significados aqui usados vêm do *Dicionário Sânscrito-Inglês Monier-Williams*.

Invocação[4]

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Paz! Paz! Paz!

Traduzida por Swami Gambhirananda
Publicada por Advaita Ashram, Kolkatta.

[4] Cada *Upaniṣad* começa com uma prece, o *Śānti Mantra* (Mantra da Paz), uma fórmula para a invocação de paz, cantada no início e no fim do estudo.

Capítulo 1[1]

Seção 1

A CRIAÇÃO DA PESSOA CÓSMICA

1.1.1. Em verdade, no início[2] tudo isso[3] era o Ser,[4] apenas um; não havia mais nada piscando[5] de modo algum. Ele pensou: 'Eu devo emitir mundos?'[6] Ele emitiu estes mundos:

1.1.2. Ambhas (água), Marīci (luz), Mara (mortal) e Ap [Apas ou Apah] (água). Ambhas (água) está acima do céu, e é o céu, o suporte.[7] Os Marīcis (os raios de luz) são o firmamento. O Mara (mortal) é a terra, e as águas debaixo da terra são o mundo Ap.[8]

1.1.3. Ele pensou: 'Esses mundos existem; eu devo emitir guardiões dos mundos?' Ele então formou o Puruṣa (a pessoa),[9] tirando-o da água.[10]

1.1.4. Ele meditou sobre ela,[11] e quando aquela pessoa tinha sido assim meditada, uma boca irrompeu[12] como um ovo. Da boca veio a fala, da fala Agni (fogo).[13]

As narinas irromperam. Das narinas veio o olfato (prāṇa),[14] do olfato Vāyu (ar).

Os olhos irromperam. Dos olhos veio a visão, da visão Āditya (sol).

As orelhas irromperam. Das orelhas veio a audição, da audição Diś (quadrantes do mundo),

A pele irrompeu. Da pele vieram pelos (sentido de tato), dos pelos arbustos e árvores.

O coração irrompeu. Do coração veio a mente, da mente Candramas (lua).

---

[1] [Não contando com a localização da *Upaniṣad* dentro do *Aitareya Āraṇyaka;* veja a Introdução].
[2] Antes da criação. Comentário.
[3] ['O universo manifestado'. – S. Radhakrishnan].
[4] [Ātman, 'a alma, princípio de vida e sensação'. – Monier-Williams].
[5] Piscando, *miṣat*, isto é, vivo; compare com o ṚV. 10.190.2: *viśvasya miṣato vaśī*, o senhor de toda a vida [ou 'de todos os que fecham os olhos'. – Griffith. S. Sitarama Sastri lê: 'não havia nada mais *ativo*'].
[6] [Na maioria das traduções a frase é afirmativa e o verbo 'criar' substitui 'emitir'].
[7] ['O céu é seu suporte'. – S. Radhakrishnan e Swami Gambhirananda].
[8] Os nomes dos quatro mundos são peculiares. *Ambhas* significa água, e é o nome dado ao mundo mais alto, as águas acima do céu, e o próprio céu. *Marīcis* são raios, aqui usado como um nome do céu, *antarikṣa*. *Mara* significa morte, e a terra é chamada assim porque todas as criaturas que vivem lá morrem. *Ap* é água, aqui explicada como as águas sob a terra. A divisão usual do mundo é tripla: terra, firmamento e céu. Aqui é quádrupla, a quarta divisão sendo a água ao redor da terra, ou, como o comentador diz, debaixo da terra. *Ambhas* provavelmente significava o mais alto céu (*Dyaus*), e foi então explicado tanto como o que está acima do céu quanto o próprio céu, o suporte.
[9] Puruṣa; um ser corporificado, Colebrooke; um ser de forma humana, Röer. ['O homem primevo como a alma e fonte original do universo (descrito no *Puruṣa-Sūkta'*, ['O Hino do Homem', *Ṛgveda,* 10.90]). – Monier-Williams].
[10] De acordo com o comentador, dos cinco elementos, começando com a água. Essa pessoa significa o Virāj.
[11] *Tap*, como o comentador observa, não significa aqui e em passagens semelhantes realizar austeridades (*tapas*), mas conceber e querer e criar pela mera vontade. Eu o traduzi por meditar, embora isso exprima apenas uma parte do significado expresso por *tap*.
[12] Literalmente, foi aberta. ['Sua boca (isto é, de Virat), se partiu, assim como um ovo'. – Swami Gambhirananda].
[13] Três coisas são sempre distinguidas aqui: o lugar de cada sentido, o instrumento do sentido, e o deus que preside o sentido.
[14] Prāṇa, isto é, *ghrāṇendriya* [órgão ou sentido do olfato], deve ser diferenciado de prāṇa, o ar ascendente, um dos cinco prāṇas, e da mesma forma do prāṇa como o princípio da vida.

O umbigo irrompeu. Do umbigo veio o Apāna (o ar descendente),[15] do Apāna a morte.

O órgão gerador irrompeu. Do órgão veio a semente, da semente a água.

Capítulo 1

Seção 2

OS PODERES CÓSMICOS NO CORPO HUMANO

1.2.1. Aquelas divindades (devatā), Agni e o resto, depois de terem sido emitidas, caíram nesse grande oceano.[16] Então ele (o Ser) afligiu a ele, (a pessoa), com fome e sede. As divindades então (atormentadas pela fome e sede) falaram a ele (o Ser): "Dá-nos um lugar no qual possamos descansar e ingerir alimentos".[17]

1.2.1. Ele levou uma vaca para eles (os deuses). Eles disseram: "Isso não é suficiente".[18] Ele levou um cavalo para eles. Eles disseram: "Isso não é suficiente".

1.2.3. Ele levou o homem[19] para eles. Então eles disseram: "Bem feito,[20] de fato". Portanto, o homem é bem feito. E ele lhes disse: "Entrem, cada um segundo o seu lugar".

1.2.4. Então Agni (o fogo), tendo se tornado a fala, entrou na boca. Vāyu (o ar), tendo se tornado o olfato, entrou nas narinas. Āditya (o sol), tendo se tornado a visão, entrou nos olhos. Diś [ou Diśas] (as regiões, [pontos cardeais]), tendo se tornado a audição, entrou nos ouvidos. Os arbustos e as árvores, tendo se tornado pelos, entraram na pele. Candramas (a lua), tendo se tornado a mente, entrou no coração. A morte, tendo se tornado o ar descendente, entrou no umbigo. As águas, tendo se tornado a semente, entraram no órgão gerador.

1.2.5. Então Fome e Sede falaram a ele (o Ser): "Concede a nós dois (um lugar)". Ele lhes disse: "Eu lhes atribuo aquelas mesmas divindades lá, eu faço de vocês associados a elas".[21] Por isso, a qualquer divindade que uma oblação seja oferecida, fome e sede estão associados à mesma.

---

[15] O Apāna, o ar descendente, é geralmente um dos cinco ares vitais que se supõe que mantêm o corpo vivo. Aqui, no entanto, Apāna é deglutição e digestão.

[16] Eles caíram de volta naquele ser universal de onde eles tinham surgido, a primeira pessoa criada, Virāj. Ou eles caíram no mundo, cuja última causa é a ignorância. [O *saṃsāra* é geralmente comparado a um oceano].

[17] É explicado que 'ingerir alimentos' significa perceber os objetos que correspondem aos sentidos, presididos pelas várias divindades.

[18] ['Esta certamente não é adequada para nós'. – Swami Gambhirananda].

[19] Aqui Puruṣa é diferente do primeiro Puruṣa, a pessoa universal, ele só pode significar o homem inteligente.

[20] *Sukṛta*, bem feito, virtude; ou, se tomado por *svakṛta*, feito por si próprio.

[21] ["Assim abordado, o Senhor disse à Fome e Sede: 'Como vocês são apenas sensações, não é possível vocês se tornarem comedores de alimentos sem serem dependentes de algum ser inteligente. Portanto eu os abençoo por lhes dar uma parte com esses deuses, Fogo, etc., no corpo e no mundo eterno composto de cinco elementos, em suas respectivas funções. Eu farei de vocês compartilhadores das partes designadas para esses respectivos deuses, tais como oblações de manteiga etc.'". – Śaṅkara, Comentário, traduzido por S. Sitarama Sastri].

Capítulo 1

Seção 3

A CRIAÇÃO DO ALIMENTO E A INABILIDADE DE VÁRIAS FUNÇÕES CORPORAIS DE CHEGAREM ATÉ ELE

1.3.1. Ele pensou: "Há esses mundos e os guardiões dos mundos.[22] Eu vou enviar alimentos para eles".

1.3.2. Ele meditou sobre a água.[23] Da água assim meditada a matéria[24] (mūrti) nasceu. E essa matéria que nasceu, essa realmente era alimento.[25]

1.3.3. Quando esse alimento (a matéria objetiva) tinha sido assim emitido, ele quis fugir, gritando e se afastando. Ele (o sujeito) tentou agarrá-lo pela fala. Ele não conseguiu agarrá-lo pela fala. Se ele o tivesse agarrado pela fala, o homem se satisfaria por citar o alimento.

1.3.4. Ele tentou agarrá-lo pelo olfato (respiração). Ele não conseguiu agarrá-lo pelo olfato. Se ele o tivesse agarrado pelo olfato, o homem se satisfaria por cheirar o alimento.

1.3.5. Ele tentou agarrá-lo pela visão. Ele não pode agarrá-lo pela visão. Se ele o tivesse agarrado pela visão, o homem se satisfaria por ver o alimento.

1.3.6. Ele tentou agarrá-lo pela audição. Ele não conseguiu agarrá-lo pela audição. Se ele o tivesse agarrado pela audição, o homem se satisfaria por ouvir o alimento.

1.3.7. Ele tentou agarrá-lo pela pele. Ele não conseguiu agarrá-lo pela pele. Se ele o tivesse agarrado pela pele, o homem se satisfaria por tocar o alimento.

1.3.8. Ele tentou agarrá-lo pela mente. Ele não conseguiu agarrá-lo pela mente. Se ele o tivesse agarrado pela mente, o homem se satisfaria por pensar no alimento.

1.3.9. Ele tentou agarrá-lo pelo órgão gerador. Ele não conseguiu agarrá-lo pelo órgão. Se ele o tivesse agarrado pelo órgão, o homem se satisfaria por emitir o alimento.

1.3.10. Ele tentou agarrá-lo pelo ar descendente (o ar que ajuda a engolir os alimentos através da boca e levá-lo para fora através do reto, o *pāyvindriya*). Ele o obteve. Assim, é Vāyu (o obtentor[26]), que se apodera do alimento, e Vāyu é realmente Annāyu (aquele que dá vida ou que vive por meio de alimentos).[27]

---

[22] [‘Esses, então, são os sentidos e os deuses dos sentidos’. – Swami Gambhirananda].

[23] A água, como mencionado antes, ou os cinco elementos.

[24] *Mūrti*, em lugar de *mūrtti*, forma, Colebrooke; um ser de forma organizada, Röer; *vrīhiyavādirūpā mūshakādirūpā ca murtiḥ,* ou seja, alimentos vegetais para os homens, alimentos de origem animal para os gatos, etc.

[25] Alimento oferecido, isto é, objetos para as Devatās e os sentidos do corpo.

[26] Uma tentativa de derivar Vāyu de *vī*, obter.

[27] [‘Ele quis apanhá-lo com Apāna. Ele o pegou. Esse é o devorador de alimentos. Essa energia vital, que é bem conhecida como dependente de alimentos para sua subsistência, é esta energia vital (chamada Apāna)’. – Swami Gambhirananda].

A ENTRADA DO SER NO CORPO

1.3.11. Ele pensou: "Como tudo isso pode existir sem mim?"[28] E então ele pensou: "Por qual caminho eu chegarei lá?[29] Daí ele pensou: "Se a fala cita, se o olfato cheira, se a visão vê, se o ouvido ouve, se a pele sente, se a mente pensa, se o ar descendente digere, se o órgão emite, então o que [ou quem] eu sou?"

1.3.12. Então, abrindo a sutura [sagital] do crânio, ele entrou por essa porta.[30] Essa porta é chamada de Vidṛti,[31] o Nāndana (o lugar de bem-aventurança). Há três moradas para ele, três sonhos; esta morada (o olho), esta morada (a garganta), esta morada (o coração).[32]

1.3.13. Ao nascer (quando o Ser Sublime entrou no corpo), ele examinou todas as coisas, para ver se alguma coisa desejava proclamar aqui outro (Ser).[33] Ele viu só essa pessoa (ele mesmo) como o Brahman amplamente difundido. "Eu o vi", assim ele falou;[34] portanto, ele era Idaṃdra (o que vê [ou percebe] isso).[35]

1.3.14. Tendo o nome de Idaṃdra, eles o chamam de Indra misteriosamente. Pois os Devas amam o mistério, de fato, eles amam o mistério.[36]

---

[28] ['A fala etc. são efeitos e servem a um mestre. O corpo é como uma cidade e deve haver um senhor da cidade. Ela é para o desfrutador. Então o desfrutador deve entrar no corpo'. – Śaṅkara].

[29] Ou, por qual dos dois caminhos eu devo entrar, um caminho sendo a partir do topo do pé (compare com o *Aitareya Āraṇyaka,* 2.1.4.1*), o outro a partir do crânio? Comentário.

[*'Brahman (na forma de prāṇa), entrou naquele homem pelas pontas dos seus pés, e porque Brahman entrou (*prāpadyata*) naquele homem pelas pontas dos pés, as pessoas as chamam de pontas dos pés (*prapada*), mas cascos e garras em outros animais'].

[30] ['O Senhor e Criador fendeu a cabeça onde o cabelo termina e entrou nesse fardo de causas e efeitos pelo caminho assim criado'. – Śaṅkara, Comentário, traduzido por S. Sitarama Sastri].

[31] ['A fenda' ou 'a entrada principal'].

[32] Passagens como essa sempre precisaram de uma interpretação oral, mas não é de modo algum certo que a explicação dada nos comentários representa realmente a antiga interpretação tradicional. Sāyaṇa explica as três moradas como o olho direito, em um estado de vigília; como a garganta, em um estado de sonho; como o coração, em um estado de sono profundo. Śaṅkara as explica como o olho direito, a mente interna, e o éter no coração. Sāyaṇa permite outra interpretação das três moradas, sendo o corpo do pai, o corpo da mãe, e o próprio corpo. Os três sonhos ou sonos ele explica por vigília, sonho e sono profundo, e ele observa que a vigília também é chamada de sonho em comparação com o verdadeiro despertar, que é o conhecimento de Brahman. Na última frase supõe-se que o orador, ao repetir três vezes 'esta morada', aponta para o seu olho direito, a garganta e o coração. Essa interpretação é apoiada por uma passagem na *Brahma-upaniṣad,* [v. 22].

[33] ['Ao nascer, Ele manifestou todos os seres; pois Ele falou (ou conheceu) qualquer outra coisa?' – Swami Gambhirananda].

[34] Nessa passagem, o que é muito obscura, Śaṅkara nos falha, seja porque, como diz Ānandajñāna, ele pensou que o texto era demasiado fácil para requerer alguma explicação, ou porque os escritores do manuscrito deixaram de fora a passagem. Ānandajñāna explica: "Ele olhou através de todas as criaturas, ele se identificou com elas, e pensou que ele era um homem, cego, feliz, etc.; ou, como é expresso em outros lugares, ele desenvolveu formas e nomes. E como é que esse erro surgiu? Porque ele não viu o outro, o verdadeiro Ser"; ou, literalmente, "Ele viu o outro Eu?" que é apenas uma figura de linguagem para transmitir o significado de que ele não o viu. O afixo *iti* deve, então, ser tomado em um sentido causal, (isto é, ele fez isso, porque o que mais ele poderia ter desejado proclamar?) Mas ele permite outra explicação: 'Ele considerou todos os seres, eles existissem por si mesmos ou não, e depois de ter considerado, ele chegou à conclusão: o que eu devo chamar de diferente do verdadeiro Eu?' As dificuldades reais, no entanto, não são removidas por essas explicações. A minha própria tradução é literal, mas não estou certo de que ela transmite o verdadeiro significado. Pode-se entendê-la como implicando que o Ser olhou em volta por todas as coisas para descobrir, 'O que deseja proclamar aqui um outro Eu?' E quando viu que não havia nada que não viesse dele mesmo, então ele reconheceu que o Puruṣa, a pessoa que ele tinha emitido, ou, como diríamos, a pessoa que ele havia criado, era o Brahman desenvolvido, era o Ātman, era ele mesmo.

[35] ['"Ele ao nascer conheceu e falou só dos Bhūtas. Como ele falaria de algum outro? Então ele viu o Puruṣa, o Brahman, onipresente. Ele disse 'Isso eu vi'". – S. Sitarama Sastri].

[36] ['Eles gostam de ficar incógnitos'. – S. Sitarama Sastri. 'Eles gostam de nomes indiretos'. - Swami Gambhirananda].

Capítulo 2

Seção 1

OS TRÊS NASCIMENTOS DO SER

2.1.1.[37] Realmente, desde o início ele (o ser) está no homem como um germe, que é chamado de semente. Essa (semente), que é a força reunida de todos os membros do corpo, ele (o homem) leva como o eu em seu eu (corpo). Quando ele entrega a semente à mulher, então ele (o pai), faz com que ela nasça. Esse é o seu primeiro nascimento.

2.1.2. Essa semente torna-se o eu da mulher, como se fosse um de seus próprios membros. Portanto, ela não a prejudica. Ela nutre o eu (do seu marido, o filho) dentro dela.

2.1.3. Aquela que nutre deve ser nutrida. A mulher carrega o germe [o embrião, o feto]. Ele (o pai) eleva[38] a criança, mesmo antes do nascimento, e imediatamente após.[39] Quando ele assim eleva a criança tanto antes quanto depois do seu nascimento, ele realmente eleva o seu próprio eu,[40] para a continuação desses mundos (homens). Pois assim esses mundos são continuados. Esse é o seu segundo nascimento.

2.1.4. Ele (o filho), sendo o seu eu, é então colocado em seu lugar para (a realização de) todas as boas obras. Mas o seu outro eu (o pai), depois de ter feito tudo o que tem que fazer, e tendo atingido a plena medida de sua vida, parte. E partindo daqui ele nasce novamente. Esse é o seu terceiro nascimento. E isso foi declarado por um Ṛṣi (ṚV. 4.27.1):

2.1.5. "Enquanto morava no útero, eu descobri todos os nascimentos desses Devas. Cem fortalezas de ferro me detinham, mas eu escapei para fora rapidamente como um falcão". Vāmadeva, encontrando-se no útero, dessa maneira declarou isso.

2.1.6. E tendo esse conhecimento ele adiantou-se,[41] após essa dissolução do corpo, e tendo realizado todos os seus desejos naquele mundo celeste tornou-se imortal, sim, ele tornou-se imortal.

---

[37] Alguns manuscritos começam este Adhyāya com a frase *apakrāmantu garbhiṇyaḥ*, 'Que as mulheres que estão com criança se afastem!' é contada como um parágrafo [e é omitida por mim em conformidade com as outras traduções].
[38] [Ou protege].
[39] Por nutrir a mãe, e através da realização de certas cerimônias, tanto antes quanto depois do nascimento de uma criança.
[40] [Protege a si próprio].
[41] ['Saltou para o alto' ou 'identificou-se com o Supremo', segundo outros tradutores].

Capítulo 3

Seção 1

3.1.1. Quem é aquele em quem nós meditamos como o Eu? O que[42] é o Eu? Aquilo pelo qual nós vemos (forma), aquilo pelo qual nós ouvimos (som), aquilo pelo qual nós percebemos cheiros, aquilo pelo qual nós proferimos palavras, aquilo pelo qual distinguimos doce e não doce,

3.1.2. E o que vem do coração e da mente, ou seja, a percepção, o comando, a compreensão, o conhecimento, a sabedoria, observação, retenção, pensamento, consideração, prontidão (ou sofrimento), memória, concepção, inclinação, respiração, amor, desejo? Não, tudo isso são apenas vários nomes do conhecimento.[43]

3.1.3. E esse Eu, que consiste em (conhecimento), é Brahman,[44] é Indra, é Prajāpati.[45] Todos esses Devas, esses cinco grandes elementos, terra, ar, éter, água, fogo, esses e aqueles que são, por assim dizer, pequenos e misturados,[46] e as sementes deste tipo e daquele, nascidas a partir de ovos, nascidas do útero, nascidas do calor, nascidas de germes,[47] cavalos, vacas, homens, elefantes, e tudo o que respira, que anda ou que voa, e o que é imóvel – tudo isso é guiado (produzido) pelo conhecimento. Isso se apoia no conhecimento. O mundo é guiado (produzido) pelo conhecimento. O conhecimento é sua causa.[48] O conhecimento é Brahman.[49]

3.1.4. Ele (Vāmadeva), tendo por esse Eu consciente saído deste mundo, e tendo obtido todos os desejos naquele mundo celeste, tornou-se imortal, sim, ele tornou-se imortal. Assim é, Om.

---

[42] Ou, 'Qual dos dois, o real ou o fenomenal, o *nirupādhika* [sem atributos ou qualidades, absoluto] ou *sopādhika* ['com *upādhis'*, isto é, com atributos]'?
[43] [Inteligência, sabedoria, consciência, segundo outros tradutores].
[44] Hiraṇyagarbha. Comentário.
[45] Virāj. Comentário.
[46] Serpentes, etc., diz o comentário.
[47] Compare com a *Chāndogya Upaniṣad*, 6.3.1, onde *svedaja*, os nascidos do calor ou transpiração, não são mencionados.
[48] ['Tudo o que o homem não conhece não existe para ele'].
Nós não temos palavras para distinguir entre *prajñā*, estado de conhecer, e *prajñāna*, ato de conhecer. Ambos são nomes do Altíssimo Brahman, que é o início e o fim (*pratiṣṭhā)* de tudo o que existe ou parece existir.
[49] ['Todos esses têm a consciência como causadora de sua realidade; todos esses são impelidos pela consciência; o universo tem a consciência como seu olho e a consciência é seu fim. A consciência é Brahman'. - Swami Gambhirananda].

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina a Aitareyopaniṣad, como contida no Ṛgveda.

Akṣamālika Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 67*. Śaiva)

Introdução

A presente tradução da ‘Upaniṣad das Contas de Rosário’ provém da de K. Srinivasan.[1] Seu autor é desconhecido.

Esta Upaniṣad[2] em forma de diálogo trata do rosário (*Akṣamālā*) usado para o japa, a repetição de preces ou mantras, composto de contas que representam os 50 sons (ou letras) do alfabeto sânscrito de *a* até *kṣa*, daí seu nome. *Akṣa* (entre outros significados) quer dizer semente, e *mālā* quer dizer cordão de contas, colar, rosário.

O verso 5 dá o nome dos sons, seus epítetos e/ou poderes específicos. ‘Um som seguido por *kāra* é o nome daquele som, mas com um *a* interposto no caso das consoantes, não do *visarjanīya*, *jihvāmūlīya*, *upadhmānīya*, *anusvāra*, e dos *nāsikyas*’.[3] A modificação dos nomes dos sons da tradução disponível em inglês (link na nota 1) para esta é minha total responsabilidade. Todas as notas aos pés dás páginas foram incluídas por mim.

Eleonora Meier.
Agosto de 2016.

Invocação[4]

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

* Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera as 108 Upaniṣads.
[1] Disponibilizada neste site (consultado em agosto de 2016).
[2] Upaniṣad significa ‘sentar-se aos pés de outro para ouvir suas palavras’, ‘mistério que jaz ou repousa sob o sistema externo de coisas’, ‘doutrina esotérica’, ‘palavras de mistério’, entre outros significados semelhantes, e dá nome a ‘uma classe de escritos filosóficos que têm como objetivo expor o significado secreto do Veda, e elas (as Upaniṣads) são consideradas como a fonte das filosofias Vedānta e Sāṃkhya’. – *Dicionário Sânscrito-Inglês Monier-Williams.*
[3] *Taittirīya-Prātiśākhya*, Parágrafo 1, versos 16-18, disponível neste site (consultado em agosto de 2016).
[4] Cada *Upaniṣad* começa com uma prece, o *Śānti Mantra* (Mantra da Paz), uma fórmula para a invocação de paz, cantada no início e no fim do estudo.

1. Então o Prajāpati (Criador) questionou Guha: "Oh Senhor, (por favor) me diga as regras sobre o rosário de contas. Qual é sua característica? Quantas variedades de rosários há? Quantos fios (um rosário) contém? Como ele deve ser feito? Quais são suas cores? Como ele é consagrado? Qual divindade o preside? E qual é o benefício (de usá-lo)?"

2. Guha respondeu: "(Ele é feito de qualquer um dos dez materiais seguintes:) Coral, Pérola, Cristal, Concha, Prata, Ouro, Sândalo, Putra-Jīvikā,[5] Lótus ou Rudrākṣa.[6] Cada cabeça deve ser dedicada e pensada como presidida pelas divindades de Akāra até Kṣakāra.[7] Um fio de ouro deve ligar as contas através dos furos. À direita (capas) de prata[8] e de cobre à esquerda. A face de uma conta deve ficar de frente para a face de outra conta e a cauda para a cauda. Assim, uma formação circular deve ser feita.

3. O fio interno deve ser considerado como Brahma (o Ser Supremo). A capa de prata do lado direito deve ser considerada o lugar de Śiva e as capas de cobre como pertencentes a Viṣṇu. A face deve ser pensada como Sarasvatī e a cauda como Gāyatrī. O buraco é o Conhecimento. O nó deve ser pensado como a natureza. As contas que representam as vogais devem ser brancas (visto que representam o guṇa sáttvico). As que representam as consoantes mudas devem ser amareladas (já que elas são o resultado da mistura de Sattva e Tamas). O pêndulo deve ser de cor vermelha[9] (visto que eles são rajásicos).

4. Em seguida (depois de meditar dessa maneira sobre as divindades presidentes em diferentes partes do rosário) o banhe (ou o limpe) no leite obtido de cinco tipos de vacas (como Nanda); e depois em Pañca-gavya (um líquido santificado preparado com esterco de vaca, urina de vaca, manteiga, coalhada e leite) e grama darbha imersa em água, e então em Pañca-gavya individual (nas cinco coisas acima citadas separadamente) e em água de sândalo. Em seguida, borrife água com grama darbha proferindo Oṃkāra. Cubra-o com oito (pastas) perfumadas de oito (substâncias de cheiro doce como sândalo, kastūrī[10] etc.,). Coloque-o sobre flores. Medite (todas) as letras do rosário (ou cada letra em cada conta).

---

[5] Isto é, sementes da árvore Nageia.

[6] Isto é, sementes da árvore Rudrākṣa (Elaeocarpus ganitrus).

[7] Ou seja, do primeiro som (a) até o último (kṣa), o nome de cada um sendo composto por ele mesmo seguido de *kāra* (veja o § 3 da Introdução).

[8] Veja ao lado um exemplo de Rudrākṣamālā com capas de prata dos dois lados:

[9]

[10] Almíscar.

5. Om Akāra, o conquistador da morte, Onipresente, estabelece-te na 1ª cabeça!
Om Ākāra, o da natureza da atração, encontrado em toda parte, estabelece-te na 2ª cabeça!
Om Ikāra, o doador de riqueza e firmeza, estabelece-te na 3ª cabeça!
Om Īkāra, a criador de clareza em discurso e o Claro, estabelece-te na 4ª cabeça!
Om Ukāra, o que dá força, a essência de tudo, estabelece-te na 5ª cabeça!
Om Ūkāra, o que afasta os maus espíritos, o intolerável, estabelece-te na 6ª cabeça!
Om Ṛkāra,[11] o que perturba (a desordem), o Movente, estabelece-te na 7ª cabeça!
Om Ṝkāra, o que ilude, o refulgente e brilhante, estabelece-te na 8ª cabeça!
Om Ḷkāra, o inimigo, o devorador de tudo o mais (ou o que esconde tudo), estabelece-te na 9ª cabeça!
Om Ḹkāra, o ilusório, estabelece-te na 10ª cabeça!
Om Ekāra, o que atrai a todos, Śuddha-sattva, estabelece-te na 11ª cabeça!
Om Aikāra, o Nobre e Puro (Śuddha-sāttvika), que atrai os seres humanos, estabelece-te na 12ª cabeça!
Om Okāra, a (base) de todo discurso, eternamente puro, estabelece-te na 13ª cabeça!
Om Aukāra, da natureza da fala, capaz de atrair os pacíficos, estabelece-te na 14ª cabeça!
Om Aṁkāra, capaz de atrair elefantes etc., atrativo, estabelece-te na 15ª cabeça!
Om Aḥkāra, capaz de destruir a morte terrível, estabelece-te na 16ª cabeça!
Om Kakāra, o removedor de todo veneno, concessor de auspiciosidade, estabelece-te na 17ª cabeça!
Om Khakāra, o atormentador (ou perturbador) que se espalha por toda parte, estabelece-te na 18ª cabeça!
Om Gakāra, o que derruba todos os obstáculos, o maior, estabelece-te na 19ª cabeça!
Om Ghakāra, o que dá [conversação] (sāmbhāṣya), entorpecedor, estabelece-te na 20ª cabeça!
Om Ṅakāra, o destruidor de todos os venenos, o forte, estabelece-te na 21ª cabeça!
Om Cakāra, o destruidor de [feitiços] (abhicāra), cruel, estabelece-te na 22ª cabeça!
Om Chakāra, o destruidor de gnomos, aterrorizante, estabelece-te na 23ª cabeça!
Om Jakāra, o destruidor de [feiticeiras ou feitiços] (kṛtyās - abhicāra), irreprimível, estabelece-te na 24ª cabeça!
Om Jhakāra, o destruidor de [duendes] (bhūtas), estabelece-te na 25ª cabeça!
Om Ñakāra, o agitador de [doenças ou morte] (mṛtyu), estabelece-te na 26ª cabeça!
Om Ṭakāra, o removedor de todas as doenças, o Benigno, estabelece-te na 27ª cabeça!
Om Ṭhakāra, da natureza da lua, estabelece-te na 28ª cabeça!
Om Ḍakāra, a alma de Garuḍa, removedor de venenos, estabelece-te na 29ª cabeça!

---

[11] Esse e os três seguintes foram os únicos nomes que me causaram dúvidas ao alterá-los, mas, devido à sequência dos sons no alfabeto deduzi que correspondem aos nomes dos sons ṛ ṝ ḷ ḹ.

Om Ḍhakāra, o concessor de toda riqueza, o Bondoso, estabelece-te na 30ª cabeça!
Om Ṇakāra, o dador de todos os sucessos (siddhis), o enganador, estabelece-te na 31ª cabeça!
Om Takāra, o dador de riqueza e grãos, o que agrada, estabelece-te na 32ª cabeça!
Om Thakāra, o que atrela com dharma, irrepreensível, estabelece-te na 33ª cabeça!
Om Dakāra, o promotor de crescimento, com olhares agradáveis, estabelece-te na 34ª cabeça!
Om Dhakāra, o destruidor do sofrimento mundano (viṣajvara), o Expansivo, estabelece-te na 35ª cabeça!
Om Nakāra, o concessor de prazer e libertação, Pacífico, estabelece-te na 36ª cabeça!
Om Pakāra, o destruidor de veneno e obstruções, o Evoluído, estabelece-te na 37ª cabeça!
Om Phakāra, o concessor de oito siddhis, como forma atômica, obtenção de volume, natureza refulgente etc., estabelece-te na 38ª cabeça!
Om Bakāra, o removedor de todos os defeitos, o Auspicioso, estabelece-te na 39ª cabeça!
Om Bhakāra, Aquele que acalma os duendes, o Aterrorizante, estabelece-te na 40ª cabeça!
Om Makāra, o enganador de inimigos, estabelece-te na 41ª cabeça!
Om Yakāra, o Onipresente, o Purificador, estabelece-te na 42ª cabeça!
Om Rakāra, o Ardente, o de forma estranha, estabelece-te na 43ª cabeça!
Om Lakāra, o ouvinte do mundo, o Refulgente, estabelece-te na 44ª cabeça!
Om Vakāra, o Onipenetrante, o mais nobre, estabelece-te na 45ª cabeça!
Om Śakāra, o dador de todos os resultados, o Santificador, estabelece-te na 46ª cabeça!
Om Ṣakāra, o que dá virtude, riqueza e prazer, ..., estabelece-te na 47ª cabeça!
Om Sakāra, a causa de tudo, a corrente subjacente de todas as letras, estabelece-te na 48ª cabeça!
Om Hakāra, a base de todo discurso, o Puro, estabelece-te na 49ª cabeça!
Om Ḷakāra, o concessor de todo poder, o Supremo, estabelece-te na 50ª cabeça!
Om Kṣakāra, Aquele que instrui sobre as categorias principais e secundárias do mundo, da natureza do esplendor Supremo, estabelece-te firmemente na gema do topo!
Mṛtyu não só significa morte, mas descuido, e a consequente desatenção que desvia do caminho da espiritualidade. Por isso ajñāna, necedade e os perigos corporais como a fome etc., também são citados como Mṛtyu.
Dessa maneira a invocação de sílabas sagradas (āvāhana), seus espíritos e a divindade que confere uma bênção específica e da natureza de uma forma específica devem ser invocadas na primeira cabeça – à direita da cabeça central. A invocação deve ser feita circularmente e terminar na joia do topo.

6. Então deve-se dizer "Saudações aos deuses que se encontram e se movem sobre a terra! Estabeleçam-se firmemente neste rosário e abençoem a nós e aos antepassados também, depois de se estabeleceram no Akṣa-mālika concedam-nos auspiciosidade e coisas boas!"

7. Então deve-se dizer "Saudações aos deuses que se encontram e se movem na atmosfera! Estabeleçam-se firmemente neste rosário e abençoem a nós e aos antepassados também, depois de se estabeleceram no Akṣa-mālika concedam-nos auspiciosidade e coisas boas!"

8. Então deve-se dizer "Saudações aos deuses que se encontram e se movem no céu! Estabeleçam-se firmemente neste rosário e abençoem a nós e aos antepassados também, depois de se estabeleceram no Akṣa-mālika concedam-nos auspiciosidade e coisas boas!"

9. Então deve-se dizer "Saudações aos sete crores de mantras e às sessenta e quatro artes" e invocar os seus poderes no rosário.

10. Então deve-se dizer "Saudações a Brahma, Viṣṇu e Śiva" e invocar os seus poderes no rosário.

11. Então deve-se dizer: "Saudações aos trinta e seis Tattvas (as categorias fundamentais)" e invocar a presença dos melhores Tattvas nele, rezando para que eles tornem o rosário capaz de produzir o fruto desejado como uma vaca divina (Kāmadhenu).

12. Então deve-se dizer: "Saudações às centenas de milhares de shivaístas, vaishnavas e shaktas[12] (e buscar suas bênçãos e permissão para usar o rosário:) fiquem satisfeitos e permitam-me usar".

13. Então deve-se dizer: "Saudações aos poderes de Mṛtyu, que todos vocês me façam feliz, feliz!"

14. Então, meditando sobre o rosário como representando tudo como a forma de Deus, deve-se começar a tocar voltado para o leste, sentindo-se grato por seu auxílio e tocar as cabeças (contas) 108 vezes.

15. Então levantando-se, colocando-o (sobre flores), circungirando [deve-se] proferir o seguinte encantamento: "Om, oh Deusa, saudações, mãe de todos os mantras das formas de letras, rosário de contas; Aquele que atrai a todos, Saudações! Oh Deusa Mātrikā Mantra [Om], rosário de contas, que entorpece a todos, saudações! Oh Deusa, a removedora de abhicāras, saudações! Oh Deusa, Eterna, a que vence a ignorância, a iluminadora de tudo, protetora do todo o mundo, que dá vida para todo o mundo, criadora de tudo, ordenadora do dia, ordenadora da noite, movedora para outros rios, movedora para outros lugares, movedora para outras ilhas, movedora para outros mundos, que brilha em todos os lugares sempre, a que ilumina todos os corações!
Saudações a você da forma de Parā![13]
Saudações a você da forma de Paśyantī!
Saudações a você da forma de Madhyamā!
Saudações a você da forma de Vaikharī!
Saudações! Saudações a você da natureza de todos os Tattvas, todo o conhecimento, da natureza de todos os poderes, da natureza de todo o bem, adorada pelo sábio Vasiṣṭha, acompanhada pelo sábio Viśvāmitra!

16. Se alguém estuda essa [Upaniṣad] de manhã, os pecados da noite são destruídos. Se alguém a estuda no crepúsculo noturno, os pecados feitos de dia são destruídos. Aquele que a lê de manhã e à noite, mesmo se for um pecador,

---

[12] Respectivamente, os que adoram Śiva, Viṣṇu e a Deusa (Śakti).
[13] O primeiro dos quatro estágios da produção do som ou fala: o estado imanifesto. Os seguintes são o estágio mental = ideia; o intelectual = pensamento formulado, e aquele expresso em palavras.

fica livre dos pecados. Os mantras recitados com o rosário dão benefícios imediatamente".

Assim disse Guha para Prajāpati. Assim termina a Upaniṣad.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Akṣamālikopaniṣad, como contida no Ṛgveda.

Ātma-Bodha Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 42*. Sāmānya Vedānta)

Introdução

'Essa Upaniṣad trata de instrução átmica', ou seja, do conhecimento da alma ou espírito supremo. Podemos então chamá-la de 'Palavras de Mistério (Upaniṣad) sobre o conhecimento, percepção ou despertar (bodha) da alma ou espírito Supremo (Ātman)'.

Não se fala sobre seu autor, mas há uma obra também chamada Ātma-Bodha de autoria de Śaṅkarācārya, também disponível para download em português.

Esta tradução provém daquela de K. Nārāyaṇasvāmī Aiyar, (*Thirty Minor Upaniṣads*, Madras, 1914), exceto pela Invocação abaixo, que é encontrada igualmente em várias traduções em inglês, e a numeração vem da tradução de A. G. Krishna Warrier, sendo conjectural de minha parte no capítulo 2.

Eleonora Meier.
Setembro de 2016.

Invocação[1]

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

* Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera as 108 Upaniṣads.
[1] Cada *Upaniṣad* começa com uma prece, o *Śānti Mantra* (Mantra da Paz), uma fórmula para a invocação de paz, cantada no início e no fim do estudo.

1.1. Om. Reverências a Nārāyaṇa que porta a concha, o disco e a maça,[2] por quem o iogue é libertado da escravidão do ciclo de renascimentos através da declaração daquele que tem a forma de Pravaṇa, o Om, composto pelas três letras A, U e M, que é a bem-aventurança uniforme e que é o Brahmapuruṣa (Puruṣa). Om. Portanto, o recitador do Mantra 'Om-namo-Nārāyaṇāya'[3] chega ao mundo Vaikuṇṭha.

1.2-4. Ele é o coração do Kamala (lótus), isto é, a cidade de Brahman. Ele é refulgente como um relâmpago, brilhante como uma lâmpada. Ele é Brahmaṇya (o que preside a cidade de Brahman), isto é, o filho de Devakī. É Brahmaṇya que é Madhusūdana (o matador de Madhu). É Brahmaṇya que é Puṇḍarikākṣa (de olhos de lótus). É Brahmaṇya, Viṣṇu que é Acyuta (o indestrutível).

1.5. Aquele que medita sobre esse único Nārāyaṇa que está latente em todos os seres, que é o Puruṣa causal, que é sem causa, que é Parabrahman, o Om, que não tem dores nem ilusão e que é onipenetrante – esse homem nunca está sujeito a dores. De dual, ele se torna o destemido não-dual. Quem quer que veja esse (mundo) como múltiplo (com as diferenças de eu, você, ele, etc.), passa de morte em morte.

1.6-8. No centro do lótus do coração está Brahman, que é o Todo, que tem Prajñā[4] como Seu olho e que está estabelecido em Prajñāna[5] somente. Para as criaturas, Prajñāna é o olho e Prajñā é a sede. É só Prajñāna que é Brahman. Uma pessoa que medita (dessa maneira) deixa este mundo através de Prajñāna, o Ātman, e ascendendo realiza todos os seus desejos no Svarga Supremo imortal. Oh! Eu rezo a Ti, coloca-me naquele mundo infalível que transborda néctar, onde Jyotis (a luz) sempre brilha e onde se é venerado. (Não há dúvida de que) ele obtém néctar também. Om-namaḥ.

2.1-2. Eu não tenho Māyā. Eu sou incomparável. Eu sou unicamente a coisa que é da natureza da sabedoria. Eu não tenho Ahaṅkāra (sentimento de eu). Eu não sou diferente do universo, Jīva e Īśvara. Eu sou o Supremo que não é diferente de Pratyagātma (Ātman individual). Para mim as leis e proibições foram destruídas sem deixar vestígios. Por mim os āśramas (observâncias de vida) foram completamente abandonados. Eu sou da natureza da sabedoria vasta e toda plena. Eu sou aquele que é a testemunha e sem desejos. Eu resido em Minha glória somente. Eu não me movimento. Eu não tenho velhice, nem destruição, nem as diferenças de Meu partido ou de outro. Eu tenho a sabedoria como a essência principal. Eu sou o puro oceano de felicidade chamado salvação. Eu sou o sutil. Eu não tenho alterações.

2.3. Eu sou meramente Ātman, sem a ilusão de qualidades. Eu sou a Sede desprovida dos três Guṇas. Eu sou a causa dos muitos mundos em (Meu) estômago. Eu sou o Kūṭastha-Caitanya (Mente Cósmica Suprema). Eu tenho a forma da Jyotis (luz) livre de movimento. Eu não sou aquele que pode ser conhecido por inferência. Só eu sou pleno. Eu tenho a forma da salvação

---

[2] Śaṅkha, cakra e gadā.
[3] O Upāsaka, o adorador.
[4] Prajñā: sabedoria, inteligência, conhecimento, discernimento, raciocínio etc.
[5] Na *Māṇḍūkya Upaniṣad* é dito que Prajñā é o Jīva no terceiro estado e que Prajñāna é seu atributo. Prajñāna é Prakarṣa Jñāna ou sabedoria especial, isto é, de examinar o passado e o futuro.

imaculada. Eu não tenho membros nem nascimento. Eu sou a essência que é a própria Existência [Sat].

2.4. Eu sou da natureza da verdadeira sabedoria sem limite. Eu sou o estado de felicidade excelente. Eu sou Aquele que não pode ser diferenciado. Eu sou o que permeia tudo e sem mácula. Eu sou apenas a ilimitada e infinita Sattva. Eu sou digno de ser conhecido através do Vedānta. Eu sou o único digno de ser adorado. Eu sou o coração de todos os mundos. Eu sou repleto de Bem-aventurança Suprema. Eu sou da natureza da felicidade, que é a Bem-Aventurança Suprema. Eu sou puro, sem segundo, e eterno. Eu sou desprovido de início. Eu sou livre dos três corpos (grosseiro, sutil e causal). Eu sou da natureza da sabedoria. Eu sou o Emancipado. Eu tenho uma forma extraordinária. E sou livre de impurezas. Eu sou o Único latente (em todos). Eu sou o Ātman uniforme de Sabedoria [Vijñāna] eterna. Eu sou a refinada Verdade Suprema. Eu sou da natureza da Sabedoria-Bem-Aventurança sem par.

2.5. Embora eu me reconheça como o Ātman sem segundo por meio de sabedoria discriminativa e razão, ainda assim é encontrada a relação entre escravidão e salvação. Embora para Mim o universo tenha desaparecido, ainda assim ele brilha como verdadeiro sempre. Como a verdade na (concepção ilusória de uma) cobra, etc., na corda, assim só a verdade de Brahman existe, e é o substrato sobre o qual este universo está vibrando. Portanto, o universo não existe. Assim como o açúcar é encontrado permeando todo o suco de açúcar (do qual o açúcar é extraído), assim eu estou inteiramente nos três mundos sob a forma do Brahman não-dual.

2.6. Como as bolhas, ondas, etc., no oceano, assim todos os seres, de Brahmā até o verme, são formados em Mim; como o oceano não anseia pelo movimento das ondas, assim para mim não há anseio pela felicidade dos sentidos, sendo eu mesmo da forma da Bem-Aventurança (espiritual). Como em uma pessoa rica o desejo de pobreza não surge, desse modo, em mim que estou imerso em Felicidade Brâmica, o desejo de felicidade sensual não pode surgir. Uma pessoa inteligente que vê veneno e néctar rejeita o veneno; assim, tendo reconhecido Ātman, eu rejeito aqueles que são não-Ātman. O sol que ilumina o vaso (por dentro e por fora) não é destruído com a destruição do vaso; igualmente a Sākṣin (testemunha) que ilumina o corpo não é destruída com a destruição do corpo.

2.7. Para mim não há servidão; não há salvação, não há livros, não há Guru; pois esses brilham através da Māyā e eu passei por eles e sou sem segundo. Que os Prāṇas (ares vitais) de acordo com as suas leis sejam flutuantes. Que Manas (a mente) seja soprada para cá e para lá pelo desejo. Como as dores podem afetar a Mim que sou, por natureza, cheio de Bem-Aventurança? Eu realmente conheci o Ātman. A minha Ajñāna [ignorância] voou para longe. O egoísmo de ser aquele que age me deixou. Não há nada que eu ainda deva fazer. Deveres de brâmane, família, gotra (clã), nome, beleza e classe – todos esses pertencem ao corpo grosseiro e não a mim, que não tenho nenhum limite (de corpo). Inércia, amor e alegria – esses atributos pertencem ao corpo causal e não a mim, que sou eterno e de natureza imutável.

2.8. Assim como uma coruja vê só escuridão no sol, assim um tolo vê apenas escuridão na Bem-Aventurança Suprema autobrilhante. Se as nuvens escondem a visão, um tolo pensa que não há sol; assim uma pessoa encarnada cheia de Ajñāna acha que não há Brahman. Assim como o que é néctar que é diferente do veneno não se mistura com ele, assim eu, que sou diferente da matéria inerte,

não me misturo com suas máculas. Como a luz de uma lâmpada, ainda que pequena, dissipa imensa escuridão, desse modo a sabedoria, ainda que pequena, faz Ajñāna, embora imensa, perecer.

2.9. Assim como (a ilusão) da serpente não existe na corda em todos os três períodos de tempo (passado, presente e futuro), assim o universo, de Ahaṅkāra até o corpo, não existe em Mim que sou o Único não-dual. Sendo da natureza da Consciência, não existe inércia em Mim. Sendo da natureza da verdade, não há inverdade em mim. Sendo da natureza da Felicidade, não há tristeza em mim. É através de Ajñāna que o universo brilha como verdade.

2.10. Todo aquele que recita essa Ātma-Bodha Upaniṣad por um Muhūrta (48 minutos) não nasce novamente – de fato, não nasce novamente.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Ātmabodhopaniṣad, como contida no Ṛgveda.

Bahvṛca Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 107*. Śākta)

Bahvṛca quer dizer ‘alguém familiarizado com o Ṛgveda, um sacerdote dele ou o sacerdote Hotṛ que o representa nas cerimônias sacrificais’. – Monier-Williams. Então esta é ‘a Upaniṣad daquele que conhece o Ṛgveda’. Nem seu autor nem sua data de composição são conhecidos.

Esta tradução vem da tradução em inglês de A. G. Krishna Warrier, publicada por *The Theosophical Publishing House*, Chennai.

As notas e os termos entre colchetes são inclusões minhas.

Eleonora Meier.
Outubro de 2016.

Esse arquivo foi atualizado em dezembro de 2016 para a inclusão das notas e dos subtítulos da tradução em inglês.
E. M.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

* Da lista da *Muktikopaniṣad,* que nos versos 30–39 enumera 108 Upaniṣads.

A essência do Poder da Consciência

1. Om. A Deusa[1] era de fato uma no início. Sozinha ela emitiu o ovo do mundo. (Ela) é conhecida como Parte do Amor (= *īm*)[2]. (Ela) é conhecida como o meio instante silábico após Om[3].

O Poder da Consciência é a causa de tudo

2. Dela Brahmā nasceu, Viṣṇu nasceu, Rudra nasceu. Todos os deuses do vento [*marudgaṇā*, as tropas de Maruts] nasceram, os menestréis celestes [gandharvas], ninfas [apsaras], seres semi-humanos que tocam instrumentos [kiṃnaras], nasceram (dela), por toda parte. O que é desfrutado nasceu; tudo nasceu (dela). Tudo de Poder nasceu (dela). Os nascidos do ovo, nascidos do suor, nascidos de semente, os nascidos do ventre, tudo o que respira aqui, os fixos bem como os que se movem e o homem nasceram (dela).

A contemplação do Poder da Consciência como o mundo e os sentidos

3. Ela, aqui, é o Poder Supremo. Ela, aqui, é a ciência de Śambhu[4], (conhecida) ou como a ciência [vidyā] que começa com ka[5], ou como a ciência que começa com ha[6], ou como a ciência que começa com sa[7]. Ela é o Om secreto [Nirguṇa Brahman] baseado na [ou dentro da] palavra[8] Om.

---

[1] Devī ou a Deusa é nesta passagem identificada com Om, o símbolo tanto do Nirguṇa Brahman quanto do Saguṇa Brahman [ou seja, do Brahman sem qualidades e com qualidades]. Om, como tal, é a causa materna do mundo, e o que é identificado com ele, isto é, a Deusa, é também consequentemente descrito como a causa do mundo.

[2] [Veja o § 6 da nota 7].

[3] [O termo] *Śṛṅgārakalā* [*śṛṅgāra* = amor (como 'o cornudo' ou 'o forte') paixão sexual ou desejo ou prazer, e kalā = (em prosódia) um instante silábico] é explicado como o que segue o Om, são os 'chifres' ou 'picos' por assim dizer do substrato plano na Realidade. Sua ponta ou *aram* é a meia-sílaba que se supõe que segue o Om, com o qual a Deusa é identificada.

[4] Śambhu significa Deus, a fonte do Bem. Deus como Śambhu é considerado o Mestre de todas as ciências ou *vidyās*.

[5] A ciência que começa com *ka* é *ka e ī la hrīm.*

[6] A ciência que começa com *ha* é *ha sa ka ha la hrīm.*

[7] A ciência que começa com *as* é *sa ka la hrīm.* Essas três são fragmentos separados da ciência integral de cinco sílabas formada por unir todas elas.

["O Śrīvidyā-mantra é conhecido sob três formas: *kādi* (que começa com *ka*), *hādi* (que começa com *ha*), e *sādi* associados a Śri Manmatha, Lopāmudrā e Durvāsā respectivamente. O mantra é dividido em três partes, que representam três seções (*kūṭa* ou *khaṇḍa*) da imagem da Deusa: *vāgbhavakūṭa*, *kāmarājakūṭa* e *śaktikūṭa*.

A *kādividyā* de Śri Manmatha:	*ka e ī la hrīm* (vāgbhavakūṭa)
	ha sa ka ha la hrīm (kāmarājakūṭa)
	sa ka la hrīm (śaktikūṭa)
A *hādividyā* de Lopāmudrā:	*ha sa ka la hrīm* (vāgbhavakūṭa)
	ha sa ja ha la hrīm (kāmarājakūṭa)
	sa ka la hrīm (śaktikūṭa)
A *sādividyā* de Durvāsā:	*sa e ī la hrīm* (vāgbhavakūṭa)
	sa ha ka ha la hrīm (kāmarājakūṭa)
	sa ka la hrīm (śaktikūṭa)

O estudioso do séc. XVIII Bhāskarāya afirmava que o Śrīvidyā-mantra é aludido no Ṛgveda 5.47.4 onde é dito: *catvāra īṃ bibharti kṣemayantaḥ*, 'aquele com quatro *īṃs* confere benefício'. O *kādi* mantra (*pañcadaśākṣarī)* tem quatro vogais ī longas. Segundo alguns, o mantra de dezesseis sílabas (*ṣoḍaśākṣarī)* é obtido por acrescentar a sílaba-semente (*bījākṣara*) *śrīṃ* ao mantra de quinze sílabas". – Subhash Kak, *A Grande Deusa Lalitā e o Śrī Cakra*].

[8] *Om vāc* no texto denota o reino das palavras gerado pelo Om. O primeiro Om no texto denota a Deusa como identificada com o Nirguṇa Brahman, como tal, ela vive no reino das palavras como seu *vācya* ou significado.

4. Permeando as três cidades [Tripura[9]], os três corpos[10], iluminando por dentro e por fora, Ela, a Consciência interna, torna-se a Mahā-Tripura-Sundarī, estando associada com o espaço, o tempo e os objetos.

O Poder da Consciência é não-dual

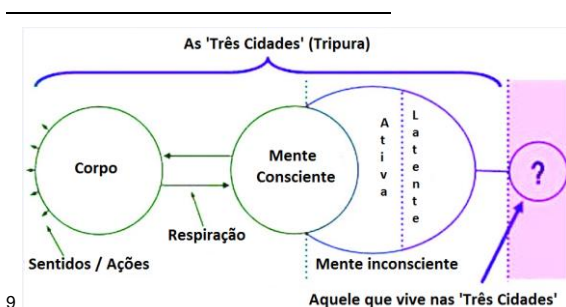
5. Só Ela é Ātman. Diferente dela é a inverdade, não-eu. Por isso Ela é a Consciência de Brahman, livre (até) de um traço de ser e não-ser. Ela é a Ciência[11] da Consciência, Consciência não-dual de Brahman, uma onda de Existência-Consciência-Beatitude [saccidānanda]. A Beleza das três grandes cidades, penetrante por fora e por dentro, é resplandecente, não-dual, autossubsistente. O que é, é pura Existência; o que brilha é pura Consciência; o que é estimado é Beatitude. Então aqui está a Mahā-Tripura-Sundarī que assume todas as formas. Você e eu e todo o mundo e todas as divindades e tudo além disso é a Mahā-Tripura-Sundarī. A única Verdade é a coisa chamada 'a Bela'. Ela é o Brahman não-dual, total, supremo.

6. A forma quíntupla[12] abandonada, e os efeitos[13] como o espaço transcendidos, resta o único, o grande ser, a Base suprema, a única Verdade.

Contemplação da Unidade da Consciência interna e suprema

7. É declarado que 'Brahman é Consciência' ou que 'Eu sou Brahman'. Em diálogo é dito: 'Tu és Aquilo'; ou 'Este Ātman é Brahman'; ou 'Eu sou Brahman'; ou 'Eu sou Brahman sem par'.

8. Ela que é contemplada como 'Aquilo que eu sou' ou 'Eu sou Ele' ou 'O que Ele é aquilo eu sou', é a Ṣodaśī, a Ciência de Śrī [Śrīvidyā], a (ciência) de quinze sílabas [Pañcadaśākṣarī], a sagrada Mahā-Tripura-Sundarī, a Virgem, a Mãe, Bagala, a Mātaṃgī, a auspiciosa que escolhe o seu próprio parceiro, a senhora do mundo, Cāmuṇḍā, Caṇḍā, o Poder do Javali, Aquela que encobre, a régia Mātaṃgī, escura como um papagaio, levemente escura, montada em um cavalo; oposta a Aṅgiras [Pratyaṅgirā]; de estandarte de fumaça [Dhūmāvatī]; Poder de Sāvitrī, Sarasvatī, Gāyatrī, parte de bem-aventurança brâmica.

Só Brahman deve ser conhecido principalmente

9

Fonte: Bahvricha Upanishad. Disponível em < http://www.swamij.com/upanishad-bahvricha.htm >, consultado em 06/10/2016.

10 Os três corpos são o grosseiro, o sutil e o causal, com relação ao indivíduo e à sua contraparte cósmica.

11 *Vidyā* do começo ao fim foi traduzida como 'ciência' assim como *avidyā* é necedade.

12 A forma quíntupla parece significar a suprema causa do mundo em relação às funções cósmicas de criação, sustentação, retração, supressão de todas as relatividades e reserva de sementes para outra criação cósmica. Os aspectos divinos envolvidos são chamados de Dhātṛ, Hari, Rudra, Īśa, Sadāśiva.

13 *Arva* no texto significa 'efeitos', isto é, os cinco elementos como *ākāśa*, *vāyu*, etc. e seus compostos grosseiros.

9. Os cânticos de louvor habitam a esfera mais alta, onde habitam todos os deuses; com Ṛc o que fará aquele que não sabe isso? Aqueles que conhecem isso bem, eles vivem todos bem; esta é a ciência secreta.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina a Bahvṛcopaniṣad, incluída no Ṛgveda.

Kauṣītaki (Brāhmaṇa) Upaniṣad

(Ṛgveda. Nº 25.[1] Sāmānya Vedānta ou Mukhya[2])

‘Kauṣītaki ('Descendente de Kuṣītaka') é o patronímico de um professor, ou uma série de professores, a quem as doutrinas estabelecidas no Kauṣītaki Brāhmaṇa, no Śāṅkhāyana Āraṇyaka e nos Śrauta e Gṛhya Sūtras são atribuídas’. – *Índice Vêdico de Nomes e Assuntos*.

‘Embora seja chamada de Kauṣītaki Brāhmaṇa Upaniṣad, ela não faz parte do Kauṣītaki-Brāhmaṇa de 30 adhyāyas que possuímos, e devemos, portanto, explicar o seu nome por admitirmos que o Āraṇyaka, do qual ela fazia parte, poderia ser considerado como parte da literatura Brāhmaṇa do Ṛgveda, e que, portanto, a Upaniṣad pode ser chamada de Upaniṣad do Brāhmaṇa dos Kauṣītakins’. – Max Müller.

Essa tradução em português provém da de Max Müller, publicada nos Livros Sagrados do Oriente (SBE), Vol. 1, (1879). A Introdução abaixo é do comentador Śaṃkarānanda (que foi o guru de Sāyaṇa, o grande comentador dos Vedas), apresentada por Paul Deussen na obra ‘Sessenta Upaniṣads do Veda’ (*Sixty Upanishads from the Veda),* traduzida do alemão para o inglês por V. M. Bedekar e G. B. Palsule.

Os títulos e subtítulos vêm da tradução de Robert Ernest Hume, que traduziu ‘As Treze Upaniṣads Principais’, (*The Thirteen Principal Upanishads*), isto é, as Daśopaniṣads (as dez Upaniṣads comentadas por Ādi Śaṅkara) mais as três também consideradas como principais por outros estudiosos. A Invocação vem da tradução de A. G. Krishna Warrier, publicada por The Theosophical Publishing House, Chennai.

A abundância de notas se faz necessária devido às diferentes traduções e interpretações e às informações adicionais relevantes fornecidas pelos diversos tradutores. Todas as notas que foram incluídas por mim estão entre colchetes.

Eleonora Meier.
Dezembro de 2016.

---

[1] Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera as 108 Upaniṣads.

[2] Alguns estudiosos acrescentam esta Upaniṣad à lista das principais. As Upaniṣads são classificadas em Mukhya, principais; Sāmānya ou Sāmānya Vedānta, sobre ensinamentos de interesse geral (*sāmānya*); Saṃnyāsa, sobre regras e diferentes aspectos do Saṃnyāsa ou Renúncia; Śākta, sobre Śakti ou Devī (a Deusa); Vaiṣṇava, sobre Viṣṇu; Śaiva, sobre Śiva, e Yoga, sobre diferentes aspectos do Yoga.

Conteúdo:

Introdução

Invocação

Capítulo 1: **Renascimento e libertação através do conhecimento**

1.1. Citra e Śvetaketu sobre o caminho para o fim da reencarnação
1.2. O teste da lua, de lá ou volta à terra ou vai em frente
1.3. A rota para o mundo de Brahman
1.4. O progresso triunfal do conhecedor através do mundo de Brahman
1.5. Aproximando-se do próprio trono de Brahman
1.6. A identidade essencial com o Real infinito
1.7. A apreensão do mesmo através da Palavra Sagrada e todas as funções de uma pessoa; a posse universal do conhecedor

Capítulo 2: **A doutrina do prāṇa, juntamente com certas cerimônias**

2.1. Identidade com Brahman; seu valor em serviço e segurança para si mesmo
2.4. Para ganhar o afeto de outro
2.5. O sacrifício perpétuo do eu
2.6. A glorificação do Uktha
2.7. Adoração diária do sol para a remoção do pecado
2.8. Adoração regular da lua por prosperidade
2.10. Uma prece com relação à esposa e filhos
2.11. A saudação afetuosa de um pai que retorna ao filho
2.12. A manifestação do Brahman permanente em fenômenos evanescentes.
(a) Poderes cósmicos revertíveis no vento
2.13. (b) Os poderes de um indivíduo reversíveis no ar vital
2.14. A disputa dos poderes corporais pela supremacia; o objetivo final
2.15. O legado de um pai moribundo de seus vários poderes a seu filho

Capítulo 3: **A doutrina do prāṇa (o ar vital)**

3.1. O conhecimento de Indra, a maior benção possível para os homens
3.2. A identidade de Indra com a vida e a imortalidade
3.3. O realmente vitalizante e unificante ar vital, o espírito vivo ou o eu consciente
3.4. Ar vital, o que obtém tudo
3.5. A correlação das funções do indivíduo com os fatos da existência
3.6. A supremacia da consciência em todas as funções e fatos da existência
3.7. A indispensabilidade da consciência para todos os fatos e experiências
3.8 O sujeito de todo conhecimento, objeto primordial do conhecimento
A absoluta correlatividade de conhecer e ser
A unidade no ser consciente
A irresponsabilidade ética de uma pessoa, o seu próprio eu sendo idêntico ao mundo todo

Capítulo 4: **Uma definição progressiva de Brahman**

4.1. A oferta de instrução de Bālāki sobre Brahman
4.2. Palavras-chave da conversa subsequente
4.3. A determinação progressiva de Bālāki e Ajātaśatru de Brahma
(a) Em vários fenômenos cósmicos
(b) No ser
4.19. O criador universal na caverna do coração
4.20. A unidade final no ser criativo, penetrante, supremo, universal

---

Introdução

A Kauṣītaki-brāhmaṇa Upaniṣad, composta de quatro adhyāyas, começa com as palavras *citro ha vai gāṅgyāyaniḥ* e termina com *ya evam veda*. Ela contém:

No primeiro adhyāya, a Paryaṅka-vidyā (o conhecimento do leito ou sofá de descanso), assim chamada porque nela a alma que chega ao mundo do além aparece diante do leito de Brahman para ser testada e examinada por ele, junto com o destino do Caminho do Sul (do Pitṛyāṇa que leva de volta à terra) e do Caminho do Norte (do Devayāna que leva a Brahman);

No segundo adhyāya, a Prāṇa-vidyā (a doutrina do Prāṇa, vida, como um símbolo do Ātman) e, para aquele que a conhece, certas obras úteis referentes a outros e ao seu próprio Eu e à obtenção de certos resultados;

No terceiro e quarto adhyāyas, a Ātma-vidyā (a doutrina do Ātman).

Embora a seção *pratardano ha* etc. (isto é, a doutrina esotérica nos adhyāyas 3 e 4) deva ser estudada em preferência ao resto, pode também acontecer que mesmo uma mente pura, enquanto ainda não conhece a natureza de Brahman, no início possa sentir temor na presença do Brahman sem atributos embora ele não deva ser temido, assim como um filho virtuoso quando vê o seu pai pela primeira vez – o pai que era um estranho para ele antes de seu nascimento. É por isso que o texto (no primeiro adhyāya) descreve, para remover o pavor, o Brahman de atributos sentado em um trono como um rei sobre essa terra, como o alvo final do Caminho do Norte. Aqui é dito: 'Então ele chega ao leito de repouso Amitaujas, que é o Prāṇa'. Assim Prāṇa é descrito como um leito de repouso no primeiro adhyāya. Em relação ao Prāṇa, surge a questão diante do ouvinte se este Prāṇa é o mero ar vital ou não, se ele se regozija ou não nas múltiplas perfeições do poder. Para resolver essa questão a consideração reverente do Prāṇa é empreendida no segundo adhyāya. Assim o texto, de uma maneira excelente, prepara o caminho para ensinar depois (nos adhyāyas 3 e 4) a Brahmavidyā. Mas se o ensinamento de Brahman com atributos foi ele próprio recebido, com toda humildade, da boca do professor, por homens tão notáveis quanto Gautama e Śvetaketu, hoje aqueles que são chamados a aprender devem também com toda humildade receber o Brahman de atributos bem como o Brahman sem atributos. Essa narrativa serve para ensinar essa doutrina.

Śaṃkarānanda.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Primeiro Adhyāya[1]

Renascimento e libertação através do conhecimento

Citra e Śvetaketu sobre o caminho para o fim da reencarnação

1.1. Citra Gāṅgyāyani[2], em verdade, desejando realizar um sacrifício, escolheu Āruṇi (Uddālaka[3], para ser seu principal sacerdote). Mas Āruṇi enviou seu filho, Śvetaketu, e disse: 'Realize o sacrifício para ele'. Quando Śvetaketu[4] tinha chegado Citra perguntou-lhe: 'Filho de Gautama[5], há um lugar oculto no mundo onde você é capaz de me colocar, ou há outro caminho, e você vai me colocar no mundo ao qual ele (esse outro caminho) leva[6]?'

---

[1] ['Para as fases de desenvolvimento da crença na transmigração da alma que aparecem aqui, compare com as observações preparatórias na *Chāndogya Up*. 5.3-10'. – Deussen].

[2] É difícil determinar se o nome de Citra era Gāṅgyāyani ou Gārgyāyaṇi. O professor Weber adotou primeiro Gārgyāyaṇi (*Indische Studien* I, p. 395), depois Gāṅgyāyani (*ibid*., II, 395). O professor Cowell adota Gāṅgyāyani, mas ele nos diz que o manuscrito em telugu lê Gārgyāyaṇi do início ao fim, e os outros manuscritos fazem isso ocasionalmente. O comentador explica Gāṅgyāyani como o descendente de Gāṅgya. Eu confesso uma preferência por Gārgyāyaṇi, porque tanto Gaṅgā quanto Gāṅgya são nomes de ocorrência rara na literatura vêdica antiga, mas admito que, por essa mesma razão, a transição de Gāṅgyāyani para Gārgyāyaṇi é talvez mais inteligível do que a de Gārgyāyaṇi para Gāṅgyāyani.

[3] Compare com *Chāndogya Up*. 5.11.2; *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.2.1.

[4] *Chāndogya Up*. 5.3; 6.1.

[5] *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.2.4.

[6] ['Existe uma conclusão (da transmigração) no mundo em que você me colocará? Ou há alguma estrada? Você me colocará em seu mundo?' – R. E. Hume].

['Há um fim (da transmigração da alma) no mundo, o qual você será capaz de transmitir a mim? Ou há, de outro modo, um caminho que leva a ele e que você transmitirá a mim?' – Deussen].

['(A transmigração) está terminada no mundo em que você me colocará, ou há alguma morada no mundo onde você me colocará?' – Warrier].

A pergunta feita por Citra a Śvetaketu é muito obscura, e foi provavelmente desde o início destinada a ser obscura em sua própria redação. O que Citra queria perguntar nós podemos extrair de outras passagens nas Upaniṣads, onde vemos outro sábio real, Pravāhaṇa Gaivali (*Chāndogya Up.* 5.3; *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 6.2), que esclarece Śvetaketu sobre a vida futura. Essa vida futura é alcançada por duas estradas: uma, o Devapatha, que leva ao mundo de Brahman (o condicionado), além do qual existe apenas uma outra etapa, representada pelo conhecimento e identidade com o Brahman incondicionado; a outra levando ao mundo dos antepassados, e de lá, depois que a recompensa das boas obras foi consumida, de volta a uma nova ronda de existência mundana. Há uma terceira estrada para as criaturas que vivem e morrem, vermes, insetos e répteis, mas são de pouca importância. Agora é bem claro que o conhecimento que o rei Citra possui e que Śvetaketu não possui é esse das duas estradas depois da morte, às vezes chamadas de direita e esquerda, ou as estradas do sul e do norte. Essas estradas são totalmente descritas na *Chāndogya Upaniṣad* e na *Bṛhad-āraṇyaka Upaniṣad*, com certas variações, mas no todo no mesmo sentido. A estrada do norte ou esquerda, chamada também de caminho dos Devas, passa da luz e do dia para a metade brilhante da lua; o caminho do sul ou direito, chamado também de caminho dos pais, passa da fumaça e noite para a metade escura da lua. Ambas as estradas, portanto, se encontram na lua, mas divergem depois. Enquanto a estrada do norte passa pelos seis meses quando o sol se move para o norte, através do sol, (lua) e do relâmpago para o mundo de Brahman, o do sul passa pelos seis meses quando o sol se move para o sul, para o mundo dos pais, o éter e a lua. A grande diferença, no entanto, entre as duas estradas é que, enquanto aqueles que viajam no primeiro não voltam para uma nova vida na terra, mas chegam no final ao verdadeiro conhecimento do Brahman incondicionado, aqueles que passam para o mundo dos pais e da lua retornam à terra para nascer de novo e de novo.

A questão, portanto, que Citra dirige a Śvetaketu pode se referir a essas duas estradas apenas, e embora o texto esteja muito corrompido, e era tão evidentemente regular na época em que o comentário foi escrito, nós devemos tentar restaurá-lo de acordo com o ensino comunicado por Citra no que se segue. Eu proponho ler: 'Existe um lugar oculto no mundo onde você (através de seu sacrifício e ensino) é capaz de me colocar, ou há outro caminho, e você me colocará no mundo ao qual ele leva?' Mesmo assim, o texto não é satisfatório em absoluto, mas é melhor do que aquele adotado pelo comentador e explicado por ele: Existe um lugar escondido naquele mundo no qual você me colocará como outro, isto é, como diferente do mundo

Ele respondeu e disse: 'Eu não sei. Mas, deixe-me perguntar ao mestre'. Tendo se aproximado de seu pai, ele perguntou: 'Assim Citra me perguntou; como devo responder?'

Āruṇi disse: 'Eu também não sei. Só depois de termos aprendido a parte adequada do Veda[7] na própria residência de Citra vamos obter o que os outros nos dão (conhecimento). Venha, vamos nós dois'.

Dito isso, ele pegou combustível na mão (como um aluno), e se aproximou de Citra Gāṅgyāyani dizendo: 'Eu posso me aproximar de você?' Ele respondeu: 'Você é digno de Brahman[8], ó Gautama, porque não foi levado pelo orgulho. Vem, eu lhe farei saber claramente'.

O Teste da Lua, de lá ou volta à terra ou vai em frente

1.2. E Citra disse: Todos os que partem deste mundo (ou deste corpo) vão para a lua[9]. Na primeira, a metade (clara), a lua se deleita em seus espíritos [prāṇa]; na outra, a metade (escura), a lua os envia para nascerem de novo. Em verdade, a lua é a porta do mundo Svarga (o mundo celeste). Agora, se um homem objeta a lua (se não está satisfeito com a vida lá) a lua o liberta[10]. Mas se um homem não se opõe, então a lua o envia para baixo como a chuva sobre essa terra. E de acordo com as suas obras [karmam] e segundo o seu conhecimento ele nasce de novo aqui como um verme, ou como um inseto, ou como um peixe, ou como uma ave, ou como um leão, ou como um javali, ou como uma serpente, ou como um tigre, ou como um homem, ou como outra coisa em diferentes lugares[11]. Quando ele assim retornou à terra, alguém (um sábio) pergunta[12]: 'Quem és tu?' E ele deve responder: 'Da lua sábia, que ordena as estações[13], quando nasce constituída por quinze partes, da lua, que é o lar dos nossos antepassados, a

---

inteiro ou idêntico ao mundo inteiro, e, se como diferente, então tendo me atado e me tornado uma pessoa diferente? O comentador resume a questão como referindo-se a um lugar escondido ou não escondido, onde Citra deve ser colocado como outra pessoa ou não outra pessoa, como vinculado ou não vinculado; ou, como interpreta o professor Cowell: 'Ó filho de Gautama, há algum lugar secreto no mundo onde tu podes me colocar desconectado, tendo-me fixado lá (como madeira unida com cola); ou há algum outro lugar onde você possa me colocar?' As especulações sobre o destino da alma após a morte parecem ter sido peculiares às famílias reais da Índia, enquanto os brâmanes davam mais ênfase no que pode ser chamado de atalho mais curto, um conhecimento de Brahman como o verdadeiro Eu. Saber, para eles, era ser, e, depois da dissolução do corpo eles esperavam a emancipação imediata, sem mais perambulações.

[7] [*Svādhyāya* é a palavra no texto].

[8] Digno de conhecer Brahman, ou, como o comentador, que lê *brahmārgha*, pensa, ser honrado como Brahman. ['Digno do conhecimento sagrado'. – Warrier. 'O líder dos sacerdotes'. – Deussen].

[9] Ambas as estradas conduzem à lua, e divergem depois.

[10] ['Quem responde (corretamente) ele liberta (para ir mais longe)'. – Warrier].

['Quem responde ele deixa ir mais além. Mas quem não responde, ele, tendo se tornado chuva, derrama aqui'. – R. E. Hume].

['Como Brahman faz depois, a lua examina aqui as almas ascendentes em relação ao seu conhecimento. Aquele que resiste ao teste vai para o Devayāna, e aquele que não passa no teste vai para o Pitṛyāna. O meu entendimento dessa passagem aqui e das passagens correspondentes difere daquele do comentador e daquele dos outros tradutores (Anquetil, Weber, Müller, Cowell). Eu espero que os leitores concordem comigo'. – Deussen].

Esse é suposto ser o lugar oculto, ou melhor, o caminho para ele, quando o falecido deixa a lua, e passa para o relâmpago e para o mundo de Brahman. Este é de fato o Devayāna, como contrário ao Pitṛyāna, descritos na *Chāndogya Upaniṣad*.

[11] Isso pode até incluir *naraka* ou inferno.

[12] ['Quando ele chega lá ele [a lua] pergunta a ele:'. – R. E. Hume].

[13] Se *ṛtavaḥ* for aqui o genitivo de *ṛtu*, seu significado seria o ordenador das estações. *Vicakṣaṇa* é aplicado à lua novamente, 2.9, e o trono de Brahman também é chamado de *vicakṣaṇa*, 1.3.

semente foi trazida. Essa semente, eu mesmo, eles (os deuses mencionados na *Pañcāgnividyā*[14]) reuniram em um homem ativo, e através de um homem ativo eles me levaram a uma mãe. Então eu, crescendo até nascer, um ser vivo por meses, seja doze ou treze, fiquei junto ao meu pai, que também vivia por (anos de) doze ou treze meses, para que pudesse ou conhecê-lo (o verdadeiro Brahman) ou não o conhecer. Portanto, ó estações, permitam que eu possa alcançar a imortalidade (conhecimento de Brahman). Por essa minha fala verdadeira, por esse meu trabalho (começando com a residência na lua e terminando com o meu nascimento na terra) eu sou (como) uma estação, e o filho das estações'. 'Quem és tu?' o sábio pergunta novamente. 'Eu sou tu', ele responde. Então ele o liberta[15] (para seguir adiante).

A Rota para o mundo de Brahman

1.3. Ele (na hora da morte), tendo chegado ao caminho dos deuses, vai ao mundo de Agni (fogo), ao mundo de Vāyu (ar), ao mundo de Varuṇa, ao mundo de Indra, ao mundo de Prajāpati (Virāj), ao mundo de Brahman (Hiraṇyagarbha). Nesse mundo há o lago Āra[16], os momentos chamados Yeṣṭiha[17], o rio Vijarā (perene), a árvore Ilya[18], a cidade Sālajya[19], o palácio Aparājita (inconquistável), os porteiros Indra e Prajāpati, o salão de Brahman, chamado Vibhu [Extenso] (construído por vibhu, egoísmo), o trono Vicakṣaṇa [muito brilhante] (buddhi, percepção), o sofá-cama Amitaujas (de esplendor incomensurável), e a amada Mānasī (mente) e sua imagem Cakṣuṣi (visão), que, como se pegando flores, estão tecendo os mundos, e as Apsaras [ninfas], as Ambās [Mães] (śruti, escrituras sagradas), e Ambāyavīs [Amas] (buddhi, compreensão), e os rios Ambayās [pequenas mães] (que levam ao conhecimento de Brahman). Desse mundo aquele que conhece isso (que conhece a Paryaṅka-vidyā) se aproxima. Brahmā lhe diz: 'Corram em direção a ele (servos), com adoração como é devida a mim mesmo. Ele chegou ao rio Vijarā (eterno), ele nunca envelhecerá'.

O progresso triunfal do conhecedor através do mundo de Brahman

1.4. Em seguida, quinhentas Apsaras vão em direção a ele, cem com grinaldas nas mãos, cem com unguentos nas mãos, cem com perfumes nas mãos, cem com trajes nas mãos, cem com frutas nas mãos. Eles o enfeitam com um adorno digno de Brahman e, quando assim adornado com o adorno de Brahman, o conhecedor de Brahman se move em direção a Brahman[20]. Ele chega ao lago Āra, e ele o cruza pela mente, ao passo que aqueles que chegam a ele sem saber a verdade são afogados[21]. Ele chega aos momentos chamados Yeṣṭiha, eles fogem dele.

---

[14] *Chāndogya Up*. 5.4-8.
[15] Se uma pessoa teme o céu (svarga), tanto quanto o inferno, porque ele não dá a libertação final, então ela está apta a proceder ao conhecimento de Brahman.
[16] Composto pelos *aris*, inimigos, tais como amor, raiva, etc. Na *Chāndogya Up*. 8.5.3 ele é chamado Ara.
[17] Que matam o sacrifício, [passados dedicados à subjugação dos desejos], que consistem em um desejo por Brahman.
[18] A mesma que a *aśvatthaḥ somasavanaḥ* na *Chāndogya Up*. 8.5.3.
[19] ['A cidade é assim chamada porque na margem há cordas de arco tão grandes quanto uma árvore sāl, um lugar abundante com água em muitas formas de rios, lagos, poços, tanques, etc. e jardins habitados por muitos heróis'. – Sarvepalli Radhakrishnan].
[20] Embora *brahman* seja usado aqui como um neutro, ele se refere ao Brahman condicionado.
[21] ['Aqueles que conhecem (apenas) o (presente) imediato afundam'. – Warrier].

Ele chega ao rio Vijarā, e o atravessa só pela mente, e lá se livra de suas ações boas e más. Seus parentes amados obtêm o bem, seus parentes não amados o mal que ele fez. E como um homem, conduzindo um carro, pode olhar para as duas rodas (sem ser tocado por elas), assim ele olhará para dia e noite, assim para boas e más ações e para todos os pares (para todas as coisas correlativas, como luz e escuridão, calor e frio, etc.)[22]. Ficando livre do bem e livre do mal ele, o conhecedor de Brahman (neutro[17]), se move em direção a Brahman.

Aproximando-se do próprio trono de Brahman

1.5. Ele se aproxima da árvore Ilya, e o odor de Brahman o atinge. Ele se aproxima da cidade Sālajya, e o sabor de Brahman o atinge. Ele se aproxima do palácio Aparājita, e o esplendor de Brahman o atinge. Ele se aproxima dos porteiros Indra e Prajāpati, e eles fogem dele. Ele se aproxima do salão Vibhu, e a glória de Brahman o alcança (ele pensa, eu sou Brahman). Ele se aproxima do trono Vicakṣaṇa[23]. Os versos Sāman, Bṛhad e Rathantara, são os pés orientais [dianteiros] desse trono; os versos Sāman, Śyaita e Naudhasa, seus pés ocidentais [traseiros]; os versos Sāman, Vairūpa e Vairāja, seus lados longitudinais (sul e norte); os versos Sāman, Śākvara e Raivata, seus lados transversais (leste e oeste). Esse trono é Prajñā, conhecimento, e pelo conhecimento (autoconhecimento) ele vê claramente.

Ele se aproxima do sofá-cama Amitaujas. Esse é o Prāṇa (a fala, [a vida]). O passado e o futuro são seus pés orientais; a prosperidade e a terra seus pés ocidentais; os versos Sāman, Bṛhad e Rathantara, são seus dois lados longitudinais (sul e norte); os versos Sāman, Bhadra e Yajñāyajñīya, são seus lados transversais na cabeça e pés (leste e oeste); o Ṛc e o Sāman são os longos lençóis[24] (leste e oeste); o Yajus os lençóis transversais (sul e norte); o raio da lua[25] a almofada; o Udgītha a coberta (branca); a prosperidade o travesseiro. Nesse sofá-cama senta-se Brahman, e quem sabe isso (quem se conhece como uno com Brahman sentado no sofá) sobe nele primeiro com um pé somente. Então Brahman lhe diz: 'Quem és tu?' e ele deve responder:

Identidade essencial com o Real infinito

1.6. 'Eu sou (como) uma estação, e o filho das estações, surgido do ventre do espaço infinito, da luz (do luminoso Brahman). A luz, a origem do ano, que é o passado, que é o presente, que é todas as coisas vivas, e todos os elementos, é o Eu[26]. Tu és o Eu. O que tu és, isso sou eu.

---

[22] ['Assim como alguém, andando em uma carruagem veloz, olha para as rodas da carruagem (cujos raios se tornam indistintos para ele), do mesmo modo ele olha para o dia e a noite, como também para as boas e más obras e para os pares de opostos'. – Deussen].

[23] ['As descrições combinadas do trono e do sofá-cama são muito semelhantes à descrição do assento de Vrātya no *Atharva Veda* 15.3.3-9, e também do trono de Indra, *Aitareya Brāhmaṇa* 8.12'. – R. E. Hume].

[24] ['As cordas esticadas longitudinalmente'. – Id.].
[Rendas, decorações, segundo Deussen].
Lençóis ou coberturas parecem mais aplicáveis aqui do que meros fios que formam a trama e a urdidura.

[25] ['As fibras de Soma'. – Deussen].

[26] Esta passagem está corrompida, e as várias leituras e várias interpretações dos comentadores não nos ajudam muito. Uma concepção, que tenho seguido, na medida do possível, é que tinha que ser explicado como o mesmo ser poderia ser o filho das estações, ou viver de ano em ano e, ao mesmo tempo, nascer

Brahman diz-lhe: 'Quem sou eu?' Ele deve responder: 'Aquilo que é, o real' (Sat-tyam).

Brahmā pergunta: 'O que é o real?' Ele diz-lhe: 'O que é diferente dos deuses e dos sentidos (prāṇa), que é Sat, mas os deuses e os sentidos são Tyam. Portanto, por esse nome Satya (real) é chamado tudo isso, o que quer que exista. Tudo isso és tu'.

A apreensão do mesmo através da Palavra Sagrada e todas as funções de uma pessoa; a posse universal do conhecedor

1.7. Isso também é declarado em um verso[27]: 'Este grande Ṛṣi, cujo abdome é o Yajus, a cabeça o Sāman, a forma o Ṛc, deve ser conhecido como imperecível, como Brahman'[28].

Brahman diz-lhe: 'Como tu obténs os meus nomes masculinos?' Ele deve responder: 'Pelo ar vital (prāṇaḥ)'.

Brahman pergunta: 'Como os meus nomes femininos?' Ele deve responder: 'Pela fala (vāc)'.

Brahman pergunta: 'Como os meus nomes neutros?' Ele deve responder: 'Pela mente (manas)'.

'Como os odores?' 'Pelo nariz'. 'Como as formas?' 'Pelos olhos'. 'Como os sons?' 'Pelos ouvidos'. 'Como sabores de comida?' 'Pela língua'. 'Como ações?' 'Pelas mãos'. 'Como prazeres e dores?' 'Pelo corpo'. 'Como alegria, prazer e prole?' 'Pelo órgão de geração'. 'Como jornadas?' 'Pelos pés'. 'Como pensamentos, e o que deve ser conhecido e desejado?' 'Pelo conhecimento [inteligência] (Prajñā) somente'.

Brahmā diz-lhe: 'Água de fato é esse meu mundo[29], todo o mundo de Brahman, e ele é teu'.

Qualquer vitória, qualquer poder que pertença a Brahman, essa vitória e esse poder ele obtém, aquele que sabe isso, sim, que sabe isso[30].

---

da luz. A resposta é: Porque a luz é a semente ou a causa do ano, e o ano a causa de tudo o mais. Eu não me responsabilizo por esse ponto de vista, e não vejo maneira de descobrir a leitura original e o significado original dessas frases.

[27] [Um verso *Ṛg* segundo alguns tradutores].

[28] ['Yajus, Sāman e Ṛc são a essência de Brahman (da prece na forma do Veda). O Ṛṣi que tem todo o seu ser em Yajus, Sāman e Ṛc se torna Brahman – Brahman é o Universo, com o qual o Brahman, aparecendo em um indivíduo através dos diferentes órgãos do mesmo, está conectado. Esse é o sentido da interrogação seguinte'. – Deussen].

[29] Ele surgiu da água e dos outros elementos. ['O comentário explica *āpas* como significando 'os elementos primários'. – R. E. Hume].

[30] Que conhece a forma condicionada e mitológica de Brahman como aqui descrita, sentado no sofá.

Segundo Adhyāya[1]

A doutrina do Prāṇa, juntamente com certas cerimônias

Identidade com Brahman; seu valor em serviço e segurança para si mesmo

2.1. Prāṇa (ar vital, respiração)[2] é Brahman, assim diz Kauṣītaki. De Prāṇa, que é Brahman, a mente (manas) é o mensageiro, a fala a governanta, a visão o guarda, a audição o informante.

Aquele que conhece a mente como o mensageiro do prāṇa, que é Brahman, torna-se possuidor do mensageiro. Aquele que conhece a fala como a governanta, torna-se possuidor da governanta. Aquele que conhece a visão como o guarda, torna-se possuidor do guarda. Aquele que conhece a audição como o informante, torna-se possuidor do informante.

Agora, para esse prāṇa, que é Brahman, todas essas divindades (mente, fala, visão, audição) trazem uma oferenda, embora ele não peça por ela, e, desse modo, para aquele que sabe isso todas as criaturas trazem uma oferenda, embora ele não peça. Para aquele que sabe isso, há esta Upaniṣad (voto ou lema secreto), 'Não peça!' Como um homem que mendigou de um lado a outro em uma aldeia e não conseguiu nada se senta e diz: 'Eu nunca comerei nada dado por essas pessoas', e como então aqueles que anteriormente recusaram o pressionam (para aceitar as suas esmolas), assim é a regra para aquele que não pede[3], mas os caridosos vão pressioná-lo e dizer: 'Vamos dar a ti'.

2.2. Prāṇa (ar vital) é Brahman, assim diz Paiṅgya. E nesse Prāṇa, que é Brahman, a visão fica firme atrás da fala, a audição fica firme atrás da visão, a mente fica firme atrás da audição, e o espírito fica firme atrás da mente[4]. Para esse Prāṇa, que é Brahman, todas essas divindades trazem uma oferenda, embora ele não peça por ela. Para aquele que sabe isso, há esta Upaniṣad (voto secreto), 'Não peça!' Como um homem que mendigou de um lado a outro em uma aldeia e não conseguiu nada se senta[5] e diz: 'Eu nunca comerei nada dado por essas pessoas', e como então aqueles que anteriormente recusaram o pressionam (para aceitar as suas esmolas), assim é a regra para ele que não pede, mas os caridosos vão pressioná-lo e dizer: 'Vamos dar a ti'.

---

[1] ['O Prāṇa (a vida) como Brahman segundo o ensinamento da Kauṣītaki. Aquele que conhece a sua vida como idêntica ao Brahman todo-correspondente, a esse grau ele é Brahman. Todas as criaturas servem a ele (assim como os órgãos vivos servem à vida), sem que ele seja obrigado a orar'. – Deussen].

[2] No primeiro capítulo foi dito, 'Ele se aproxima do sofá Amitaujas, que é prāṇa, respiração, espírito, vida'. Portanto, tendo explicado no primeiro adhyāya o conhecimento do sofá (de Brahman), o próximo assunto a ser explicado é o conhecimento de prāṇa, o espírito vivo, tomado por um tempo como Brahman, ou a última causa de tudo.

[3] ['Essa é a virtude (dharma) do não mendigo'. – R. E. Hume. 'O homem antes e depois da obtenção do conhecimento corresponde ao mendicante que, a princípio, não pode obter através da mendicância o que, depois que ele se resignou à sua condição, cai como a sua parte, não procurado'. – Deussen].

[4] O comentador diz que a fala é incerta, e tem que ser verificada pela visão. A visão é incerta, tomando a madrepérola por prata, e deve ser verificada pela audição. A audição é incerta e deve ser verificada pela mente, pois, a menos que a mente esteja atenta, o ouvido não ouve. A mente, por fim, depende do espírito, pois sem espírito não há mente.

[5] ['Ou, 'jejua (na aldeia)'. Para a prática do 'suicídio pela fome' veja o artigo do Prof. Hopkins em *Journal of the American Oriental Society*, 21. 146-159, especialmente a página 159, onde esta mesma passagem é discutida'. – R. E. Hume].

2.3. Segue-se agora a obtenção do maior tesouro[6] (isto é, prāṇa, espírito[7]). Se um homem medita sobre esse maior tesouro, que ele em uma lua cheia ou lua nova, ou na quinzena clara, sob uma Nakṣatra [constelação] auspiciosa, em um desses momentos adequados, dobrando o joelho direito, ofereça oblações de ghee [manteiga clarificada] com uma concha (sruva), depois de ter colocado o fogo, varrido o chão[8], espalhado a grama sagrada, e aspergido água. Que ele diga: 'A deusa chamada Fala é a obtentora, que ela obtenha isso para mim daquele (que possui e pode dar o que eu desejo). Svāhā[9] a ela!'

'O deus chamado Prāṇa (ar vital) é o obtentor, que ele obtenha isso para mim dele. Svāhā a ele!'

'A deusa chamada visão é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela!'

'A deusa chamada audição é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela!'

'A deusa chamada mente (manas) é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela'.

'A deusa chamada Prajñā (conhecimento[10]) é a obtentora, que ela obtenha isso para mim dele. Svāhā a ela!'

Em seguida, tendo inalado o cheiro da fumaça, e tendo esfregado seus membros com o unguento de ghee, caminhando[11] em silêncio, que ele declare o seu desejo, ou que ele envie um mensageiro. Ele seguramente obterá o que deseja.

Para ganhar o afeto de outro

2.4. Agora segue o Daiva Smara, o desejo a ser realizado pelos deuses[12]. Se um homem deseja tornar-se amado[13] por algum homem ou mulher, ou por alguns homens ou mulheres, então em um dos momentos adequados (supracitados), ele oferece, exatamente da mesma maneira (que antes), oblações de ghee, dizendo: 'Eu ofereço a tua fala em mim, eu, (este aqui[14]), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua respiração em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua visão em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua audição em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua mente em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. 'Eu ofereço a tua Prajñā (inteligência) em mim, eu, (este aqui), Svāhā'. Em seguida, tendo inalado o cheiro da fumaça, e tendo esfregado seus membros com o unguento de ghee, caminhando em silêncio, que ele tente entrar em contato ou que ele

---

[6] [‘A obtenção de um prêmio específico’. – R. E. Hume].
[7] Os princípios vitais são chamados de o maior tesouro, porque um homem entrega tudo para preservar seus princípios vitais ou sua vida.
[8] *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.3.1.
[9] [‘Saudações’! Ou ‘Reverências’!]
[10] [Sabedoria, inteligência].
[11] [‘Do lugar das oblações para casa do possuidor do objeto. Comentário’. – R. E. Hume].
[12] [‘A ser realizado com os poderes divinos’. – Warrier, ‘Ou seja, Fala, Respiração, Visão, Audição, Mente e Inteligência enumerados na seção anterior. – R. E. Hume].
[13] Tão precioso quando prāṇa ou vida.
[14] O comentador explica essas expressões misteriosas: ‘Eu ofereço, eu lanço, no fogo, que é aceso pelo combustível de sua indiferença ou aversão, em mim, sendo o objeto de seu amor, a fala, o órgão da fala, de você, que vai me amar. Que este aqui, isto é, eu, ou meu amor, possa prosperar. Svāhā, que a minha fala possa conceder aprovação para a oblação de mim, o amante’.

fique falando ao vento, (de modo que o vento possa carregar suas palavras à pessoa por quem ele deseja ser amado). Certamente ele torna-se querido, e eles pensam dele.

O sacrifício perpétuo do eu

2.5. Agora segue a contenção (saṃyamana) [saṃyama, autocontrole] instituído por Pratardana (filho de Divodāsa); eles o chamam de Agni-hotra interno[15]. Enquanto um homem fala, ele não pode respirar, ele oferece durante todo o tempo o seu prāṇa (fôlego) em seu discurso. E enquanto um homem respira, ele não pode falar, ele oferece durante todo o tempo a sua fala em sua respiração. Essas duas oblações infinitas e imortais ele oferece sempre, seja acordado ou dormindo. Todas as outras oblações que existem (aquelas, por exemplo, do Agnihotra comum, compostas por leite e outras coisas), elas têm um fim, pois consistem de obras (que, como todas as obras, têm um fim). Os antigos, conhecendo esse, (o melhor Agnihotra), não ofereciam o Agnihotra (comum).

A Glorificação do Uktha

2.6. Uktha[16] é Brahman, assim diz Śuṣkabhṛṅgāra. Que ele medite sobre ele (o uktha) como o mesmo que o Ṛc [Ṛg, Hino de Louvor], e todos os seres o louvarão como o melhor. Que ele medite nele como o mesmo que o Yajus[17], e todos os seres se unirão diante dele como o melhor. Que ele medite nele como o mesmo que o Sāman [Canto], e todos os seres se curvarão diante dele como o melhor. Que ele medite nele como o mesmo que o poder [ou a beleza], que ele medite nele como o mesmo que a glória, que ele medite sobre ele como o mesmo que o esplendor. Pois, assim como o arco é entre as armas a mais poderosa, a mais gloriosa, a mais esplêndida[18], assim aquele que conhece isso é entre todos os seres o mais poderoso [ou o mais belo], o mais glorioso, o mais esplêndido.

O Adhvaryu concebe o fogo do altar, que é usado para o sacrifício, como ele mesmo[19]. Nele, ele (o Adhvaryu) tece a parte Yajus do sacrifício. E na parte Yajus o Hotṛ tece a parte Ṛc do sacrifício. E na parte Ṛc o Udgātṛ tece a parte Sāman do sacrifício. Ele (o Adhvaryu ou prāṇa) é a alma do conhecimento triplo; ele de fato é a alma dele (do prāṇa). Aquele que conhece isso é a alma dele (se torna prāṇa[20]).

---

[15] [‘Interno, porque é independente de auxílios externos’. – Radhakrishnan].

[16] Uktha [louvor, recitação], um hino vêdico, foi identificado com prāṇa, respiração, na Kāṇva e outras Sākhās (*Bṛhad-āraṇyaka Up*. 5.13.1, *Aitareya, Āraṇyaka*, 2.1.2). Aqui uktha, isto é, o prāṇa do uktha, é mais adiante identificado com Brahman. Como uktha (o hino) é prāṇa, e como o sacrifício é realizado com hinos, o sacrifício também é uktha, e, portanto, prāṇa e, portanto, Brahman. Comentário.

[17] [‘Fórmula sacrifical’. – Radhakrishnan].

[18] [‘Como este (isto é, o Uktha) é o mais belo, o mais glorioso, o mais brilhante entre os Śāstras (Invocações de Louvor)’. – R. E. Hume].

[19] [‘Assim o Adhvaryu consagra o seu eu de tal modo que ele se torna capaz de realizar ritos sacrificais, e rituais’. – Deussen].

[‘Assim, o sacerdote Adhvaryu prepara essa alma (Ātman) que está relacionada com o sacrifício’. – R. E. Hume].

[20] [‘Assim quem sabe isso se torna a alma de Indra’. – Radhakrishnan, Deussen; compare com o *Aitareya Āraṇyaka* 2.3.7.1].

O comentador explica isso de um modo um pouco diferente. Ele considera que é o objetivo do último parágrafo mostrar que a Prāṇa-vidyā pode finalmente produzir libertação final, e não apenas recompensas temporais. O sacerdote Adhvaryu, diz ele, toma o que se chama uktha e foi identificado com os hinos Ṛc, Yajus e Sāman, todos contidos na boca, como sendo exteriormente o fogo sacrifical do altar, porque esse

Adoração diária do sol para a remoção do pecado

2.7. Em seguida vêm os três tipos de meditação do conquistador (sarvajit) Kauṣītaki. O todo-conquistador Kauṣītaki adora[21] o sol nascente, tendo colocado o cordão sacrifical[22], tendo trazido[23] água, e tendo aspergido três vezes a taça de água, dizendo: 'Tu és o libertador, livra-me do pecado'. Da mesma maneira ele adora o sol, quando no zênite, dizendo: 'Tu és o maior libertador, livra-me bem do pecado'. Da mesma maneira ele adora o sol quando se pondo, dizendo: 'Tu és o pleno libertador, livra-me totalmente do pecado'. Assim ele remove completamente qualquer pecado que ele tenha cometido de dia e à noite. E da mesma forma aquele que sabe isso igualmente adora o sol, e remove totalmente qualquer pecado que tenha cometido de dia e à noite.

Adoração regular da lua por prosperidade

2.8. Então (em segundo lugar) que ele adore cada mês (do ano), na época da lua nova, a lua como é vista no oeste da mesma maneira (como antes descrita em relação ao sol), ou que ele emita o seu discurso para a lua com duas folhas verdes de grama[24], dizendo: 'Oh tu que és mestra da alegria imortal, através desse meu coração gentil que reside na lua, que eu nunca chore por infelicidade a respeito de meus filhos'.

Os filhos dele (que assim adora a lua) de fato não morrem antes dele. Assim é com um homem para quem um filho já nasceu.

Agora para aquele a quem nenhum filho nasceu ainda. Ele profere os três versos Ṛc. 'Aumenta, ó Soma! que vigor chegue a ti'. (Ṛgveda 1.91.16; 9.31.4).

'Que leite, que alimento vá a ti' (Ṛgveda 1.91.18); 'Esse raio que os Ādityas alegram'[25].

Tendo murmurado esses três versos Ṛc, ele diz: 'Não aumentes pelo nosso ar vital (prāṇa), pela nossa prole, pelo nosso gado; aquele que nos odeia e a quem nós odiamos, aumenta pelo ar vital dele, por sua prole, por seu gado. Assim eu me volto para volta do deus, eu retorno para a volta do Āditya[26]'. Depois dessas palavras, tendo levantado o braço direito (em direção a Soma), ele o solta novamente[27].

---

fogo não pode ser aceso sem esses hinos. Assim, o eu do sacerdote Adhvaryu torna-se identificado, não apenas com o uktha, os hinos, mas também com o fogo sacrifical, e ele medita sobre si mesmo como fogo, como hino (uktha) e como fôlego (prāṇa).

[21] ['Costumava adorar'. – R. E. Hume].

[22] Essa é uma das primeiras, senão a primeira menção da *yajñopavīta*, o cordão sagrado usado sobre o ombro esquerdo para fins de sacrifício; veja o *Taittirīya Brāhmaṇa*, 3.10.19.12.

[23] [Ou, tendo bebido ou sorvido].

[24] ['Que ele lance duas folhas de grama em direção a ela'. – R. E. Hume].

[25] [Veja o *Atharvaveda* 7.81.6].

[26] Isso se refere aos movimentos do braço, seguindo a lua e o sol.

[27] ["'Então eu me viro com a volta de Indra*, eu me viro com a volta do sol'. Então ele se vira em direção ao braço direito". – Radhakrishnan]. [* 'Isto é, para o leste, que é a região especial de Indra'. – R. E. Hume].

É extremamente difícil traduzir os versos védicos que são citados nas Upaniṣads. Às vezes, eles são ligeiramente mudados de propósito (veja § 11), frequentemente desviados de seu sentido original pelos autores das próprias Upaniṣads, e novamente sujeitos às interpretações mais fantasiosas dos vários comentadores sobre as Upaniṣads. Em nosso parágrafo (§ 8) o texto seguido pelo comentador difere do texto impresso. Eu traduzi conforme o comentador, pelo menos até certo ponto, pois, como observa o professor Cowell, há uma subcorrente na explicação do comentador, que implica uma comparação entre o

2.9. Então (em terceiro lugar) que ele adore no dia da lua cheia a lua como é vista no leste da mesma maneira, dizendo: 'Tu és Soma, o rei, o sábio, o de cinco bocas [faces], o senhor das criaturas. O [Brahman] brâmane é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes os reis (kṣatriyas); torna-me um comedor de alimento por essa boca! O rei é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes as pessoas (vaiśyas); torna-me um comedor de alimento por essa boca! O falcão é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes as aves; torna-me um devorador de alimento por essa boca! O fogo é uma das tuas bocas; com essa boca tu comes este mundo; torna-me um comedor de alimento por essa boca! Em ti há a quinta boca; com essa boca tu comes todos os seres; torna-me um comedor de alimento por essa boca! Não diminuas pela nossa vida, pela nossa prole, pelo nosso gado; aquele que nos odeia e a quem nós odiamos, diminui por sua vida, por sua prole, por seu gado. Assim eu me viro para a volta do deus, eu retorno para a volta do Āditya'. Depois dessas palavras, tendo levantado o braço direito, ele o solta novamente.

Uma prece com relação à esposa e filhos

2.10. Em seguida, (tendo dirigido essas preces a Soma) quando estiver com sua esposa, que ele afague o coração dela, dizendo: 'Ó formosa, que tens obtido alegria imortal pelo que entra em teu coração através de Prajāpati, que tu nunca caias em tristeza a respeito de teus filhos[28]. Seus filhos então não morrem antes dela.

A saudação afetuosa de um pai que retorna ao filho[29]

2.11. Em seguida, se um homem estava ausente e volta para casa, que ele cheire[30] (beije ou toque) a cabeça de seu filho, dizendo: 'Tu surgiste de cada membro [meu], tu nasceste do coração, tu, meu filho, és o meu eu de fato, vive tu cem colheitas'[31]. Ele profere o seu nome, dizendo: 'Sê tu uma rocha, sê um

---

marido como o sol ou o fogo e a esposa como a lua, que seria difícil de traduzir numa tradução inglesa. O mesmo ou um verso muito semelhante ocorre no § 10, enquanto outras modificações dele podem ser vistas em *Āśvalāyana Gṛhya-sūtras* 1.13.7, e em outros lugares. A tradução dos versos em sua totalidade, de três dos quais a Upaniṣad só dá os inícios, seria, de acordo com o comentador: '(Ó deusa da lua) que tens obtido alegria imortal através daquela que é uma bela (porção do sol) colocada na lua, e enchendo o teu coração (com prazer), que eu nunca chore por infortúnio a respeito de meus filhos'.

Ṛv. 1.91.16; 9.31.4. 'Ó deusa da lua, aumenta! Que o vigor de toda parte (de cada membro do fogo ou do sol) vá até ti! Ajuda-nos na obtenção de alimento'. Ṛv. 1.91.18. 'Ó deusa da lua, que as correntes do teu leite sirvam bem aos nossos filhos, essas correntes de leite que revigoram, e ajudam a conquistar o inimigo. Ó deusa-Soma, crescendo para a felicidade imortal (para o nascimento de um filho), coloca a glória mais alta (as correntes de teu leite) no céu'. 'Esse raio (suṣumṇā) que (como uma mulher) os Ādityas alegram, esse Soma que como imperecível os Ādityas imperecíveis bebem, que o guardião do mundo (Prajāpati), Bṛhaspati e o rei Varuṇa alegrem-nos por ele.

As traduções são feitas pelo comentador indiferente à gramática e ao sentido, ainda assim, elas possuem certa autoridade e devem ser levadas em conta por lançarem luz sobre o mais recente desenvolvimento do misticismo indiano.

[28] *Āśvalāyana Gṛhya-sūtras,* 1.13.7.

[29] ['Estas instruções são incorporadas nos *Gṛhya Sūtras: Āśvalāyana* 1.15.3,9; *Pāraskara* 1.16.18; *Khādira* 2.3.13, *Gobhila* 2.8.21,22; *Āpastamba* 6.15.12'. – R. E. Hume].

[30] ['Sobre o cheiro-beijo veja o artigo por Prof. Hopkins, *Journal of the American Oriental Society*, 28. 120-134'. – R. E. Hume].

[31] [Outonos, anos].

machado, sê ouro sólido[32]; tu, meu filho, és luz [tejas] de fato, vive tu cem colheitas'[33]. Ele pronuncia o seu nome. Em seguida, ele o abraça, dizendo: 'Como Prajāpati (o senhor das criaturas) abraçou suas criaturas para o bem-estar delas, assim eu te abraço,' (pronunciando seu nome). Então ele murmura em seu ouvido direito, dizendo: 'Ó tu, rápido Maghavan, dá a ele' (Ṛv. 3.36.10[34]). 'Ó Indra, concede os melhores desejos' (Ṛv. 2.21.6[35]), desse modo ele sussurra em seu ouvido esquerdo. Que ele então cheire (beije) três vezes sua cabeça, dizendo: 'Não cortes (a linha da nossa família), não sofras. Vive cem colheitas [anos] de vida; eu beijo a tua cabeça, ó filho, com o teu nome'. Ele, então, faz três vezes um som mugido sobre a cabeça dele, dizendo: 'Eu mujo sobre ti com o som do mugido das vacas'.

A manifestação do Brahman permanente em fenômenos evanescentes
(a) Poderes cósmicos revertíveis no vento

2.12. Em seguida vem o Daiva Parimara[36], a morte dos deuses em volta (a absorção das duas classes de deuses, mencionadas antes, em Prāṇa ou Brahman). Esse Brahman resplandece de fato quando o fogo queima, e morre quando ele não queima. Seu esplendor vai para o sol somente, a vida (prāṇa, o princípio movente) para o ar [vento, vāyu].

Esse Brahman resplandece de fato quando o sol é visto, e morre quando ele não é visto. Seu esplendor vai para a lua somente, a vida (prāṇa) para o ar.

Esse Brahman resplandece de fato quando a lua é vista, e morre quando ela não é vista. Seu esplendor vai para o raio somente, sua vida (prāṇa) para o ar.

Esse Brahman resplandece de fato quando o relâmpago lampeja, e morre quando ele não lampeja. Seu esplendor vai para o ar, e a vida (prāṇa) para o ar.

Assim, todas essas divindades (isto é, fogo, sol, lua, relâmpago), tendo entrado no ar, embora mortas, não desaparecem; e a partir do próprio ar elas surgem novamente. O mesmo em relação às divindades.

Agora então em relação ao corpo[37].

(b) Os poderes de um indivíduo reversíveis no ar vital

---

[32] Amplamente espalhado, desejado em todos os lugares. O comentário do professor Cowell propõe não-disperso, acumulado, ou não escondido.

[33] [‘Essa estrofe, com *ātmā* em vez de *tejas* na terceira linha, ocorre na recensão Mādhyaṃdina da *Bṛhad* em 6.4.26 (= *Śatapatha Brāhmaṇa* 14.9.4.26) e no *Pāraskara Gṛhya Sūtra* 1.16.18; com *vedas* em vez de *tejas* ela ocorre, junto com as duas citações seguintes do Ṛgveda, no *Āśvalāyana Gṛhya Sūtra* 1.15.3.

[34] [‘Ó Indra, Maghavan, movedor impetuoso, dá-nos a riqueza abundante que traz todas as bênçãos. Dá-nos cem outonos como o nosso tempo de vida; dá-nos, ó Indra de bela face, abundância de heróis’. – Griffith].

[35] [‘Indra, dá-nos o melhor dos tesouros, o espírito da habilidade e fortuna; aumento de riqueza, a segurança de nossos corpos, o atrativo da fala amável, e dias de clima agradável’. – Id.].

[36] Compare com *Taittirīya Up.* 3.10.4; Colebrooke, *Miscellaneous Essays* (1873), II, p. 39 e *Aitareya Brāhmaṇa*, 8.28, [onde há ‘uma passagem um tanto semelhante intitulada A Morte de Brahma em torno, onde também o vento é o último na regressão desses mesmos cinco fenômenos (embora em ordem inversa)’. – R. E. Hume].

[37] [´Com relação ao Eu’. – Warrier].

2.13. Esse Brahman brilha realmente quando alguém fala com a fala, e ele morre quando alguém não fala. Seu esplendor vai para a visão somente, a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Esse Brahman brilha realmente quando alguém vê com os olhos, e ele morre quando alguém não vê. Seu esplendor vai para a audição somente, a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Esse Brahman brilha realmente quando alguém ouve com os ouvidos, e ele morre quando não alguém ouve. Seu esplendor vai para a mente somente, a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Esse Brahman brilha realmente quando alguém pensa com a mente, e ele morre quando alguém não pensa. Seu esplendor vai para a respiração (prāṇa) somente, e a vida (prāṇa) para o ar vital (prāṇa).

Assim todas essas divindades (os sentidos, etc.), tendo entrado no ar vital ou vida (prāṇa) somente, embora mortas, não desaparecem; e a partir do próprio ar vital (prāṇa) elas surgem novamente. E se duas montanhas, a do sul e a do norte[38], avançassem tentando esmagar aquele que sabe isso, elas não o esmagariam. Mas aqueles que o odeiam e aqueles a quem ele odeia, eles morrem em torno dele.

A disputa dos poderes corporais pela supremacia; o objetivo final

2.14. Em seguida vem a Niḥśreyasādāna[39] (a aceitação da preeminência de prāṇa (respiração ou vida) pelos outros deuses). As divindades (fala, visão, audição, mente), em disputa entre si sobre quem era a melhor, saíram deste corpo, e o corpo ficou sem respirar, sem vida, como um tronco de madeira. Então a fala entrou nele, mas, falando pela fala, ele ficou imóvel. Então a visão entrou nele, mas falando pela fala, e vendo pela visão, ele ficou imóvel. Depois a audição entrou nele, mas falando pela fala, vendo pelos olhos, ouvindo pelo ouvido, ele ficou imóvel. Então a mente entrou nele, mas falando pela fala, vendo pelos olhos, ouvindo pelos ouvidos, pensando pela mente, ele ficou imóvel. Então a respiração (prāṇa, a vida) entrou nele, e daí ele se ergueu imediatamente. Todas essas divindades, tendo reconhecido a preeminência em prāṇa, e tendo compreendido prāṇa somente como o eu consciente[40] (prajṇātman)[41], saíram desse corpo com todos esses (cinco tipos diferentes de prāṇa), e repousando no ar (sabendo que o prāṇa tinha entrado no ar), e imersas no éter (ākāśa), elas foram para o céu. E da mesma forma aquele que sabe isso, tendo reconhecido a preeminência em prāṇa, e tendo compreendido prāṇa somente como o eu autoconsciente (prajṇātman), sai deste corpo com todos esses (já não acredita neste corpo), e repousando no ar, e fundido no éter[42], ele vai para o céu, ele vai para onde esses deuses (fala, etc.) estão. E, tendo chegado a isso aquele, que conhece isso, torna-se imortal com aquela imortalidade que esses deuses desfrutam.

---

[38] ['As montanhas do Sul e do Norte são as Vindhyas e as Himālayas, respectivamente'. – Radhakrishnan].
[39] ['A obtenção da mais alta excelência'. – Radhakrishnan. 'A assunção de excelência superior'. - Warrier]. Para outras versões dessa história veja *Chāndogya Up*. 5.1, nota 2; *Aitareya Āraṇyaka*, 2.1.4.9; *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 6.1.1-14, e *Kauṣītaki Up.* 3.3.
[40] ['A alma da inteligência'. – Radhakrishnan].
[41] Veja a *Chāndogya Up*. 7.15, nota.
[42] ['Tendo a natureza do espaço'. – Warrier].

O legado de um pai moribundo de seus vários poderes a seu filho

2.15. Em seguida vem a tradição de pai para filho, e assim eles a explicam[43]. O pai, quando vai partir, chama o filho, depois de ter coberto a casa com grama fresca e tendo colocado o fogo sacrifical, e tendo posto perto dele um vaso de água com um jarro (cheio de arroz), ele próprio coberto com um traje novo, e vestido de branco. Ele se coloca acima de seu filho[44], tocando os órgãos dele com os seus próprios órgãos, ou ele pode entregar a tradição para ele enquanto se senta diante dele. Então ele a entrega para ele. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha fala em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua fala em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu olfato (prāṇa) em ti'. O filho diz: 'Eu recebo o teu olfato em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha visão em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua visão em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha audição em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua audição em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar os meus gostos de alimento em ti'. O filho diz: 'Eu recebo os teus gostos de alimento em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar minhas ações em ti!' O filho diz: 'Eu recebo as tuas ações em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu prazer e dor em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua dor e prazer em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar felicidade, alegria e descendentes em ti.' O filho diz: 'Eu recebo a tua felicidade, alegria e descendentes em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu modo de andar [movimento] em ti'. O filho diz: 'Eu recebo o teu modo de andar em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar a minha mente em ti'. O filho diz: 'Eu recebo a tua mente em mim'. O pai diz: 'Deixa-me colocar o meu conhecimento (prajñā) em ti'. O filho diz: 'Eu recebo o teu conhecimento em mim'. Mas se o pai estiver muito doente ele pode dizer concisamente: 'Deixa-me colocar meus espíritos [ares ou forças vitais] (prāṇa) em ti', e o filho: 'Eu recebo os teus espíritos em mim'.

Então o filho anda em volta do pai mantendo seu lado direito em direção a ele, e vai embora. O pai grita atrás dele: 'Que fama, glória de semblante, e honra sempre te sigam'. Então o outro olha para trás sobre o ombro esquerdo, cobrindo [o rosto[45]] com a mão ou a borda de seu manto, dizendo: 'Que tu obtenhas os mundos divinos (svarga) e todos os desejos'[46].

Se o pai se recuperar, que ele fique sob a autoridade do filho, ou que ele vagueie por toda parte (como um asceta). Mas se ele perecer, então que eles o despachem, como ele deve ser despachado, de fato, como ele deve ser despachado[47].

---

[43] *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 1.5.17-30.

[44] [Segundo Warrier e Radhakrishnan, o pai permanece deitado e o filho se coloca sobre ele].

[45] ['Os olhos', segundo Deussen].

[46] ['Todos os mundos e alegrias celestes'. – Id.].

[47] Eu tomei *samāpayati* no sentido de realizar os últimos deveres em relação a um morto, embora eu confesse que não conheço nenhuma passagem paralela na qual *samāpayati* ocorra nesse sentido. O professor Cowell traduz: 'Se ele morrer, então que ele faça o filho receber devidamente a tradição, como a tradição deve ser dada'.

['Se, por outro lado, ele morrer, as forças vitais tomam posse do filho, como é apropriado – como é apropriado'. – Deussen].

Terceiro Adhyāya[1]
A doutrina do prāṇa (o ar vital)

O conhecimento de Indra, a maior benção possível para os homens

3.1. Pratardana, em verdade, o filho de Divodāsa (rei de Kāśī), chegou por meio de combates e força[2] à residência amada de Indra. Indra disse a ele, 'Pratardana, deixe-me dar-lhe uma benção para escolher'. E Pratardana respondeu: 'Que você mesmo escolha para mim a benção que você considere mais benéfica para um homem'. Indra disse-lhe: 'Ninguém que escolhe, escolhe por outro[3]; escolha você mesmo', Então Pratardana respondeu: 'Então essa bênção a escolher não é benção para mim'.

Então, no entanto, Indra não se desviou da verdade, pois Indra é a verdade. Indra disse a ele: 'Conheça a mim apenas[4]; isto é o que eu considero mais benéfico para o homem: que ele deva me conhecer. Eu matei o filho de três cabeças de Tvaṣṭṛ; eu entreguei os Arunmukhas[5], os devotos, aos lobos (sālāvṛka); quebrando muitos tratados, eu matei o povo de Prahlāda no céu, o povo de Puloma no firmamento, o povo de Kālakañga na terra[6]. E nem um fio de cabelo meu foi danificado lá. E quem me conhece assim, por nenhuma ação dele a sua vida é prejudicada, nem pelo assassinato de sua mãe, nem pelo assassinato de seu pai, nem por roubo, nem pela morte de um brâmane[7]. Se ele comete um pecado o vigor[8] não deixa o seu rosto'.

A identidade de Indra com a vida e a imortalidade

3.2. Indra disse: 'Eu sou prāṇa, medita em mim como o eu consciente (prajñātman), como vida, como imortalidade. Vida é prāṇa, prāṇa é vida. Imortalidade é prāṇa, prāṇa é imortalidade. Enquanto prāṇa habita neste corpo certamente há vida. Por prāṇa ele obtém a imortalidade no outro mundo, pelo

---

[1] O objetivo agora é explicar a verdadeira Brahma-vidyā, enquanto que o primeiro e o segundo capítulos são apenas introdutórios, tratando do culto do sofá-cama (paryaṅkopāsanā) e do culto de prāṇa.

[2] [A morte em batalha garante para o guerreiro um lugar no céu].

[3] ['Um superior, realmente, não escolhe por um inferior'. – Radhakrishnan].

[4] ['Aqui Indra fala em nome do Ser Supremo. Vāmadeva faz isso segundo o *Ṛgveda* 4.26.1, o ser individual é realmente uno com o Ser Universal embora pessoas não esclarecidas não estejam cientes dessa unidade. Aqueles que conhecem e sentem isso às vezes falam em nome do Espírito Universal'. – Radhakrishnan].

[5] ['Isto é, aqueles cujas bocas são feridas ou desfiguradas; a palavra *Arunmukhān*, no entanto, é uma corrupção de *Arunmaghān*, que significa 'os avaros', veja o *Aitareya Brāhmaṇa*, 7.28'. - Deussen].

[6] Isso se refere a atos heroicos realizados por Indra, como representados nos hinos do *Ṛgveda*. Veja *Ṛgveda* 5.34.4 [e a nota 5 da tradução em português], e o comentário de Sāyaṇa; *Aitareya Brāhmaṇa* 7.28. [*Ṛgveda* 10.8.8,9, 10.99.6, *Śatapatha Brāhmaṇa* 1.2.3.2, 12.7.1.1; *Taittirīya Saṃhitā* 2.5.1.1 e seg.]. Weber, *Indische Studien* I. 410-418, tentou descobrir um significado físico original nos atos heroicos atribuídos a Indra. Uma observação curiosa é feita pelo comentador, que diz que os crânios dos Arunmukhas foram transformados em espinhos do deserto (karīra) o que permanece até hoje – um aspecto muito comum na tradição popular.

[7] [Warrier e Radhakrishnan substituem esse último por 'nem por matar um embrião'].

[8] ['A cor escura', segundo outros tradutores; 'ele não fica pálido', explica Radhakrishnan. 'Nenhum medo o deixa pálido'. - Deussen].

O professor Cowell compara com a *Taittirīya Saṃhitā* 3.1.1, *nāsya nītaṃ na haro vyeti*.

['Quando obtemos sabedoria suprema e ficamos livres da ilusão do egoísmo os nossos atos bons e maus não nos tocam. Nós morremos para a possibilidade de fazer alguma coisa má'. – Radhakrishnan].

['Aquele que obteve o conhecimento do Ātman e sua unidade com ele está livre através dele [do conhecimento] da ilusão da existência individual, seus atos bons e maus reduzem-se a zero, eles não são mais suas obras, porque ele não é mais um indivíduo'. – Deussen].

conhecimento a concepção verdadeira. Aquele que medita em mim como a vida e a imortalidade ganha a sua vida plena neste mundo, e obtém no mundo Svarga imortalidade e indestrutibilidade'.

A unidade das funções de um indivíduo ou prāṇas especiais

(Pratardana disse): 'Alguns afirmam aqui que os prāṇas se tornam um, pois (de outro modo) ninguém poderia ao mesmo tempo dar a conhecer um nome pela fala, ver uma forma com a visão, ouvir um som com a audição, pensar um pensamento com a mente. Depois de terem se tornado um, os prāṇas percebem todos esses juntos, um por um. Enquanto a fala se expressa, todos os prāṇas falam junto com[9] ela. Enquanto a visão vê, todos os prāṇas veem junto com ela. Enquanto a audição ouve, todos os prāṇas ouvem junto com ela. Enquanto a mente pensa, todos os prāṇas pensam junto com ela. Enquanto o prāṇa respira, todos os prāṇas respiram junto com ele'.

'Assim, é de fato', disse Indra, 'mas, no entanto, há uma proeminência entre os prāṇas.

O realmente vitalizante e unificante ar vital, o espírito vivo ou o eu consciente

3.3. O homem vive privado de fala, pois vemos pessoas mudas. O homem vive privado de visão, pois vemos pessoas cegas. O homem vive privado de audição, pois vemos pessoas surdas. O homem vive privado de mente, pois vemos os infantis. O homem vive privado de seus braços, privados de suas pernas, pois assim nós vemos. Mas só prāṇa é o eu consciente (prajñātman), e tendo obtido este corpo ele o faz se erguer. Por isso se diz: Que se cultue somente a ele como uktha[10]. [Essa é a Obtenção de Tudo (sarvāpti)[11] no espírito vivo (prāṇa)[12]]. O que é prāṇa, isso é prajñā (autoconsciência, inteligência); o que é prajñā (autoconsciência), isso é prāṇa, pois juntos eles (prajñā e prāṇa) vivem neste corpo, e juntos eles saem dele. Disso, esta é a evidência, este é o entendimento. Quando um homem, estando adormecido, não vê nenhum sonho, ele se torna um só com esse prāṇa[13]. Então a fala vai para ele (quando ele está absorvido em prāṇa) com todos os nomes, a visão com todas as formas, a audição com todos os sons, a mente com todos os pensamentos. E quando ele acorda, então, como de um fogo ardente faíscas vão em todas as direções, assim desse ser os prāṇas (fala, etc.) vão cada um para o seu lugar; dos prāṇas os deuses (Agni, etc.), dos deuses os mundos.

Disso, essa é a prova, essa é a compreensão. Quando um homem está doente, prestes a morrer, caindo em fraqueza e desmaio, eles dizem: 'Seu pensamento partiu, ele não ouve, ele não vê, ele não fala, ele não pensa'. Em seguida, ele se torna um só com esse prāṇa. Então a fala vai até ele (que está absorvido em prāṇa) com todos os nomes, a visão com todas as formas, a

---

[9] [‘Depois dela’ conforme o texto, que eu substituí por ‘junto com ela’ da tradução de Warrier].
[10] Uktha, hino [a recitação de louvor], é artificialmente derivado de *ut-thāpayati*, levantar, e, portanto, uktha, hino, deve ser meditado como prāṇa, ar vital, que também levanta o corpo. Veja *Aitareya Āraṇyaka* 2.1.15. [‘A mesma identificação ocorre também na *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 5.13.1’. – R. E. Hume].
[11] [“Isto é, 'É no espírito (individual) consciente que todos os fatos são obtidos'”. – R. E. Hume].
[12] [Essa frase está ausente na recensão publicada na Bibliotheca Indica Series].
[13] Ele é absorvido em prāṇa. Ou deveria ser *prāṇaḥ* como nominativo?

audição com todos os sons, a mente com todos os pensamentos. E quando ele parte deste corpo, ele parte junto com todos eles[14].

Ar vital, o que obtém tudo

3.4. A fala entrega para ele (que é absorvido em prāṇa) todos os nomes, de modo que pela fala ele obtém todos os nomes. O olfato entrega a ele todos os odores, de modo que pelo olfato ele obtém todos os odores. A visão entrega a ele todas as formas, de modo que pela visão ele obtém todas as formas. A audição entrega a ele todos os sons, de modo que pela audição ele obtém todos os sons. A mente entrega a ele todos os pensamentos, de modo que pela mente ele obtém todos os pensamentos. Essa é a absorção completa em prāṇa. E o que é prāṇa é prajñā (autoconsciência, inteligência), o que é prajñā (autoconsciência) é prāṇa. Pois juntos esses dois vivem no corpo, e juntos eles partem.

Agora vamos explicar como todas as coisas tornam-se uma nessa prajñā (autoconsciência).

A correlação das funções do indivíduo com os fatos da existência

3.5. A fala é uma porção tirada[15] de prajñā (conhecimento autoconsciente), a palavra é seu objeto, colocado fora[16]. O nariz é uma parte tirada dela, o odor é seu objeto, colocado fora. O olho é uma parte tirada dela, a forma é seu objeto, colocado fora. O ouvido é uma porção tirada dela, o som é seu objeto, colocado fora. A língua é uma parte tirada dela, o sabor dos alimentos é o seu objeto, colocado fora. As duas mãos são uma parte tirada dela, a ação é seu objeto, colocado fora. O corpo é uma porção tirada dela, seu prazer e dor são seu objeto, colocados fora. O órgão gerador é uma parte tirada dela, felicidade, alegria e descendentes são seus objetos, colocados fora. Os dois pés são uma parte tirada dela, os movimentos são seus objetos, colocados fora. A mente é uma porção tirada dela, pensamentos e desejos são seus objetos, colocados fora.

A supremacia da consciência em todas as funções e fatos da existência

3.6. Tendo por prajñā (conhecimento autoconsciente) tomado posse[17] da fala, ele obtém pela fala todas as palavras. Tendo por prajñā tomado posse do nariz, ele obtém todos os odores. Tendo por prajñā tomado posse do olho, ele obtém todas as formas. Tendo por prajñā tomado posse do ouvido, ele obtém todos os sons. Tendo por prajñā tomado posse da língua, ele obtém todos os sabores dos

---

[14] De acordo com outra leitura, poderíamos traduzir: 'A fala tira todos os nomes daquele corpo, e o prāṇa, no qual a fala é absorvida, assim obtém todos os nomes'.

['O principal objetivo dessa consideração sobre sono profundo e desfalecimento é demonstrar a identidade de prāṇa (do ar vital) e de prajñā (consciência ou inteligência). No desmaio e no sono profundo o prāṇa continua, enquanto que a prajñā parece estar extinta. Na verdade, no entanto, ela não está extinta, mas se une com prāṇa, a partir do qual ela surge novamente durante o estado de vigília'. – Deussen].

[15] O professor Cowell traduz, 'A fala realmente ordenhou uma porção dela', o que pode ter sido o sentido original do escritor.

[16] ['Seu elemento objeto externamente correlacionado'. – Warrier e Radhakrishnan. 'Fala, etc. são partes da inteligência, *prajñāyā vibhāgam*, com objetos correspondentes a eles no mundo externo. Os objetos são descritos como os elementos existenciais externos'. – Radhakrishnan].

[17] ['Tendo obtido controle, literalmente, tendo montado em'. – Radhakrishnan. Então: 'Com a fala montada pela inteligência ele obtém ...'. – Warrier].

alimentos. Tendo por prajñā tomado posse das duas mãos, ele obtém todas as ações. Tendo por prajñā tomado posse do corpo, ele obtém prazer e dor. Tendo por prajñā tomado posse do órgão gerador, ele obtém felicidade, alegria e prole. Tendo por prajñā tomado posse dos dois pés, ele obtém todos os movimentos. Tendo por prajñā tomado posse da mente, ele obtém todos os pensamentos.

A indispensabilidade da consciência para todos os fatos e experiências

3.7. Pois sem prajñā (autoconsciência) a fala não dá a conhecer (ao eu) nenhuma palavra[18]. 'Minha mente estava ausente', ela diz, 'eu não percebi aquela palavra'. Sem prajñā o nariz não dá a conhecer nenhum odor. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'Eu não percebi aquele odor'. Sem prajñā o olho não dá a conhecer nenhuma forma. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'Eu não percebi aquela forma'. Sem prajñā o ouvido não dar a conhecer nenhum som. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'Eu não percebi aquele som'. Sem prajñā a língua não dá a conhecer nenhum sabor. 'Minha mente estava ausente, ela diz, 'Eu não percebi aquele sabor'. Sem prajñā as duas mãos não dão a conhecer nenhum ato. 'Nossa mente estava ausente', elas dizem, 'nós não percebemos nenhum ato'. Sem prajñā o corpo não dá a conhecer prazer ou dor. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'eu não percebi esse prazer ou dor'. Sem prajñā o órgão gerador não dá a conhecer a felicidade, a alegria, ou os filhos. 'Minha mente estava ausente', ele diz, 'eu não percebi essa felicidade, a alegria, ou os filhos'. Sem prajñā, os dois pés não dão a conhecer nenhum movimento. 'Nossa mente estava ausente', eles dizem, 'nós não percebemos esse movimento'. Sem prajñā nenhum pensamento sucede, nada do que é para ser conhecido pode ser conhecido.

O sujeito de todo conhecimento, objeto primordial do conhecimento

3.8.[19] Que ninguém tente descobrir o que fala é[20], que ele conheça aquele que fala[21]. Que ninguém tente descobrir o que o odor é, que ele conheça aquele que cheira. Que ninguém tente descobrir o que a forma é, que ele conheça aquele que vê. Que ninguém tente descobrir o que som é, que ele conheça o ouvinte. Que ninguém tente descobrir os sabores da comida, que ele conheça o conhecedor de gostos. Que ninguém tente descobrir o que é ação, que ele conheça o agente. Que ninguém tente descobrir o que o prazer e a dor são, que ele conheça o conhecedor do prazer e da dor. Que ninguém tente descobrir o que felicidade, alegria e descendentes são, que ele conheça o conhecedor de felicidade, alegria e prole. Que ninguém tente descobrir o que o movimento é,

---

[18] O professor Cowell traduziu uma passagem do comentário que é interessante por mostrar que seu autor e o autor da Upaniṣad também tinham uma concepção clara da natureza correlativa do conhecimento. 'O órgão do sentido', diz ele, 'não pode existir sem prajñā (autoconsciência), nem os objetos do sentido ser obtidos sem o órgão, portanto - no princípio, que quando uma coisa não pode existir sem outra, é dito que essa coisa é idêntica à outra - como o tecido, por exemplo, nunca sendo percebido sem os fios, é idêntico a eles, ou a (falsa percepção de) prata nunca sendo encontrada sem a madrepérola é idêntica a ela, assim os objetos do sentido que nunca são encontrados sem os órgãos são idênticos a eles, e os órgãos nunca sendo encontrados sem prajñā (autoconsciência) são idênticos a ela.

[19] [Aqui Warrier acrescenta: 'É preciso ganhar o puro conhecimento da unidade de Brahman e Ātman'].

[20] ['A fala não é o que se deve buscar conhecer'. – Warrier].

[21] ['Em resumo: não se deve se esforçar pelo conhecimento empírico da pluralidade ou multiplicidade, mas deve-se esforçar pelo conhecimento metafísico da unidade'. – Deussen].

que ele conheça o que move. Que ninguém tente descobrir o que a mente é, que ele conheça o pensador.

A absoluta correlatividade de conhecer e ser

Esses dez objetos (o que é falado, cheirado, visto, etc.) têm referência a prajñā (autoconsciência), os dez sujeitos (fala, os sentidos, a mente) têm referência aos objetos. Se não houvesse objetos, não haveria sujeitos, e se não houvesse sujeitos, não haveria objetos. Pois de um ou outro lado sozinho nada poderia ser realizado.

A unidade no ser consciente

Mas esse (o eu de prajñā, consciência e prāṇa, a vida) não é muitos, (mas um). Pois como em um carro a circunferência de uma roda é colocada nos raios, e os raios no cubo, assim estão esses objetos (circunferência) colocados sobre os sujeitos (raios), e os sujeitos no prāṇa. E esse prāṇa (ar vital, o poder vivo e que respira) de fato é a alma de prajñā, (o ser autoconsciente), abençoado, imperecível, imortal.

A irresponsabilidade ética de uma pessoa, o seu próprio eu sendo idêntico ao mundo todo

Ele não aumenta por uma boa ação, nem diminui por uma má ação. Pois ele (o eu ou alma de prāṇa e prajñā) faz com que aquele, a quem ele deseja levar para cima a partir desses mundos, faça uma boa ação; e o mesmo faz com que aquele, a quem ele deseja levar para baixo a partir desses mundos, faça uma má ação[22]. E ele é o guardião do mundo, ele é o rei do mundo, ele é o senhor do universo - e ele é o meu eu [ātman][23], que isso seja conhecido, sim, que isso seja conhecido!

---

[22] O outro texto diz, 'a quem ele deseja puxar atrás dele; e a quem ele deseja afastar desses mundos'. Rāmatīrtha, em seu comentário sobre a *Maitrāyaṇi Up.* 3.2, cita o texto como traduzido acima.

[23] [‘De Indra’, acrescenta o tradutor. “Ele é eu mesmo – isso deve-se saber. 'Ele é meu Eu' – Isso deve-se saber”. – Warrier].

Quarto Adhyāya[1]
Uma definição progressiva de Brahman

A oferta de instrução de Bālāki sobre Brahman

4.1. Havia antigamente Gārgya Bālāki[2], famoso como um homem de grande erudição[3]; pois dizia-se sobre ele que ele viveu entre os Uśīnaras, entre os Satvat-Matsyas, os Kuru-Pañcālas, os Kāśī-Videhas.

Tendo ido até Ajātaśatru, (o rei) de Kāśī[4], ele disse-lhe: 'Eu devo declarar-lhe Brahman?' Ajātaśatru disse a ele: "Nós damos mil (vacas) por esse (seu) discurso, pois em verdade todas as pessoas correrão em volta, dizendo[5]: 'Janaka (o rei de Mithilā) é nosso pai (patrono)'".

Palavras-chave da conversa subsequente

4.2.[6] No sol o Grande [3], na lua o Alimento [4], no relâmpago a Verdade [ou Luz] [5], no trovão o Som [6], no vento Indra Vaikuṇṭha [7], no espaço a Plenitude [8], no fogo o Vencedor [9], na água o Brilho (tejas) [ou Nome] [10] - assim com relação às divindades (adhi-daivata). Agora, com relação ao eu (adhy-ātma): no espelho o Reflexo [11], na sombra o Duplo [12], no eco a Vida (asu) [13], no som a Morte [14], no sono Yama (o Senhor da Morte) [15], no corpo Prajāpati (o Senhor da Criação) [16], no olho direito a Fala [17], no olho esquerdo a Verdade [18].

A determinação progressiva de Bālāki e Ajātaśatru de Brahma
(a) Em vários fenômenos cósmicos

4.3. Bālāki disse: 'A pessoa[7] que está no sol, nele eu medito (como Brahman)'[8].

Ajātaśatru lhe disse: 'Não, não! Não me desafie (para um debate) sobre isso[9]. Eu medito naquele que é considerado grande, vestido em traje branco[10], o supremo, o principal de todos os seres'.

---

[1] Prāṇa, ar vital ou vida, foi explicado no capítulo anterior. Mas esse prāṇa ainda não é o ponto mais alto a ser alcançado. Prāṇa, a vida, mesmo que unida à prajñā, consciência, é apenas uma cobertura de outra coisa, ou seja, o Eu, e este Eu Superior agora tem que ser explicado.

[2] A mesma história é contada na *Bṛhad-āraṇyaka Up*. 2.1 e seg., mas com variações importantes.
[A ordem de alguns parágrafos (7 e 8, 15 e 16) está invertida na versão (na Ānandāśrama Sanskrit Series) traduzida por Müller, e nesse caso eu segui a ordem da versão publicada na Bibliotheca Indica Series para concordar com a ordem dos assuntos como dada no parágrafo 2].

[3] [Ou 'versado nas escrituras', 'estudioso vêdico'].

[4] [A atual Benares, Varanasi].

[5] ["'Um Janaka, um Janaka!' (um rei de Videha que se tornou notório por causa de sua generosidade'". – Deussen].

[6] O segundo parágrafo constitui uma espécie de índice para a discussão a seguir.
[A tradução desse parágrafo é a de Warrier].

[7] ['O Espírito', segundo Deussen].

[8] ['A ele de fato eu reverencio'. – R. E. Hume].

[9] ['Dessa maneira você não vai promover mais conversa comigo' ou 'Você não vai obter o meu consentimento'. – Deussen. 'Não me faça conversar sobre ele'. – Radhakrishnan].
O rei quer dizer que já sabe isso, e que pode mencionar não apenas os predicados da pessoa no sol assim meditada como Brahman, mas também as recompensas dessa meditação.

[10] Este é propriamente um predicado da lua, e usado como tal na *Bṛhad-āraṇyaka Upaniṣad*, no segundo parágrafo do diálogo.

Quem medita sobre ele dessa maneira se torna supremo, e o principal de todos os seres[11].

4.4. Bālāki disse: 'A pessoa que está na lua, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como Soma, o rei, a alma[12] (ātman) de todo alimento'.

Quem medita nele assim torna-se a alma de todo alimento.

4.5. Bālāki disse: 'A pessoa que está no relâmpago, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma da luz'[13].

Quem medita nele assim torna-se a alma da luz.

4.6. Bālāki disse: 'A pessoa que está no trovão, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma do som[14].

Quem medita nele assim torna-se a alma do som.

4.7. Bālāki disse: 'A pessoa que está no ar [vento], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como Indra Vaikuṇṭha, como o exército invencível'.

Quem medita nele assim torna-se vitorioso, invencível, um vencedor de inimigos.

4.8. Bālāki disse: 'A pessoa que está no éter [espaço], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como o pleno Brahman, não ativo'.

Quem medita nele assim fica cheio de prole e gado[15]. Nem ele próprio nem sua prole morrem antes do tempo.

4.9. Bālāki disse: 'A pessoa que está no fogo, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito sobre ele como poderoso (Vencedor) '.

Quem medita nele assim torna-se poderoso entre outros.

4.10. Bālāki disse: 'A pessoa que está na água, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma do nome [ou da luz] '[16].

Quem medita nele assim torna-se a alma do nome. Até agora, no que diz respeito às divindades; agora no que diz respeito ao corpo.

(b) No ser

4.11. Bālāki disse: 'A pessoa que está no espelho, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a semelhança (imagem)[17] [refletida]'.

Quem medita nele assim, para ele um filho nasce em sua família que é a sua semelhança, não alguém que não é a sua semelhança.

---

[11] [‘Sob quaisquer qualidades que nós meditemos sobre o Supremo nós mesmos nos tornamos possuidores daquelas qualidades’. – Radhakrishnan].

[‘As palavras pertencem, como a colocação de *iti* indica, não ao rei, como Cowell e Max Müller aceitam ou interpretam, mas ao narrador’. – Deussen].

[12] [A essência, fonte].

[13] [Ou da verdade].

[14] Esse não é mencionado na *Bṛhad-āraṇyaka.*

[15] [A outra recensão, em lugar da última frase, prossegue assim ‘esplendor, o brilho do conhecimento de Brahman e o mundo celeste; ele atinge o prazo completo de vida’].

[16] [‘Do brilho do nome’. – Warrier].

[17] [‘Contraparte’. – R. E. Hume].

4.12. Bālāki disse: 'A pessoa que está na sombra, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como o segundo, que nunca vai embora'[18].

Quem medita nele assim obtém um segundo de sua segunda (sua esposa), ele se torna duplo[19].

4.13. Bālāki disse: 'A pessoa que está no eco, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a vida'[20].

Quem medita nele assim, nem ele próprio nem sua prole enfraquecerão[21] antes do tempo.

4.14. Bālāki disse: 'O som que segue um homem, nesse eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a morte'.

Quem medita nele assim, nem ele próprio nem sua prole morrerão antes do tempo.

4.15. Bālāki disse: 'O Ser que é consciente (prajñā), e por quem aquele que dorme aqui caminha durante o sono[22], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito sobre ele como o Rei Yama'[23].

Quem medita nele assim, tudo é subjugado por suas excelências[24].

4.16. Bālāki disse: 'A pessoa que está encarnada[25], nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como o Senhor das criaturas [Prajāpati] '[26].

Quem medita nele assim é multiplicado em prole e gado[27].

4.17. Bālāki disse: 'A pessoa que está no olho direito, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito nele como a alma (ātman) do nome [ou da fala], a alma do fogo, a alma da luz'[28].

Quem medita nele assim, ele se torna a alma de todos esses.

4.18. Bālāki disse 'A pessoa que está no olho esquerdo, nele eu medito'.

Ajātaśatru disse-lhe: 'Não me desafie sobre isso. Eu medito sobre ele como a alma da verdade, como a alma do relâmpago, como a alma do esplendor'.

Quem medita nele dessa maneira se torna a alma de todos esses.

O criador universal na caverna do coração

---

[18] ['O Duplo inseparável'. – R. E. Hume].

[19] [Isto é, 'possuidor de prole'. – Radhakrishnan]. Esse parágrafo não ocorre na *Bṛhad-āraṇyaka.*

[20] ['A vida (consciente) consiste no fato de que as impressões das coisas encontram uma resposta em nós, como o som encontra resposta no eco'. – Deussen].

[21] [Ou 'entrarão em inconsciência'].

[22] ['A pessoa aqui que, adormecida, se move em sonho'. – R. E. Hume].

[23] ['Assim como o sono profundo é entendido como estando com (permanecendo no estado de) Brahman, assim também aqui o sono com sonhos parece ter sido entendido na fase precedente de estar com Yama, o deus da morte. Em comparação com o sono profundo os fenômenos de vigília e sonho são chamados de formas de morte, 'mṛtyo rūpāni' (*Bṛhad-āraṇyaka,* 4.3.7)'. – Deussen].

[24] ['Por sua supremacia'. – R. E. Hume].

[25] ['O espírito que está no corpo'. – Deussen].

[26] ["Prajāpati, como o princípio da corporalidade. Compare com a *Vājasaneyi Saṃhitā* 31.19 (e *Atharva-veda,* 10.8.13). 'Prajāpati opera no corpo da mãe. O não-nascido renasce repetidamente'". – Deussen].

[27] [Nota 15].

[28] ['O olho como o símbolo da luz física bem como espiritual é compreensível'. – Deussen].

4.19. Depois disso Bālāki ficou em silêncio. Ajātaśatru disse-lhe: '(Você) só (sabe) até aqui, ó Bālāki?'[29] 'Só até aqui,' respondeu Bālāki.

Então Ajātaśatru disse-lhe: 'Em vão você me desafiou, dizendo: "Eu devo declarar-lhe Brahman?" Ó Bālāki, aquele que é o criador dessas pessoas (que você mencionou), aquele de quem tudo isso é a obra, ele é o único a ser conhecido'.

Então Bālāki se aproximou, carregando combustível nas mãos, dizendo: 'Eu posso vir a você como um aluno?' Ajātaśatru disse-lhe: 'Eu considero impróprio que um kṣatriya inicie um brâmane. Venha, vou farei você saber claramente'. Então, tomando-o pela mão, ele saiu. E os dois juntos chegaram a um homem que estava dormindo. E Ajātaśatru o chamou, dizendo: 'Ó grande, vestido em traje branco, Soma, Rei'. Mas ele permaneceu deitado[30]. Então ele o empurrou com um bastão, e ele se levantou imediatamente. Então Ajātaśatru lhe disse: 'Bālāki, onde é que este homem aqui dormia? Onde ele estava? De onde ele voltou dessa maneira?' Bālāki não sabia.

E Ajātaśatru disse a ele: 'Onde esse homem aqui dormia, onde ele estava, de onde ele assim voltou, é isto: as artérias do coração chamadas Hita [‘salutarmente ativas, benéficas’, que] se estendem desde o coração da pessoa até o corpo circundante [o pericárdio]. Pequenas como um fio de cabelo dividido mil vezes, elas estão cheias de um fluido fino de várias cores, [marrom avermelhado,] branco, preto, amarelo, vermelho. Nessas o homem está quando dorme, ele não vê nenhum sonho.

A unidade final no ser criativo, penetrante, supremo, universal

4.20. Então ele se torna um só com o prāṇa. Em seguida, a fala vai até ele com todos os nomes, a visão com todas as formas, a audição com todos os sons, a mente com todos os pensamentos. E quando ele acorda, então, como de um fogo ardente, faíscas vão em todas as direções, desse modo daquele ser os prāṇas (fala, etc.) vão cada um para o seu lugar, dos prāṇas os deuses [os poderes dos sentidos], dos deuses os mundos.

E como uma navalha pode ser encaixada em um estojo de navalha, ou como fogo[31] em um receptáculo de fogo, assim mesmo esse eu consciente entra no eu do corpo (considera o corpo como ele próprio) até os próprios cabelos e unhas. E os outros eus (como a fala, etc.) seguem esse eu, como seu povo segue

---

[29] [‘Isso é tudo, Bālāki?’ – Deussen].

[30] [‘O sono profundo é próximo a Brahman. Agora, se Brahman fosse um dos espíritos citados por Bālāki, o homem adormecido teria acordado, quando ele foi chamado por esses nomes’. – Deussen].

[31] [‘Essa é a interpretação tradicional. Se isso é correto, a passagem apresenta a ocorrência mais antiga de um símile favorito do Vedānta posterior; compare, por exemplo, Śaṅkara nos *Brahma-Sūtras* 3.2.6: 'como o fogo é latente na lenha ou em brasas cobertas’. Mas o significado de *viśvambhara* é incerto. Etimologicamente, a palavra é um composto significando ‘portador de tudo, sustentador de tudo’. Como tal, é uma denominação inequívoca da terra no *Atharva-Veda* 12.1.6. A única outra ocorrência de seu uso adjetival citada no Dicionário de Böhtlingk e Roth é no *Atharva-Veda* 2.16.5, onde o comentador substancia a sua interpretação ‘fogo’ citando a presente passagem. Em ambas as passagens Whitney rejeita o significado ‘fogo '(*Atharva-Veda,* Tr., 60-61), e em sua crítica da tradução de Böhtlingk desta Upaniṣad (*American Journal of Philology*, II. 432) sugere que ‘*viśvambhara* pode talvez aqui significar algum tipo de inseto, de acordo com seu uso posterior’, e ‘já que o ponto de comparação é a invisibilidade das coisas envoltas’ propõe a tradução ‘ou como um *viśvambhara* em um ninho de *viśvambhara’.* Mas o professor Lanman acrescenta à nota de Whitney sobre o *Atharva-Veda* 2.16.5 (Tr., página 60-61): ‘eu penso, no entanto, que o fogo pode ser aludido’. – R. E. Hume, nota na *Bṛhad-āraṇyaka Up.* 1.4.7].

o dono da casa. E como o mestre se alimenta [ou desfruta][32] com seu povo, ou melhor, como seu povo se alimenta do mestre, assim esse eu consciente se alimenta com os outros eus, como um mestre com seu povo, e os outros eus o seguem, como o povo segue o mestre.

Realmente, enquanto Indra não compreendia esse Eu (Ātman), os Asuras o venciam. Quando ele entendeu, ele conquistou os Asuras e obteve a primazia entre todos os deuses, soberania, supremacia. E assim também aquele que conhece isso obtém preeminência entre todos os seres[33], soberania, supremacia – sim, aquele que sabe isso!

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[32] [Ou 'desfruta'. 'Desse eu esses outros eus dependem como de um chefe os seus próprios (homens). Assim como um chefe desfruta seus próprios (homens) ou como seus próprios (homens) são úteis a um chefe, exatamente assim esses outros eus estão a serviço desse eu da (inteligência)'. – Radhakrishnan].

[33] ['Eliminando todos os males', acrescenta Radhakrishnan].

Mudgala Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 57[1]. Sāmānya)

De autor desconhecido, essa Upaniṣad recebe o nome de um ṛṣi vêdico, autor do hino 10.102 do Ṛgveda, Mudgala Bhārmyaśva, isto é, Mudgala o filho de Bhṛmyaśva (‘o que tem cavalos velozes’), hino onde é descrito como ele ganha uma disputa de carruagens usando apenas um carro de boi, e tendo sua esposa como condutora. Ele também é notável no Mahābhārata 3, Āraṇyakaparva, capítulos 258 e 259, por ter se recusado a ir para o céu por considerar efêmeras suas recompensas. Então esta Upaniṣad é a ‘Upaniṣad de Mudgala’.

Ela trata do Puruṣa Sūkta ou ‘Hino do Homem’[2], encontrado no Ṛgveda 10.90, com 16 versos, e na versão mais comumente utilizada, de 24 versos[3]. O primeiro parágrafo da Upaniṣad resume o hino. Do primeiro verso ao sexto as duas versões concordam, e as diferenças seguintes estão indicadas entre colchetes e em notas. A tradução em inglês é de A. G. Krishna Warrier.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[1] Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera 108 Upaniṣads.
[2] A outra Upaniṣad que trata do mesmo tema é a Subāla Upaniṣad, do Yajur Veda Branco.
[3] Essa versão de 24 versos traduzida estará incluída nos apêndices do décimo livro do Ṛgveda em português.

1. Um Resumo do Puruṣa-sūkta

Vamos explicar o Puruṣa-sūkta: Em 'mil cabeças' [1a] mil significa incontáveis, a palavra 'dez dedos' [1d] significa distância infinita, a primeira estrofe declara que Viṣṇu permeia o espaço, a segunda que ele permeia o tempo; a terceira fala que ele dá a libertação. A glória de Viṣṇu é dada em 'etāvān' (essa é a sua grandeza) [3]. A mesma estrofe afirma a sua natureza quádrupla. 'Tripād' etc. [4], fala da glória de Aniruddha. Em 'dele Virāt [Virāj] nasceu' [5] foi mostrada a origem de Prakṛti e Puruṣa de um quarto de Hari. Por 'yat puruṣeṇa' [6] o sacrifício da criação é relatado, bem como Mokṣa [Libertação]. Em 'tasmād' [8-9 / 9-10[1]] as criações do mundo são declaradas. 'Vedāham' [16 e 20[2]] fala da glória de Hari. Por 'yajñena' [16 / 18[3]] é declarado o fim da criação e libertação. Aquele que sabe isso vem a ser libertado.

2. Do mistério supremo

Na Mudgalopaniṣad a grandeza do Puruṣa-sūkta é de declarada em detalhes. Vasudeva ensinou o conhecimento de Bhagavān para Indra; além disso transmitiu ao humilde Indra o grande mistério com duas seções do Puruṣa-sūkta. Esses dois são: o Puruṣa descrito acima abandonou o objeto que estava além do âmbito do nome e da forma, difícil para as pessoas do mundo entenderem, e tomou uma forma com mil partes e capaz de dar Mokṣa à visão, para elevar os Devas e outros que sofriam. Nessa forma, permeando o mundo ele permaneceu além dele por uma distância infinita. Esse Nārāyaṇa era o Passado, o Presente e o Futuro. E foi o concessor de Mokṣa a todos. Ele é maior que os maiores - ninguém é maior do que Ele.

Ele fez-se em quatro partes e com três delas existe no céu. Pela quarta, a (forma) Aniruddha (de) Nārāyaṇa, todos os mundos vieram a existir. Essa (parte de) Nārāyaṇa criou Prakṛti (Matéria) para fazer os mundos (Prakṛti representa o Brahma de quatro faces). Em plena forma o último não conhecia o trabalho de criação - este Aniruddha - Nārāyaṇa disse a ele.

Brahman! Medite em seus órgãos como o sacrifício, no corpo firme dos invólucros[4] como a oblação, em mim como Agni, na primavera como ghee, no verão como combustível, no outono como os seis sabores de alimentos e faça a oferenda em Agni e toque o corpo - isso tornará o corpo (forte como) Vajra (diamante). Daí aparecerão os produtos como animais. Daí o mundo de coisas móveis e imóveis. Deve ser entendido que o modo de libertação é indicado pela união de Jīva e Paramātman.

Quem conhece essa Criação e Libertação vive uma vida plena.

---

[1] Versos 8-9 no Ṛgveda e 9-10 na versão de 24 versos.
[2] Apenas na versão de 24 versos.
[3] Verso 16 no Ṛgveda e verso 18 na versão mais utilizada.
[4] Literalmente: `das bainhas’ (veja a nota seguinte).

3. Um Deus torna-se muitos

O único Deus tornando-se muitos; não-nascido, nasce como muitos. Os Adhvaryus o adoram como Agni. Esse como Yajus une tudo. Os Sāmavedins adoram como Sāman. Tudo está estabelecido nele. As serpentes meditam sobre ele como veneno. Os conhecedores da ciência das cobras como cobra, deuses como energia, homens como riqueza, demônios como mágica, os manes como sustento. Os conhecedores do sobre-humano como sobre-humano. Gandharvas como beleza, Apsarases como perfume. Ele se torna aquilo como o qual ele é adorado; assim, deve-se pensar 'Eu sou o ser supremo' e se tornará aquele (que conhece isso).

4. Só Brahman com a ausência das três é Jīva

Além da miséria tripla, livre de camadas, desprovido das seis ondas, diferente dos cinco invólucros, sem ser afetado pelas seis transformações é o Brahman. As três misérias são Ādhyātmika (doenças do corpo), Ādhibhautika (ladrões, animais selvagens etc.,) e Ādhidaivika (chuvas etc.). Elas estão relacionadas com agentes, ação e efeito; conhecedor, conhecimento e conhecido; experimentador, experiência e experienciado. As seis camadas são pele, carne, sangue, ossos, tendões e tutano. Os seis inimigos são luxúria etc. Os cinco invólucros são aqueles de alimentos, ares vitais, mente, cognição e bem-aventurança[5]. As seis transformações são: existência, nascimento, crescimento, mudança, declínio e destruição. As seis ondas são fome, sede, sofrimento, desilusão, velhice e morte. As seis ilusões são sobre família, linhagem, classe, casta, fases (āśramas) e formas. Através do contato com o espírito supremo vem a ser o Jīva - ele não é nenhum outro.

Aquele que estuda isso é purificado pelo fogo, vento e sol, tem saúde e riqueza, torna-se rico em filhos e netos, um estudioso, purificado de grandes pecados, [como] beber, [ter] contato indevido com mãe, filha e nora, roubar ouro, esquecer o conhecimento védico, deixar de servir aos mais velhos, sacrificar para os inadequados, comer o que não se deve, [fazer] doações erradas, [ter] contato com a mulher de outro, não afetada pelo desejo etc., [e] torna-se o prístino Brahman neste nascimento. Portanto não se deve comunicar a uma pessoa não iniciada este Puruṣa-sūkta que é um segredo, nem para aquele que não conhece os Vedas, um não-sacrificador, um não-Vaiṣṇava, não-iogue, uma pessoa tagarela, um conversador rude, aquele que leva mais de um ano para aprender, os descontentes.

O Guru deve transmitir isso em um lugar puro, sob uma estrela sagrada, depois de regular os ares vitais, para o discípulo humilde, no ouvido direito. Isso não deve ser feito muitas vezes - ele se tornaria insípido - mas quantas vezes forem necessárias, no ouvido.

Assim, tanto o professor quanto o aluno se tornarão Puruṣa neste nascimento.

Esta é a Upaniṣad.

---

[5] Annamaya, Prāṇamaya, Manomaya, Vijñānamaya e Ānandamaya kośas.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Mudgalopaniṣad, como contida no Ṛgveda.

Nādabindu Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 38[1]. Yoga)

Esta é a Upaniṣad do Som Semente, o Praṇava Mantra, Om, Oṃkāra. Nāda significa som e bindu 'uma partícula destacada, gota, glóbulo, ponto, mancha'. – Monier Williams. Nāda é, 'no yoga, o som nasal representado por um semicírculo e usado como uma abreviação em palavras místicas'. – Id. De acordo com Deussen, em *Sixty Upanishads of the Veda*, a palavra se refere ao som nasal de zumbido ou tom no qual esse som Om se desvanece.

Esta Upaniṣad 'trata da obtenção de Videhamukti [libertação através do livramento do corpo, isto é, libertação após a morte], como o resultado da aniquilação dos três tipos de karma[2], por aqueles que estão equipados com o recurso do Nāda, através da exposição da real natureza do Brahman Absoluto, após tratar dos meios de alcançar Brahman em seu aspecto qualificado, por aqueles que possuem o conhecimento do Brahman qualificado indicado pelo Praṇava em seu aspecto Vairāja [de Virāj]'. – T. R. Srinivasa Ayyangar.

A tradução em inglês é a de K. Narayanaswami Aiyar, em *Thirty minor Upanishads*, os subtítulos são da tradução de T. R. Srinivasa Ayyangar em *The Yoga Upanisads*.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[1] Da lista da Muktikopaniṣad, que nos versos 30-39 enumera 108 Upaniṣads.
[2] Que são: *saṃcita* (acumulado, que dará resultado em vidas seguintes), *prārabdha* (iniciado, maduro e vigente), e *āgāmi*, (vindouro), o que está sendo criado em nossa vida diária, ou *kriyamāṇa* ('sendo feito'), que 'é intercambiável com *āgāmi karma* já que ambos se referem ao que é feito no momento presente, mas *kriyamāṇa* tem mais a ver com o exercício do nosso livre arbítrio para fazer escolhas no presente'. - Stephen Sturgess.

A forma real do Vairāja-Praṇava

1. A sílaba [ou letra] A é considerada a asa direita (da ave Om), U, a esquerda; M[1], sua cauda; e a ardhamātrā [meia-métrica[2]] é dita ser sua cabeça.
2. As qualidades (rajásicas e tamásicas) suas pernas (até os quadris); Sattva, seu corpo (principal)[3]; dharma é considerado como seu olho direito, e adharma, o esquerdo.
3. O Bhūrloka está situado em seus pés; o Bhuvarloka, em seus joelhos; o Suvarloka [Svarloka] em seus quadris, e o Maharloka, em seu umbigo.
4. Em seu coração situa-se o Janoloka [Janaloka]; o Tapoloka em sua garganta, e o Satyaloka no centro da testa entre as sobrancelhas.

O fruto da Vairāja-Vidyā

5a.[4] Então a mātrā (ou mantra) além do Sahasrāra (de mil raios) é explicada (isto é,) deve ser explicada.
5b-6a. Um perito em yoga que monta o Haṃsa (ave) dessa maneira, (ou seja, medita sobre o Om,) não é afetado por influências kármicas nem por dezenas de crores[5] de pecados[6].

A forma real do Praṇava composto das quatro mātrās principais

6b-7. A primeira mātrā [Akāra[7]] tem Agni como sua devatā (divindade presidente [Virāj]); a segunda [o símbolo U], Vāyu como sua devatā [o Sūtrātman]; a mātrā seguinte [M, o Bījātma] é resplandecente como a esfera do sol e a última, a ardhamātrā, os sábios conhecem como pertencente a Varuṇa (o deus que preside as águas).
8. Cada uma dessas mātrās têm de fato três kalās (partes[8]). Esse se chama Oṃkāra. Conhece-o por meio das dhāraṇās, isto é, concentração em cada uma das doze kalās, (ou as variações das mātrās produzidas pela diferença de svaras ou entonação).

---

[1] O comentador diz que M é a última letra e, portanto, a cauda, e ardhamātrā é a cabeça, uma vez que permite atingir os mundos superiores.
[2] [Mātrā significa 'unidade métrica, uma mora ou instante prosódico, isto é, o tempo necessário para pronunciar uma vogal curta (uma vogal longa contém 2 mātrās e uma vogal prolatada 3)'. – Monier-Williams].
[3] Outra leitura é: As qualidades são seus pés, etc., e Tattva é seu corpo.
[4] ["Neste Vairāja-Praṇava está realmente revelado o (Oṃkāra) Mantra (que contém o A) de mil membros, (segundo um texto vêdico que diz: 'A letra A é composta de mil membros'). O adepto de Haṃsa-yoga (concentração na concepção 'Eu sou esse Virāj') que dominou essa Vairāja-Vidyā não é afetado em absoluto pelas centenas de miríades de pecados devido ao seu karma'. – Ayyangar].
[5] [1 crore = 10.000.000].
[6] Comentário: uma vez que este mantra já ocorreu no khaṇḍa precedente da mesma śākhā, ele é simplesmente mencionado no texto. O significado parece ser: as letras A e U são as duas asas do Haṃsa (Om) da forma de Viṣṇu que vai para Svarga, a morada de Sūrya, o Deus de mil raios; essa sílaba, Om, portando em seu coração todos os devas (de sattvaguṇa). Ele vai até Sahasrāra vendo os mundos pessoalmente; Sahasrāra sendo a sede do sol espiritual.
[7] ['Um som seguido por 'kāra' é o nome daquele som' etc. Veja a minha tradução da *Akṣamālika Upaniṣad* em português, verso 5].
[8] [Durações, segundo Ayyangar: presente, passado e futuro].

Os detalhes das doze diferentes mātrās do Praṇava consideradas individualmente e coletivamente

9-11. A primeira mātrā se chama Ghoṣiṇī; a segunda, Vidyunmālī (ou Vidyunmātrā, [Vidyut]); a terceira, Pataṅginī; a quarta, Vāyuveginī; a quinta, Nāmadheyā; a sexta Aindrī; a sétima, Vaiṣṇavī; a oitava, Śāṅkarī; a nona, Mahatī; a décima, Dhṛti (Dhruva, ed. Calcutá); a décima primeira, Nārī (Maunī); e a décima segunda, Brāhmī[9].

Benefícios derivados pelos devotos por morrerem em mātrās específicas

12. Se um homem morre na primeira mātrā (enquanto contempla sobre ela) ele nasce novamente como um grande imperador em Bharatavarṣa.
13. Se na segunda mātrā, ele se torna um yakṣa ilustre; se na terceira mātrā, um vidyādhara; se na quarta, um gandharva.
14. Se ele morre na quinta, a saber, ardhamātrā, ele vive no mundo lunar [Soma-loka], com o posto de um deva muito glorificado lá.
15. Se na sexta, ele se funde em Indra, se na sétima, ele alcança a sede de Viṣṇu; se na oitava, Rudra, o Senhor de todas as criaturas [paśus].
16. Se na nona, Maharloka; se na décima, Janoloka (Dhruvaloka, ed. Calcutá); se na décima primeira, Tapoloka, e se na décima segunda, ele atinge o eterno estado de Brahmā[10].

A forma real do Brahman sem qualidades e o fruto de conhecê-lo

17. O que está além deles, (ou seja,) Parabrahman que está além (das mātrās acima), o puro, o onipenetrante, além das kalās, o sempre resplandecente e a fonte de todas as jyotis (luzes), deve ser conhecido.
18. [11]Quando a mente vai além dos órgãos e dos guṇas e está absorta, não tendo uma existência separada nem ação mental, então (o guru) deve instruí-lo (quanto ao seu novo rumo de desenvolvimento).
19. Esse homem sempre empenhado em sua contemplação e sempre absorto nisso deve gradualmente abandonar seu corpo (ou família) seguindo o curso de yoga e evitando todas as relações com a sociedade.
20. Então ele, estando livre dos laços do karma e da existência como jīva e sendo puro, desfruta a felicidade suprema por sua obtenção do estado de Brahman[12].

---

[9] Comentário: As quatro mātrās são subdivididas em doze por terem cada uma três svaras, (udātta, anudātta e svarita). Aqui o autor prossegue dando os nomes das doze kalās e mostra o método de praticar dhāraṇā em cada uma. Ghoṣiṇī é a que dá Prajñā; Vidyunmālī é a que assegura a entrada no loka de Vidyunmālī, o rei dos yakṣas; Pataṅginī é a que confere o poder de movimento através do ar como a ave Pataṅginī; Vāyuveginī é a que dá o poder de se mover muito rapidamente; Nāmadheyā significa aquela que concede existência em Pitṛloka; Aindrī em Indraloka; Vaiṣṇavī e Śāṅkarī em Viṣṇu e Śiva-lokas respectivamente; Maunī no loka dos Munis ou Janoloka e Brāhmī em Brahmaloka.
[10] Eterno aqui significa o tempo de vida de Brahmā.
[11] Outra edição diz: ele deve entrar através do yoga no incomparável e quiescente Śiva.
[12] Aqui a edição de Calcutá para.

Indagação sobre a existência ou não do karma prévio de um homem de conhecimento

21. Oh homem inteligente, passe a sua vida sempre no conhecimento da felicidade suprema, desfrutando de todo o seu prārabdha (aquela parte do karma passado agora sendo desfrutada) sem fazer nenhuma reclamação (disso).
22-23a. Mesmo depois que o ātmajñāna (conhecimento de Ātman ou Eu) despertou (em alguém), prārabdha não (o) deixa; mas ele não sente prārabdha após o despertar de tattvajñāna[13] (conhecimento de tattva ou verdade) porque o corpo e outras coisas são asat (irreais), como as coisas vistas em um sonho para alguém ao acordar dele.
23b-24. Aquela (parte do) karma que é feita em nascimentos anteriores e chamada prārabdha não afeta de modo algum a pessoa (tattva / jñāni), porque não há renascimento para ele. Como o corpo que existe no estado de sonho é falso, assim é este corpo.
25a. Onde então há o renascimento para uma coisa que é ilusória? Como pode uma coisa ter alguma existência, quando não há nascimento (para ela)?
25b-26a. Como a argila é a causa material do pote assim se aprende do Vedānta que ajñāna [ignorância] é a causa material do universo e, quando ajñāna deixa de existir, onde então está o Cosmos?
26b-27. Como uma pessoa por ilusão confunde uma corda com uma serpente, assim o tolo, não conhecendo Satya (a verdade eterna), vê o mundo (como verdadeiro). Quando ele sabe que é um pedaço de corda a ideia ilusória de uma serpente desaparece.
28-29a. Assim, quando ele conhece o eterno substrato de tudo e todo o universo se torna (portanto) vazio (para ele), onde então está prārabdha para ele, o corpo sendo uma parte do mundo? Portanto, a palavra prārabdha é aceita para esclarecer os ignorantes (somente).
29b-30. Então, conforme prārabdha, no decorrer do tempo, se esgota, aquele que é o som resultante da união do Praṇava com Brahman que é a própria refulgência absoluta, e que é o concessor de todo bem, brilha como o sol quando as nuvens se dispersam.

Aplicação da mente ao Nāda, o meio de obter o conhecimento do Turīya

31. O iogue estando na (postura) siddhāsana e praticando a vaiṣṇavī-mudrā[14] deve sempre ouvir o som interno através do ouvido direito.
32. O som que ele assim faz o torna surdo para todos os sons externos. Tendo superado todos os obstáculos, ele entra no estado de Turīya dentro de quinze dias.
33. No início de sua prática, ele ouve muitos sons. Eles aumentam gradualmente de tom e são ouvidos cada vez mais sutilmente.

---

[13] Tattvajñāna é o discernimento dos tattvas deste universo e do homem. Ātmajñāna o discernimento do Ātman ou do Eu no homem.
[14] ['Centrar a mente em um objeto interno enquanto seus olhos estão olhando para fora sem fechar nem abrir as pálpebras é chamado de *Vaiṣṇavī Mudrā*. Isso é mantido oculto em todas as obras tântricas'. – *Śāṇḍilya Upaniṣad*, 31].

34. A princípio, os sons são como aqueles provenientes do oceano, das nuvens, do tambor e das cataratas; na (fase) intermediária aqueles provenientes do mardala (um instrumento musical), do sino e do chifre.
35. Na última etapa, aqueles que vêm dos sinos tilintantes, flauta, vīṇā (um instrumento musical), e abelhas. Assim ele ouve muitos sons como esses cada vez mais sutis.
36. Quando ele chega àquela fase quando o som do grande timbale está sendo ouvido, ele deve tentar distinguir apenas sons cada vez mais sutis.
37. Ele pode mudar a sua concentração do som grosseiro para o sutil, ou do sutil para o grosseiro, mas ele não deve permitir que sua mente seja desviada deles em direção a outros.
38. A mente tendo se concentrado a princípio em algum som se fixa firmemente nele e é absorvida nele.
39. Ela (a mente) tornando-se insensível às impressões externas, torna-se una com o som como o leite com a água, e então vem a ser rapidamente absorvida em Cidākāśa (o Ākāśa em que Cit prevalece) [o Éter da Consciência].
40. Sendo indiferente a todos os objetos, o iogue, tendo controlado suas paixões, deve pela prática contínua concentrar sua atenção no som que destrói a mente.
41. Deixando de lado todos os pensamentos e estando livre de todas as ações, ele deve sempre concentrar sua atenção no som, e (então) sua citta [mente] se absorve nele.

O poder do som de cativar a mente

42.43a. Como a abelha que bebe (apenas) o mel não se importa com o odor [da flor], assim a citta [mente], que está sempre absorta no som, não anseia pelos objetos dos sentidos, pois ela está atada pelo doce cheiro do Nāda e abandonou sua natureza fugaz.
43b-44a. A serpente[15] citta por ouvir o Nāda é inteiramente absorvida nele, e tornando-se inconsciente de tudo se concentra no som.
44b-45a. O som serve ao propósito de um aguilhão afiado para controlar o elefante enlouquecido – citta – que vagueia no jardim de diversão dos objetos dos sentidos.
45b-46a. Ele serve ao propósito de uma armadilha para amarrar o cervo – citta. Ele também serve como uma margem para as ondas do oceano de citta.

A forma real do Nāda do refúgio final

46b-47a. O som procedente do Praṇava que é Brahman é da natureza do esplendor; a mente se absorve nele; esse é o lugar supremo de Viṣṇu.
47b-48a. O som existe até que haja a concepção akásica (Ākāśa-Saṅkalpa). Além disso, há o Parabrahman sem som (Aśabda) que é Paramātman.
48b. A mente existe enquanto há som, mas com sua cessação (do som) há o estado chamado Unmanī de manas (ou seja, o estado de estar acima da mente).
49a. Este som é absorvido no Akṣara (indestrutível) e o estado silencioso é o assento supremo.

---
[15] [Esta é uma analogia com o encantamento de serpentes].

49b-50a. A mente que junto com Prāṇa (Vāyu) tem (suas) afinidades kármicas destruídas pela constante concentração em Nāda é absorvida no Imaculado. Não há dúvida disso.
50b-51a. Muitas miríades de Nādas e muitas mais de Bindus – (todas) vêm a ser absorvidas no som do Brahma-Praṇava.

A obtenção de Videha-Mukti pelos iogues que estão pousados no Nāda

51b-52a. Estando livre de todos os estados e de todos os pensamentos, o iogue permanece como um morto. Ele é um mukta. Não há dúvida disso.
52b. Depois disso, ele em nenhum momento ouve os sons da concha ou do dundubhi (tambor grande).
53. O corpo no estado de Unmanī é certamente como um pedaço de madeira e não sente calor ou frio, alegria ou tristeza.
54. A citta do iogue tendo abandonado fama ou desonra está em Samādhi acima dos três estados [vigília, sonho e sono].
55. Estando livre dos estados de vigília e sono, ele alcança o seu verdadeiro estado.
56. Quando a visão (espiritual) se fixa sem nenhum objeto a ser visto, quando o Vāyu (prāṇa) fica imóvel sem nenhum esforço, e quando a citta se torna firme sem nenhum apoio, ele vem a ser da forma do som interno do Brahma-Praṇava.
– Essa é a Upaniṣad.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Nādabindu Upaniṣad, como contida no Ṛgveda.

Nirvāṇa Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 47. Saṃnyāsa)

Nirvāṇa significa ‘perfeita calma ou repouso ou felicidade, bem-aventurança suprema ou beatitude’, ‘extinção, cessação, ocaso, desvanecimento, desaparecimento’, e também ‘extinção da chama da vida, dissolução, morte ou emancipação final da matéria e reunião com o Espírito Supremo’. – Monier-Williams.

A Nirvāṇa Upaniṣad é uma das Saṃnyāsa Upaniṣads, termo utilizado para designar um grupo de Upaniṣads que tratam da renúncia (saṃnyāsa). Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Paul Deussen em sua tradução alemã das *Sessenta Upaniṣads*. ‘Essas Upaniṣads fornecem a base na revelação vêdica para a instituição da renúncia e para as regras e práticas associadas a esse estado’, diz Patrick Olivelle, que as traduziu para o inglês[1]. Esta tradução em português vem da tradução dele, exceto a Invocação. As notas, devido ao seu volume como comparadas com o texto, seguem a numeração dos aforismos, estando ao final do texto com links de retorno para os versos.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que Esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja Paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

---

[1] *Saṃnyāsa Upaniṣads*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1992.

1. Agora vamos expor a Nirvāṇa Upaniṣad.

2. "Eu sou o Paramahaṃsa", (aqueles que sabem isso) são viajantes; eles usam o emblema final e governam o campo da paixão.

3. O céu é sua crença.

4. A onda de imortalidade é seu rio.

5. O Imperecível é sua pureza.

6. Aquele que é livre de dúvidas é seu vidente.

7. Aquele que é liberto é seu deus.

8. Indivisível é sua atividade.

9. Seu conhecimento é do absoluto.

10. A mais alta é sua escritura.

11. O sem suporte é seu assento.

12. A união é sua iniciação.

13. A separação é sua instrução.

14. E a alegria da iniciação é sua purificação.

15. Ele vê os doze sóis.

16. O discernimento é sua proteção.

17. Só a compaixão é seu passatempo.

18. Bem-aventurança é sua guirlanda.

19. Livre do assento, o deleite que ele sente dentro da caverna da solidão é sua companhia.

20. Ele come esmolas obtidas ao acaso.

21. Haṃsa (cisne) é sua prática.

22. Seu ensinamento é: "O *haṃsa* (cisne) reside coração de cada ser".

23. A fortaleza é seu traje remendado.

24. A equanimidade é sua tanga.

25. A investigação é seu bastão.

26. A visão de Brahman é sua faixa de yoga.

27. A felicidade é suas sandálias.

28. Sua conduta segue os desejos dos outros.

29. Kuṇḍalinī é seu vínculo.

30. Aquele que está livre das injúrias dos outros é um homem que está liberto enquanto vivo.

31. Śiva é o sono do yoga, e *khecarī* é sua *mudrā*.

32. Sua felicidade é suprema.

33. O que é livre dos três fios deve ser atingido pelo discernimento; ele está além do alcance da mente e da fala.

34. O mundo é impermanente, pois ele é produzido. Ele é similar a um mundo de sonho, uma nuvem [em forma] de elefante, e semelhantes. Consequentemente, a infinidade de coisas como o corpo, formado pela teia dos fios de ilusão, é produzido pela imaginação assim como a cobra-corda, e é chamada por centenas de nomes como Viṣṇu e Vidhi.

35. O aguilhão é seu caminho.

36. Seu lema não é vazio,

37. mas a existência do Senhor Supremo.

38. A união com a verdade e com o perfeito é seu mosteiro.

39. A morada dos deuses não é sua verdadeira natureza.

40. O Brahman primordial é autoconhecimento.

41. O seu não-proferido é o Gāyatrī.

42. Ele deve ter em sua mente o bastão que controla as agitações mentais.

43. O que suprime a mente é seu traje remendado.

44. Pela prática de yoga, ele vê a natureza do Ser e da Bem-aventurança.

45. Ele come as esmolas da bem-aventurança.

46. Embora ele esteja em um vasto cemitério, ele vive como se estivesse em um bosque feliz.

47. Um lugar solitário é seu mosteiro de felicidade.

48. Seu estado é a mente em transe.

49. Seu comportamento é reservado.

50. Seu rumo é a mente em transe (s. 48).

51. Seu corpo imaculado é a base do sem suporte (s. 11).

52. A onda de imortalidade é sua atividade de bem-aventurança (s. 4).

53. O céu claro é sua grande crença (s. 3, nota).

54. Seu corpo e sentidos são hábeis na prática das virtudes divinas, como tranquilidade e autocontrole.

55. Nele ocorre a união entre o eu supremo e o eu inferior.

56. A sílaba OṂ é sua instrução (s. 13).

57. A Existência e Bem-aventurança não-dual é sua divindade (s. 7).

58. A restrição de seus sentidos internos é sua prática.

59. O abandono do medo, desilusão, tristeza e raiva constitui seu abandono.

60. Ele prova a doçura da unidade do eu supremo e o eu inferior (s. 55).

61. Da ausência de restrições é derivado seu poder imaculado.

62. Na essência autoiluminada de Brahman ele penetra o mundo fenomênico envolto pelo poder de Śiva, e da mesma forma com o olho de Viṣṇu, que é o seu pote de água (s. 66), ele queima o processo de vir a ser e deixar de ser.

63. Śiva, o quarto, que é o esteio do universo e do espaço, é seu fio sacrifical.

64. Seu coque consiste no mesmo.

65. E seu bastão de libertação consiste em consciência.

66. O olho de Viṣṇu é seu vaso de água (s. 62).

67. O desenraizamento da ação (karma) é o seu traje remendado.

68. Ele queima ilusão, egoísmo e egocentrismo; assim no cemitério seu corpo permanece intacto.

69. A contemplação da verdadeira natureza do que é livre dos três fios remove dele o erro das práticas convencionais.

70. Ele queima luxúria e disposições similares.

71. A firmeza é sua tanga apertada.

72. Cascas e pele de antílope são suas roupas.

73. O sem som é seu mantra (s. 41, nota).

74. Não-ação é seu prazer.

75. Ele se comporta como ele quer (s. 61, nota).

76. Sua própria natureza é sua libertação.

77. Sua rota é equipada com a balsa que leva ao mais alto Brahman.

78. Ele adquire castidade e tranquilidade.

79. Tendo estudado na ordem de um estudante e tendo estudado na ordem de um eremita, ele chega à renúncia, que é o abandono de todas as posses.

80. No final, ele obtém o indivisível Brahman e a eterna destruição de todas as dúvidas.

81. Esse ensinamento sobre a libertação (nirvāṇa) não deve ser comunicado a alguém que não seja um discípulo ou um filho.

82. Esse é o ensinamento secreto.

Invocação

Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;
Que a minha mente se baseie na fala.
Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.
Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.
Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.
Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia
E noite através deste estudo.
Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;
Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.
Que Esse (Brahman) me proteja;
Que Ele proteja o orador, que Ele me proteja;
Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.
Om! Que haja Paz em mim!
Que haja Paz em meu ambiente!
Que haja Paz nas forças que agem sobre mim!

Aqui termina a Nirvāṇopaniṣad, como contida no Ṛgveda.

NOTAS

1. As frases desse texto têm as características do estilo aforístico (*sūtra*) comumente utilizado na literatura técnica ritual e outras. ◄

2. Provavelmente "Paramahaṃsa" aqui se refere ao Eu mais alto (*paramātman*) e não à classe de ascetas chamada por esse nome, embora possa haver um duplo sentido. "Emblema final" refere-se a um emblema de renunciante, que consiste de itens tais como o bastão e a tigela de mendicância. Sobre o mantra *so'ham* veja *Nārada-Parivrājaka Upaniṣad* 6.4, nota. O emblema é chamado "Final" ou porque a ordem de renunciante é a ordem final da vida ou, de acordo com Schrader, porque como uma pessoa iluminada esta será a sua vida final. O termo sânscrito *liṅga*, no entanto, também pode significar pênis. A frase significaria então que o seu pênis pende frouxo, ou seja, que eles não são excitados sexualmente. "O campo da paixão" refere-se aos sentidos nos quais a paixão em relação aos seus objetos é gerada. O significado, portanto, é que eles controlam seus sentidos. ◄

3. "Céu" é uma metáfora para a consciência, que é abrangente e indivisível como o céu (*Maitreya Upaniṣad,* 2.14-15). O significado parece ser que ele não adere a nenhuma tradição específica de crença ou doutrina; a sua própria consciência, que está identificada com a consciência absoluta de Brahman, é sua única crença. Estes aforismos estão compostos em estilo nominal, muitas vezes mesmo sem verbos copulativos. Uma tradução, naturalmente, não pode refletir o sânscrito conciso; uma diferente estrutura de frase é necessária para o entendimento. Eu optei por usar o singular na tradução em inglês neste e nos *sūtras* seguintes embora o texto comece (s. 2) com uma declaração no plural e as frases nominais muitas vezes não deem nenhuma indicação quanto ao número. A razão para adotar o singular é que, quando o número pode ser detectado, ele está sempre no singular. Em um esforço para tornar a tradução legível e esteticamente agradável eu não coloquei entre parênteses "seu" ou os verbos, embora eles não apareçam no original em sânscrito. ◄

4. Essa é uma aparente referência aos ritos de ablução purificatória. Ele não precisa de um rio externo para se banhar: as ondas de imortalidade que o engolfam por dentro constituem o rio que o lava continuamente. ◄

6-7. Esses *sūtras* parecem alegorizar o estado além-ritual de um renunciante liberto. Antes de recitar qualquer mantra, uma pessoa normalmente tem que anunciar o nome do vidente que o compôs e a divindade ao qual ele é dirigido. "Aquele que é livre de dúvidas" e "aquele que é liberto" desses dois *sūtras* provavelmente se referem ao próprio renunciante. Como um renunciante não pronuncia mantras audíveis, assim o seu vidente e divindade são o seu próprio eu. ◄

8. Podemos ver aqui também uma alegoria do estado além do ritual. A atividade ritual (*pravṛtti*) é dividida em numerosas partes, enquanto que a atividade de um renunciante liberto é indivisível e não tem partes, pois consiste apenas na reflexão mental sobre a unidade de toda a realidade. Por isso, ela é chamada de não-atividade (*nivṛtti*). ◄

10. "Mais alta", de acordo com Schrader, refere-se à seção superior, ou última, do Veda, mais conhecida como *jñānakāṇḍa* ("seção sobre o conhecimento"). Os renunciantes estudam apenas essa parte e não a seção sobre rituais (*karmakāṇḍa*) Veja *Āruṇi Upaniṣad*, v. 2, nota. ◄

11. Algumas dessas referências rituais parecem estar no contexto da iniciação de um estudante védico. O assento de um estudante é uma camada de grama sagrada. O assento do renunciante, no entanto, consiste naquilo que não tem apoio, e que é o suporte de tudo, ou seja, Brahman. ◄

12. A união com Brahman constitui a iniciação do renunciante. ◄

13. A capacidade de distinguir o eu do corpo é a separação. A instrução provavelmente se refere à transmissão de um mantra na iniciação. ◄

14. Esse *sūtra* remete ao s. 12. A união com Brahman é sua iniciação, e a alegria que resulta disso constitui sua purificação. Ele não precisa de ritos de purificação externos. Veja também o s. 4. ◄

15. Espera-se que doze sóis apareçam no fim do mundo. Para uma pessoa iluminada, no entanto, o fim do mundo já está muito próximo, porque ele reconhece a sua natureza ilusória. ◄

16. Ele discrimina entre o eu e o que não é o eu. Aquele que tem esse discernimento não tem nada a temer, pois não há nada fora de si mesmo. "Proteção" aqui pode se referir aos amuletos que as pessoas comuns usam para se proteger contra o mal. ◄

17. Passatempo (*keli*) é qualquer atividade desportiva ou recreativa que alguém realiza por prazer ou diversão. ◄

18. Bem-aventurança é uma das características definidoras de Brahman. A guirlanda que lhe dá alegria não é feita de flores: ela consiste na bem-aventurança de Brahman que ele sente. ◄

19. O termo *muktāsana* não é claro. Schrader o explica como "aquele que abandonou o assento", isto é, aquele que não tem suporte porque ele está estabelecido em Brahman (veja acima s. 11). Segundo Upaniṣadbrahmayogin, isso significa que ele abandonou o uso de todas as posturas de yoga. Esse também é o nome de uma postura yôguica também conhecida como *siddhāsana*. Se tomarmos esse significado, a tradução será: "O deleite que ele experimenta na postura do liberto dentro da caverna..." Schrader considera que "solidão" (*ekānta*) significa Brahman, que é a "caverna" na qual a pessoa liberta medita. ◄

20. [‘(Eles) subsistem de alimentos não preparados (especialmente para eles)’. – A. A. Ramanathan]. ◄

21. O significado não é totalmente claro. Schrader explica que o asceta deve vaguear como um cisne. É mais provável, contudo, que a frase *haṃsācāraḥ* se refira ao mantra *haṃsaḥ so'ham* (*Nārada-Parivrājaka Up.* 6.4, nota), que se espera que os Paramahaṃsas recitem (veja acima s. 2). Essa interpretação é mais provável porque o próximo *sūtra* parece ser um comentário sobre isso.

[‘Sua conduta está em consonância com a realização da unidade do Eu e Brahman (Haṃsa)’. - A. A. Ramanathan. Veja também a *Nādabindu Upaniṣad*, 5b-6a]. ◄

22. O cisne aqui refere-se a Brahman. [‘Brahman está presente em todos os seres’. – A. A. Ramanathan]. ◄

23. Esse e os *sūtras* seguintes contêm alegorias da parafernália comum de um renunciante. ◄

26. [‘A visão de Brahman (como não-diferente do Eu)’. – A. A. Ramanathan].

Essa é uma faixa de tecido usada por ascetas durante os exercícios de yoga. A investidura ritual com esse tecido marcava uma espécie de ordenação mais alta dos ascetas bramânicos. ◄

28. Ele realiza atos habituais como o banho não porque é necessário que ele o faça, mas porque ele quer respeitar os desejos dos outros. ◄

29. "Vínculo" (*bandha*) é usado aqui, provavelmente, no sentido técnico de *mudrābandha*, que se refere a certas posturas corporais místicas do tantrismo que se destinam a unir o praticante com o espírito mais elevado. Kuṇḍalinī é o nome do poder feminino que reside na base do corpo na forma de uma serpente enrolada. A liberação deste poder e sua união com o poder masculino residente acima da cabeça é a meta do caminho tântrico. ◄

30. Há um jogo com a palavra *mukta* ("livre de algo" ou "liberto"). A expressão *parāpavādamuktaḥ* não é totalmente clara. Livre das injúrias dos outros pode significar que os outros não o injuriam, ou que ele não é afetado pela por tal ultraje. Como aponta Schrader, no entanto, isso também pode significar que o asceta desistiu de criticar os outros. ◄

31. [‘A unidade com Śiva é seu sono’. – A. A. Ramanathan].

Mudrā não é utilizada apenas em relação aos místicos gestos das mãos, mas também com o significado de posturas corporais. Por meio da *khecarīmudrā*, o iogue desperta o poder que reside na *Kuṇḍalinī* e faz o ar vital (*prāṇa*) subir através do duto (*nāḍi*) chamado *suṣumṇā*. Para uma descrição dessa *mudrā*, veja *Haṭhayogapradīpikā* de Svātmārāma (Madras: Biblioteca e Centro de Pesquisa de Adyar, 1972), 4-43 e seg., em 4.49 ela afirma que a *khecarīmudrā* deve ser praticada até que se experimente o sono do yoga. Veja também *Tantrāloka* de Abhinavagupta, 29.150-160, traduzido e comentado por Silburn, 1988, 198-202. ◄

33. Os três fios são as categorias Sāṃkhya de bondade, energia e escuridão (sattva, rajas tamas), que constituem a natureza primordial (prakṛti). O que está livre dos fios é a alma (Puruṣa). Sobre o discernimento veja a nota do s. 16. ◄

34. O Vedānta Advaita muitas vezes identifica a origem do universo material (*prakṛti*) em cosmologia Sāṃkhya com a ilusão (*avidyā* ou *māyā*), a fonte da realidade imaginada de acordo com o Vedānta Advaita. Os fios de ilusão são os fios de *prakṛti* (s. 33). A "cobra-corda" é o exemplo clássico Advaita de confusão de identidade. Alguém vê a corda, mas equivocadamente a toma por uma cobra, assim como alguém vê Brahman, a única realidade, e equivocadamente considera que ele é o mundo. Vidhi é outro nome para o deus criador Brahmā.

[O último trecho do *sūtra*, segundo A. A. Ramanathan: 'A (adoração dos) deuses chamados Viṣṇu, Brahmā e cem outros culmina (em Brahman)']. ◄

35. Um treinador de elefantes usa um aguilhão para manter o elefante no caminho certo. O controle da mente e dos sentidos mantém o asceta no caminho da libertação. ◄

36-37. Essa é uma aparente referência à Escola do Vazio [a Doutrina da Inexistência] (*śūnyāvada*) do budismo. ◄

38. Verdade aqui significa Brahman. O significado de "o perfeito", por outro lado, não é claro. Schrader, seguindo a *Nirālamba Upaniṣad*, explica-o como uma referência às pessoas libertas. No entanto, ele pode ser usado aqui como sinónimo de verdade com relação a Brahman. Para símiles com um mosteiro veja o s. 47 e a *Maitreya Upaniṣad* 2.16. ◄

39-40. A verdadeira natureza de Brahman não consiste no céu onde os deuses residem. Brahman é consciência pura, isto é, autoconhecimento de si mesmo de Brahman. Em relação ao duplo significado da *saṃvid* ("consciência" e "propriedade") na literatura sobre a renúncia, veja o s. 79. ◄

41. "O não-proferido" parece ser um termo técnico para o mantra *haṃso*. Veja *Nārada-Parivrājaka Upaniṣad*, 6.4. Para Gāyatrī, veja *Āruṇi Upaniṣad*, v. 2.

['(O asceta) deve meditar sobre a ausência de distinção, baseado no Gāyatrī através do Mantra Ajapa'. – A. A. Ramanathan]. ◄

42. Essa é uma variante da alegoria comum do bastão do renunciante, usando o significado secundário de *daṇḍa* como controle e punição. Veja acima s. 25. ◄

43. Em vez do traje externo que protege contra o frio, o renunciante usa internamente a contenção de yoga que suprime a atividade mental. ◄

46. Schrader explica o vasto cemitério como o mundo em que as pessoas são constantemente mortas pela ação do tempo. Embora um renunciante viva neste cemitério, ele é cheio de alegria como se estivesse em um bosque agradável, porque ele tem a visão de Brahman. ◄

48. O termo *unmanī* refere-se ao último estado de consciência alcançado por um iogue, quando a mente não é perturbada por nenhum pensamento e é fundida com a consciência absoluta. A *Haṭhayogapradīpikā* (4.106) descreve esse estado: "Durante o estado de *unmanī* o corpo torna-se absolutamente como um tronco de madeira e o iogue não ouve nem mesmo o som de uma concha ou de

um tambor". O termo também pode significar um estado de frenesi e loucura muitas vezes associado com o comportamento de um asceta. Veja abaixo s. 50. ◄

49. O significado do termo *śāradā* não é totalmente claro. Upaniṣadbrahmayogin considera que ele significa o conhecimento de Brahman (*brahmavidyā*), o que é bastante improvável. Ele se refere, provavelmente, ao fato de que se esperava que os ascetas mantivessem sua conduta escondida de modo a não atrair o louvor do mundo. ◄

55. Ele percebe em si mesmo a identidade entre Brahman e o ser individual. ◄

58. Sobre as observâncias menores e maiores, veja *Nārada-Parivrājaka Up.* 6.30, nota. Esse sūtra e o seguinte indicam que observâncias externas e o abandono de coisas externas são substituídas por virtudes internas. ◄

61. Sobre o estado antinomiano de um asceta liberto, veja abaixo s. 75. ◄

62. O poder de Śiva provavelmente se refere à ilusão cósmica (*māyā*), sob a forma da natureza primordial (*prakṛti*), que produz o mundo fenomênico. O processo de vir a ser e deixar de ser é a natureza transitória e em constante mudança do mundo dos fenômenos e se refere especialmente ao processo de morte e renascimento. Viṣṇu é citado aqui pelo epíteto "de olhos de pétalas"; seu olho é aqui identificado com o vaso de água do renunciante. Schrader interpreta que o olho de Viṣṇu significa o "sol da consciência" (*cidāditya*) que nunca se põe e ilumina a escuridão da ignorância (*Maitreya Upaniṣad,* 2.14-15). Desse modo ‘queima’ aqui podem ter o seu sentido oposto, também. O mundo é comumente considerado como um fogo ardente. A água do pote vai extingui-lo.

[‘Quando a realidade de Brahman brilha no ser, há a aniquilação do mundo fenomênico que é envolto pelo poder de Śiva (*māyā*); da mesma forma, a queima da existência ou não-existência do agregado dos corpos causal, sutil e grosseiro’. – A. A. Ramanathan]. ◄

63. Śiva, aqui identificado com o quarto estado (cf. *Nārada-Parivrājaka Up.* V.24-25), ou seja, Brahman, é o suporte da realidade fenomenal sob a forma do universo físico (*vibhūthi*, literalmente, "grande expansão") e espaço ou éter. Para outras alegorias do fio sacrifical, coque e bastão, veja *Brahman Upaniṣad,* 8-10. ◄

65. "Libertação" aqui se refere à suspensão do universo fenomênico através do conhecimento de Brahman. Essa é uma referência à alegoria comum do bastão do renunciante, que se diz consistir de conhecimento: *Paramahaṃsa Upaniṣad*, 3. ◄

66. *Saṃtatākṣi*, literalmente, "Olho esticado", isto é, um olho que está sempre aberto, é uma referência ao olho de Viṣṇu citado no s. 62. ◄

68. O corpo de um renunciante não é queimado após a morte, então ele permanece intacto. O motivo disso, diz o texto, é porque em seu caso, o que

precisa ser queimado – as impurezas da ilusão, o egoísmo, egocentrismo e afins – já foram queimados pelo fogo do conhecimento. ◀

69. O que é livre dos três fios (s. 33, nota) é Brahman. As práticas convencionais provavelmente se referem a atividades religiosas, como peregrinações recomendadas nos textos sagrados. ◀

71. [‘A tanga deve ser áspera e apertada (de modo que a energia vital se mova para cima em celibato perpétuo)’. – A. A. Ramanathan]. ◀

76. A verdadeira natureza do seu eu é Brahman, cuja realização é libertação. ◀

77. A balsa que permite que alguém atravesse o rio do *saṃsāra* é a sílaba mística OṂ. Essa sílaba é muitas vezes chamada de Brahman. Se *parabrahma* no texto for uma referência explícita a ela, então a tradução será: "equipado com a balsa do OṂ". ◀

79. O sânscrito *sarvasaṃvinnyāsaṃ* ("abandono de todas as posses") é claramente uma glosa sobre *saṃnyāsam* ("renúncia"), explicando o prefixo *saṃ* como *sarvasaṃvid* ("todas as posses"). Com o duplo significado de *saṃvid*, veja a nota dos *sūtras* 39-40. ◀

Saubhāgya Lakṣmī Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 105. Śākta)

A 'Doutrina Secreta da Deusa da Prosperidade', essa Upaniṣad fala da deusa da fortuna, de seu hino, o Śrīsūkta, de seu *yantra*, da prática de yoga, da concentração, dos *cakras*, dos *granthis*, etc.

Sobre os *granthis*, os três nós ou bloqueios psíquicos / emocionais / energéticos, observa-se que nas notas 14 e 18, em 2.3 e 2.6, o tradutor os menciona de baixo para cima como o *rudragranthi* (o nó de Rudra) o *viṣṇugranthi* (o nó de Viṣṇu) e o *brahmagranthi* (o nó de *Brahman*, segundo a nota 18), apesar de a própria sequência no texto citar o 'nó de Rudra' por último (2.8; veja também 3.1 § 2). A informação mais amplamente encontrada a respeito do assunto cita o *brahmagranthi* (o nó de Brahmā, o criador) como o primeiro e o *rudragranthi* como o último[1].

A tradução em inglês é de A. G. Krishna Warrier, em *The Śākta Upaniṣads,* de 1967.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

---

[1] Mas isso não é unanimidade, por exemplo, as obras *The Ancient Language of the Soul*, de Nehemiah Davis, p. 145-146, e *A Guide to Shaktipat,* de Swami Shivom Tirth, p. 188, concordam com a ordem dos *granthis* como dada pelo tradutor desta Upaniṣad. Veja também a *Haṭhayogapradīpikā*, 4.70-76 e a *Yogakuṇḍalinī Upaniṣad*, 1.85-86.

Primeira Parte

Indagação sobre a ciência da Deusa da Prosperidade

1.1. Então os Deuses disseram ao Senhor: 'Senhor! Explica para nós a ciência da Deusa da Prosperidade'.

Meditação sobre a Deusa da Prosperidade

1.2. O Senhor, o primevo Nārāyaṇa, respondeu: 'Que assim seja. Com mentes concentradas, todos vocês Deuses, ouçam! Com o auxílio dos quinze versos começando com o verso *'hiraṇyavarṇām'* (da cor do ouro), etc., meditem sobre a Śrī de quatro braços (a Deusa da Prosperidade), cuja forma é aquela do Quarto[1], que está além do Quarto, que é suprema acima de todos, que está presente em todos os lugares sagrados, e que está rodeada pelas divindades dos lugares, maiores e menores.

Os videntes, etc. do Hino de Śrī [Śrīsūkta]

1.3. Agora, os videntes do hino de Śrī composto por quinze versos são Ānanda, Kardama, Ciklītta e Indirāsuta. Do primeiro verso, a vidente é Śrī. Dos catorze versos (seguintes) os videntes são Ānanda etc. Dos três primeiros versos, *'hiraṇyavarṇām'*, etc., a métrica é Anuṣṭubh. Do verso *'kāṃso'smi'* a métrica é Bṛhatī, dos dois outros Triṣṭubh (é a métrica); dos oito seguintes a métrica é Anuṣṭubh. Do restante, a métrica é Prastārapaṅkti. A divindade é o Fogo que é Śrī. A semente é *'hiraṇyavarṇām'*. O poder é *'kāṃso'smi'*. A consagração dos membros é (feita) com as palavras *hiraṇmayā candrā rajatasrajā hiraṇyasrajā*[2] *hiraṇyā hiraṇyavarṇa* começando com *Om*, terminando com *namaḥ* (isto é saudação), e tendo os substantivos declinados no caso dativo. Em seguida (vem) a consagração dos membros com as tríades de faces. Com os versos do Śrīsūkta se consagram, em ordem, a cabeça, os olhos, os ouvidos, o nariz, o rosto, o pescoço, os dois braços, o coração, o umbigo, as partes íntimas, as coxas, os joelhos e os pés.

1.4. Sentada no lótus imaculado, colorido conforme o seu pólen se acumula, tendo em suas mãos de lótus o par de lótus e a promessa simbolizada de temores dissipados e bênçãos concedidas, com a coroa de joias e diversos ornamentos – belamente adornada – que Śrī, a Mãe do mundo inteiro, promova as nossas fortunas sempre.

A roda da Deusa da Prosperidade

1.5. Seu assento: com o objetivo mantido em vista, coloque no pericarpo a 'sílaba-semente' de Śrī, e nos lótus de oito pétalas, de doze pétalas, e dezesseis pétalas os meios-versos do Śrīsūkta (Hino de Śrī); fora dele (do lótus de dezesseis pétalas), (coloque) o verso *'yaḥ śucih'*, etc., junto com o alfabeto (de *a* até *ḷa*[3]), (e fora e ao redor) coloque a 'sílaba semente' de Śrī. Além disso, desenhe os dez membros do diagrama. Então invoque a Deusa Śrī.

---

[1] A forma do Quarto se refere ao bem conhecido aspecto transcendente da sílaba Om com o qual a Deusa da Prosperidade ou Śrī é identificada. Veja a *Māṇḍūkya Upaniṣad,* 1.12.

[2] [Palavra não encontrada nas transliterações acessíveis].

[3] [Veja o nome dos sons do alfabeto na *Akṣa Mālika Up.* Verso 5].

1.6. Com os membros (por exemplo, '*śrām* saudação ao coração'), a primeira envoltura (é feita); com Padmā, etc.[4], a segunda envoltura; com os mantras dos Senhores do Mundo, a terceira; com os [mantras] das armas deles, a quarta envoltura. Com o hino de Śrī, invocações[5], etc., (deve ser feitas). Dezesseis mil declarações (do hino devem ser feitas).

O vidente, etc. do Mantra de uma única sílaba

1.7. Do encantamento monossilábico de Ramā, a Deusa da Prosperidade, o vidente, métrica e divindade são Bhṛgu, Nicṛd-Gāyatrī e Śrī. O poder da semente é *śam*. Os seis[6] membros estão *śrām*, etc.
1.8. Residente no lótus, de olhos de lótus, seu lar o seio de Śrī Padmanābha[7]; suas mãos seguram um par de lótus e garantia de dádivas e temores dissolvidos. Brilhante como o ouro polido, banhada em águas contidas em jarros por trombas de um par de elefantes cintilantes como as nuvens brancas e imaculadas; sua coroa enfeitada com pedras preciosas agrupadas, vestida em seda extremamente pura, ungida com unguentos doces, que Śrī promova o nosso bem-estar continuamente.

A roda do encantamento monossilábico

1.9. Seu assento: O assento de Ramā (a Deusa da Prosperidade) é composto por oito pétalas, três círculos, divisões abrangendo doze casas[8], e quatro lados. No pericarpo (são inscritas) as sementes de Śrī, mantendo o objetivo em vista. Adore os nove[9] poderes com as palavras 'prosperidade', 'dignidade', 'glória', 'criação', 'honra', 'humildade', 'individualidade', 'elevação' e 'bem-estar' no caso dativo, tendo cada uma delas *Om* no início e *namaḥ* (saudação) no final.
1.10. A primeira envoltura é feita com os membros; a segunda com Vāsudeva[10], etc.; a terceira com Bālāki[11], etc.; a quarta com Indra, etc. A declaração (do encantamento deve ser repetida) doze lakhs[12] de vezes.

O Mantra específico de Lakṣmī

1.11. Śrī Lakṣmī, a concessora de dádivas, a esposa de Viṣṇu, a doadora de riquezas, de forma dourada, está adornada com uma coroa de ouro e um colar de prata. Ela tem o brilho do ouro, está em uma fortaleza de ouro, e vive no lótus.

---

[4] Padmā, Padmavāsinī, Padmālayā, Padmahastā, Padmapriyā, Varadā, Viṣṇupatnī e Ātilakṣmī são obviamente os oito nomes da Deusa da Prosperidade. Esses provêm da associação purânica da Deusa com o lótus e com o Senhor Viṣṇu.
[5] Referindo-se ao elaborado culto de dezesseis partes, o Ṣoḍaśopacāra.
[6] A referência aqui parece ser ao Ṣoḍhānyāsa [isto é, às 16 maneiras de dispor textos mágicos no corpo]. A essência do *nyāsa* é a imaginação ou *bhāvana* de que certos seres divinos residem em certas partes ou *aṅgas* do corpo. Veja o comentário de Bhāskarācārya sobre o verso 4 do *Lalitāsahasranāma* ['Os Mil Nomes de Lalitā']. Os seis *aṅgas* são a cabeça, o rosto, o coração, o umbigo, as partes íntimas e os pés.
[7] ['De umbigo de lótus', nome de Viṣṇu (de cujo umbigo brotou o lótus que continha Brahmā, o futuro criador)'. – Monier-Williams].
[8] As doze casas correspondem às doze divisões do mapa natal ou horóscopo.
[9] Os nove poderes se manifestam nas operações da Deusa Lakṣmī que levam a *vibhūti*, etc. enumeradas no texto.
[10] Vāsudeva etc. são os quatro *vyūhas* ou modos de Viṣṇu, a saber, Vasudeva, Saṃkarṣaṇa, Pradyumna e Aniruddha, representando, respectivamente, o Senhor Supremo, o ser individual ou *jīva*, a mente ou *manas*, e egoísmo ou *ahaṃkāra*. Veja o *Brahmasūtra*, 2.2.42.
[11] A lista consiste em Bālāki, Bhakti, Mukti, Vibhūti, Ṛddhi, Samṛddhi, Tuṣṭi, Puṣṭi, Dhātrī – obviamente aspectos e atributos da Deusa da Prosperidade.
[12] [1 lakh = 100.000].

Ela segura um lótus na mão e ama o lótus. A pérola adorna-a. Ela é a deusa-lua e a deusa-sol, gosta de folhas de *bilva* e é poderosa. Ela é prazer, libertação, prosperidade, crescimento, progresso real, a aração (e o) desenvolvimento. Ela é a concessora de riquezas e a senhora das riquezas. Ela é a fé, rica em prazeres, a que dá prazeres, a sustentadora, a ordenadora – esses e outros termos no caso dativo, com *Om* no início e *namaḥ*, no final, são os mantras. O assento tem oito membros com o monossílabo inscrito nele. Um lakh (em número) são as declarações (dos encantamentos). A propiciação é (feita com) um décimo (de lakh). A oblação é (feita com) a centésima parte. A gratificação dos duas-vezes-nascidos é (ganha com) a milésima parte.
1.12. A perícia na ciência de Śrī está reservada para aqueles que estão livres de desejos, nunca para aqueles que nutrem desejos.

Segunda Parte

O caminho do conhecimento para os aspirantes mais elegíveis

2.1. Então os deuses disseram a Ele: 'Explica o princípio indicado pela quarta *māyā* (ou seja, a final)'. 'Que assim seja', disse Ele: 'O yoga deve ser conhecido através do yoga; a partir do yoga, o yoga aumenta; quem através do yoga está sempre alerta, esse iogue se deleita nisso por longo tempo.

O caminho do controle da respiração junto com os gestos das seis faces

2.2. Desperte do sono, comendo apenas pouco; quando o alimento consumido estiver digerido corretamente, sente-se comodamente em um lugar retirado, não perturbado por pragas, sempre livre de desejos – esse é esforço. Então domine a respiração e não se desvie do caminho da prática.
2.3. Enchendo a boca de ar e na sede do Fogo[13] puxando o ar descendente, lá prendendo, com os seis dedos das mãos, começando dos polegares, fechando os ouvidos, olhos e narinas também, os iogues contemplam dessa maneira a luz interna; suas mentes envoltas no curso de variadas reflexões sobre o *Om* sagrado.

A soltura dos três nós antes do aparecimento do som

2.4. Ouvidos, boca, olhos e narinas devem, forçosamente, ser parados ioguicamente; clara e perfeita então é ouvida a nota no canal purificado de Suṣumṇā[14].
2.5. Em Anāhata, então, ressonante com notas estranhas, um som é ouvido. Sagrado torna-se o corpo do iogue; assim cheio de esplendor e odor celeste ele não mais fica doente;

[13] A sede do Fogo abrange o *mūlādhāra* e o *svādhiṣṭhāna* envoltos nos raios do Fogo situado exatamente acima deles. Esses dois constituem o *rudragranthi* [ou o *brahmagranti*, veja o § 2 da introdução]. Veja o comentário de Lakṣmīdhara sobre o verso 14 da *Saundarya Lahari*.
[14] A *suṣumṇā* é a artéria que se encontra entre a *iḍā* e a *piṅgalā,* através da qual a *kuṇḍalinī* sobe até o *sahasrāra*, o lótus de mil pétalas acima do *ājñā cakra*.

2.6. O seu coração está satisfeito; quando o espaço do coração[15] ressoa, um iogue ele se torna; rompendo o segundo nó[16], a respiração flui imediatamente para a região do meio[17].
2.7. Equilibrado na postura do lótus e outras, também, o iogue deve estar firmemente estabelecido. O nó de Viṣṇu então rompido, o deleite brota supremo.
2.8. Além do Anāhata, 'a nota não tocada', sobe o som retumbante do tambor; com energia, perfurando o nó de Rudra, a nota do *mardala*[18] é ouvida.

O modo do Brahman infinito

2.9. O ar vital se move para o Espaço Maior[19], a morada segura de todas as perfeições; dali, ignorando o deleite da mente, o ar permeia todas as bases iôguicas[20].
2.10. Yoga realizado, o som onipenetrante tilinta[21] e por isso é chamado de 'o sino'. Então, integrada, a mente de sábios como Sanaka e o resto é adorada.
2.11. Identificando o finito com o infinito, os fragmentos com o Todo, se medita na vasta Fonte; a realização [sendo] assim encontrada alguém se torna imortal.

O estado de certeza

2.12. Através da unidade com o Ser, evite o contato com outros; assim também, pela essência do Eu deve-se resistir ao eu de outro; desse modo, tornando-se a Verdade Suprema, livre de todas as dualidades, alguém é Supremo para sempre.
2.13. Renuncie ao sentimento de eu; sim, deste mundo, de aparência tão diversa. Nunca mais há tristeza para o sábio radicado na Verdade transcendente.

Os sintomas de concentração

2.14. Como sal derretido e fundido em água, assim o eu e a mente em unidade são misturados. Isso é chamado de concentração.
2.15. A respiração diminui e a mente se dissolve, e a Bem-aventurança homogênea é encontrada. Isso é concentração.
2.16. A fusão dos eus inferiores com o superior livre de todas as imaginações é denominada concentração.
2.17. Livre-se da luz da vigília, e da mente que sonha; livre-se do sono que não conhece nenhum outro, livre-se de tudo o que causa dor; vazio total, sem reflexões – isso é concentração.

---

[15] O espaço do coração é o que é chamado de *brahmapura*, a residência de Brahman, no corpo humano.
[16] O segundo nó é o *viṣṇugranthi* que abrange os *cakras maṇipūra* e *anāhata* envoltos nos raios do sol situado acima desses dois centros ou rodas místicas.
[17] A região mística limitada por e incluindo os *cakras mūlādhāra* e *ājñā* é dividida em três partes e atribuída ao Fogo, ao Sol e à Lua. O *mūlādhāra* e o *svādhiṣṭhāna* constituem a seção mais baixa, a região do Fogo, ela é também conhecida como *rudragranthi*, o nó de Rudra [ou o *brahmagranti*, veja o § 2 da introdução]. A segunda seção abrange o *maṇipūra* e o *anāhata,* ela é a região central do Sol e é conhecida como *viṣṇugranthi,* o nó de Viṣṇu. A terceira e mais alta região abrange os *cakras viśuddhi* [ou *viśuddha*] e *ājñā*. Ela é a região da Lua, e é também conhecida como *brahmagranthi*, o nó de Brahman [ou *rudragranthi*].
[18] [Um tipo de tambor].
[19] O 'espaço maior' mencionado é o espaço do lótus de mil pétalas simbolizado pela região acima do *ājñā cakra,* onde a união mística entre a *kuṇḍalinī* e Sadāśiva (ou o Jīvātman e o Paramātman) ocorre. Veja o comentário de Lakṣmīdhara sobre o verso 14 da *Ānandalaharī*.
[20] 'Todas as bases iôguicas' provavelmente se refere aos vários centros de desejos para a obtenção dos quais o yoga é praticado.
[21] Os pontos tilintantes para o som onipenetrante, afirmando a identidade da alma individual e do Espírito Universal.

2.18. Através da visão concentrada incessante, quando não há pensamento sobre o corpo, então o Eu não-ativo é realizado – isso se chama concentração.
2.19. Para onde a mente vagueia, lá, exatamente lá, é a morada primordial; lá, lá mesmo, se encontra o Brahman supremo que reside igualmente em toda parte.

Terceira Parte

A roda básica [*Ādhāra-cakra* - Mūlādhāra]

3.1. Em seguida, os deuses disseram a Ele: 'Ensina-nos a discernir as nove rodas'. 'Que assim seja', disse Ele.

Na base é a roda de Brahman em forma de um círculo triplo de ondas. Nessa raiz há um poder. Deve-se meditar sobre ela em forma de fogo. Lá mesmo se encontra a base na forma de desejos; ela produz os objetos de todos os desejos. Essa é a roda básica.

A roda de Svādhiṣṭhāna

3.2. A segunda é a roda de Svādhiṣṭhāna; ela tem seis pétalas. No centro dela há um falo virado para o oeste. Deve-se meditar nela como semelhante a um broto de coral. Bem ali é a 'base da cintura', que produz o poder de atrair o mundo.

A roda do umbigo [*Nābhi-cakra* - Maṇipūra]

3.3. A terceira é a roda do umbigo, um grande redemoinho com uma forma tortuosa como a de uma serpente. Medite em seu centro como o 'poder da serpente', refulgente como um crore [dez milhões] de sóis nascentes e semelhante ao relâmpago. Ela tem o poder de competência e produz todas as perfeições. Ela é a roda (chamada) Maṇipūraka.

A roda do coração [*Hṛdaya-cakra* - Anāhata]

3.4. A roda do coração tem oito pétalas e está virada para baixo. Em seu centro, no falo de luz, deve-se meditar. O símbolo (do poder divino), aqui, é o cisne. Ela é amada por todos e encanta todos os mundos.

A roda da garganta [*Kaṇṭha-cakra* - Viśuddhi]

3.5. A roda da garganta (estende-se pela) largura de quatro dedos. Lá à esquerda está Iḍā, o nervo da lua; à direita está Piṅgalā, o nervo do sol. Em seu centro, em Suṣumṇā de cor clara, deve-se meditar. Quem sabe isso se torna o concessor da perfeição de Anāhata ('a nota não tocada').

A roda do palato [Tālu-cakra]

3.6. A roda do palato: lá flui o elixir imortal; a imagem do pequeno sino está no orifício de onde está suspenso 'o dente real' (a úvula), a décima abertura. Deve-se meditar sobre o vazio lá. A dissolução da substância mental ocorre.

A roda da fronte [*Bhrū-cakra* - Ājñā]

3.7. A sétima, a roda da testa, tem a medida do polegar. Lá, no olho do conhecimento, em forma de língua de chama, deve-se meditar. Essa é a base do crânio, a roda de Ājñā, a que dá poder sobre as palavras.

A roda de 'orifício de Brahman[22]' [Brahmarandhra-cakra]

3.8. O orifício de Brahman é a roda do nirvāṇa. Lá deve-se meditar sobre a abertura em forma de um fio de fumaça, mais fina que uma agulha. Lá é a base das malhas, a concessora de libertação. Portanto, ela é a roda do Brahman supremo.

A roda do espaço [Ākāśa-cakra]

3.9. A nona é a roda do espaço. Lá está o lótus de dezesseis pétalas, voltado para cima. Seu pericarpo no meio tem a forma dos "picos triplos" (o centro das sobrancelhas). Em seu centro deve-se meditar sobre o poder ascendente, o vazio supremo. Lá de fato é a base da "monte pleno", o instrumento de realização de todos os desejos.

O fruto de estudar essa Upaniṣad

3.10. Aquele que estuda constantemente esta Upaniṣad é purificado pelo fogo e pelo ar; ele toma posse de todas as riquezas, grãos, bons filhos, esposa, cavalos, terras, elefantes, animais, búfalos fêmeas, assistentes mulheres, yoga e conhecimento. Ele não volta mais. Essa é a doutrina mística.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina a Saubhāgyopaniṣad, incluída no Ṛgveda.

---

[22] [A 'fenda de Brahma', uma sutura ou abertura no topo da cabeça (através da qual é dito que a alma escapa na morte)'. – Dicionário Monier-Williams].

Tripurā Upaniṣad
(Ṛgveda. Nº 82. Śākta)

Esta é a Upaniṣad das Três Cidades, ou a Upaniṣad da Deusa Tripurasundarī, a 'Bela (Deusa) das Três Cidades', e seu texto complementar é a Bhāvana Upaniṣad do Atharva Veda.

Excepcionalmente, por considerar necessário para um melhor entendimento, eu apresento aqui duas traduções desse texto composto por 16 versos. A primeira é a de Douglas Renfrew Brooks, em sua obra 'O Segredo das Três Cidades' (*The Secret of the Three Cities,* 1990, página 151 e seguintes), e a segunda é de A. G. Krishna Warrier, em *The Sakta Upanishads*, de 1967. Eu incluí também o Śrī Cakra Yantra ao final do texto.

Eleonora Meier
Dezembro de 2016.

[Tradução 1]   [Tradução 2]

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento védico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

A Tripurā Upaniṣad ◄

(Tradução de Brooks)

1. Ela preside as três cidades e os três caminhos (e esse *śrīcakra*) no qual as sílabas 'a', 'ka' e 'tha' (representando as quarenta e oito letras do sânscrito) estão inscritas. (Ela é) a residência de todos, imortal, antiga, grandiosa (e) a principal causa da grandeza dos deuses[1].
2. Os nove *cakras* criaram os nove *Yonis*; reunidas (para formar esses) nove (*cakras*, há) nove *yoginīs* (que presidem cada um dos *cakras*). (Há também) divindades femininas que presidem (cada um d)os nove cakras. Syonā, (a deusa que preside os *cakras* é a causa da felicidade). Há nove gestos (*mudrās*) e nove *bhadrās* para cada lugar (*mahīnām*) no *cakra*[2].
3. Originalmente ela era uma, ela tornou-se nove, ela tornou-se dezenove e então vinte e nove. Então (ela tornou-se) quarenta e três. (Ela é) intensamente brilhante, como se desejosa. Que as Mães, (identificadas com as quarenta e três *yoginīs* colocadas nos triângulos menores do *śrīcakra)* entrem em mim (através do processo de *nyāsa* e mantras)[3].
4. (Há) uma chama ascendente no meio de um círculo de luz que é (também) a própria escuridão. Há um (círculo) horizontal (de luz) que é vermelha e é sem decadência. (Ela é) alegria (e a) bem-aventurança (da pureza), e de fato esses (três) círculos de luz radiante (que cercam os conjuntos de pétalas de lótus do *śrīcakra)* tornam auspiciosas (as Mães identificadas com ele).
5. (O *śrīcakra* também é composto das) três linhas dos portões externos; ele é os três mundos, (tem a forma d)as três qualidades e das três iluminações. Essa é a cidade (da deusa). Ela aumenta a satisfação daqueles (devotos que procuram) realização. Ele é Śiva (*Madana*) e a Deusa (*Madanyā*).
6. (A deusa) é diferentemente conhecida como a Alegre, a Orgulhosa, a Auspiciosa e a Próspera. E ela é a Bela e a Pura; a Modesta, a Inteligente, a Satisfeita, a Desejada, a Vicejante, a Rica, Lalitā (a Adorável).

---

[1] A tradução do verso 1, como todas as outras, segue a interpretação de Bhāskarācārya; seguindo Upaniṣadbrahmayogin, a tradução seria bastante diferente; para comparação:
'Por Sua visão empírica há três cidades, três caminhos e, (sobre o *śrīcakra*) no qual as sílabas 'a', 'ka' e 'tha' estão inscritas, Ela preside. Ela é imortal, antiga, grande e a causa primária da grandeza dos deuses'.
Seguindo Rāmānanda ainda outra interpretação requereria outra tradução do verso:
'Há três cidades, três caminhos; Ela é capaz de se mover na roda do Universo na qual há cinquenta e uma letras inscritas na forma de 'a', 'ka' e 'tha' e (Ela) preside sobre esses. Ela é sem decadência, sem nascimento, grande e a cauda da grandeza dos deuses'.
[2] Upaniṣadbrahmayogin:
'Em quem há nove *yonis* e nove *cakras* e nove disciplinas (*yogas*) e nove *Yoginīs* são brilhantes. Nos nove níveis básicos (*bhūmis*) estão as divindades presidentes dos *cakras* que são as divindades guardiãs (*syonā)*, as nove *Bhadrās* e as nove *mudrās'.*
Rāmānanda:
'Os nove *yonis* e os nove *cakras* são brilhantes; há nove conjunções (yogas) e nove *Yoginīs* (presidindo); há nove divindades presidentes do *cakra;* (a divindade que preside o *cakra*) *syonā* significa 'da forma da felicidade'; há nove *mudrās* e nove *bhadrās'.*
Para uma tradução alternativa segundo Upaniṣadbrahmayogin, veja a tradução de Krishna Warrier [abaixo; a Tradução 2].
[3] Upaniṣadbrahmayogin:
'Principalmente ela era Uma, tornou-se nove, dezenove, vinte e nove e quarenta e três. Manifestamente, que essas três mães por assim dizer desejosas (de fazer o bem para os seus filhos) entrem em mim'.
Rāmānanda:
'Ela era Uma, tornou-se nove, dezenove, vinte e nove e quarenta e três. Desejosa e com um coração amigável, que a Mãe entre em mim a partir do *mūlādhāra* para os outros *cakras'.* O que é digno de nota aqui é que Rāmānanda, conhecido por seus comentários elaborados, fornece apenas um curto parágrafo como a interpretação do verso inteiro.

7. Conhecendo essa (deusa suprema) como (residente dentro d)a própria base (do corpo, isto é, o *śrīcakra*) eles (ou seja, os atendentes dela, a) agradam estando inebriados com vinho ambrosíaco (bebido durante o culto). (Seus devotos estão estabelecidos) nos limites do grande céu e entram na residência suprema das Três Cidades.
8. (O mantra *śrīvidyā* é revelado esotericamente através das palavras) Desejo, ventre, lótus, manejador do raio, caverna (seguidas pelas letras) 'ha' (e) 'sa', o vento, nuvem e Indra (o senhor dos deuses). Além disso (no mantra ocorre a sílaba indicada pela) caverna (então) 'sa', 'ka' (e) 'la' e Māyā – esse é o Mantra Primordial (ou Ciência Original), a Mãe do Universo, a Antiga.
9. Depositando (no lugar d)as três (sílabas) raízes (de cada *kūṭa*) desse (mantra Kāmarāja *kādividyā*[4] como descrito no verso anterior) as letras 'ha', 'sa' e 'ka' (representadas pelas palavras) seis, sete e fogo (*vahni* ou Śiva) (formam a Lopāmudrā vidyā), louvando o Senhor, Desejo, o Imaginado, o Explicado (nos Vedas), eles desfrutam de imortalidade.
10. Eu louvo a Mãe do Universo (que reside n)os três mundos, nos três lados (isto é, triângulos) compostos de nove linhas no meio das quais está a vogal 'aḥ' (*visarga*). Ela brilha como a primordial décima sexta *nityā* (presente) no meio da cidade (isto é, o *śrīcakra,* ela que é) grande (e a causa d)os quinze *tithis* [dias].
11. (Na meditação *Kāmakalā*) os dois círculos são os dois seios, o único reflexo é a face e metade (a letra 'ha' é o órgão feminino). Os três (membros do corpo) são as mansões secretas (identificadas com as três linhas mais externas do *bhūgṛha* sub-*cakra* do *śrīcakra*). Meditando sobre o desejado, o aspecto (*kalā* de Manmatha e) que tem uma forma desejável, um homem nasce [como] a Forma do Desejo (ou seja, Śiva) desejado (por mulheres).
12. Vinho, peixe e antes (do peixe) carne; grãos e ventres (indicando relação sexual) devem ser bem realizados (no culto ritual). Oferecendo alimento para a grande deusa, o perito realizador deve tomá-lo para si mesmo (e assim) realizar (o objetivo do sacrifício).
13. (Ela) tem, por assim dizer, um aguilhão branco e é a Mãe do universo. Os desejosos (ela) retém amarrados pelo laço (dos próprios desejos deles). (Ela) derruba (o desejo) com um arco e cinco flechas. (Ela é) vermelha, a energia primordial, e (tem uma) visão universal (do karma de todos os seres).
14. O Próspero (*bhaga*) (Senhor) é a abençoada Śakti que é tanto Desejo quando o Senhor (isto é, Śiva). (Śiva e Śakti são) os dois concessores de prosperidade nesse (culto contemplativo). Esses dois são da mesma substância, têm a mesma natureza, são totalmente idênticos e de poder igual. (Ela é) livre de decadência (e) o ventre do universo, (o criador).
15. Purificadas por rituais e mantras, por oferendas (*haviṣā*), por bebida, pelos (esforços) da mente, de fato todas as limitações (da Autorrealização) são dissolvidas. (O Eu de) Todos é (chamado de) o Criador do Mundo inteiro, Mantenedor (e) Destruidor, a Forma do Universo.
16. Essa é a grande Upaniṣad (na forma de declarações que explicam o verdadeiro significado) da (deusa) Tripurā. O Supremo (Brahma) indestrutível louva essa (Upaniṣad) que é o Conhecimento Supremo (que) esse *Ṛg* (Veda) e o *Yajur*, *Sāma*, *Atharva* (Vedas) e outras (fontes contêm). AUṂ!

———————

[4] [Veja a nota 7 da minha tradução em português da *Bahvṛca Upaniṣad*].

A Tripurā Upaniṣad ◄

(Tradução de Warrier)

A forma do Poder da Consciência

1. Há três cidades[1], e três caminhos[2] para todas. (Sobre o estrado da Fortuna[3]) estão as letras *a, ka, tha* e outras. Nelas habita, eterna, antiga, a grandeza extrema dos deuses.
2. Sujeitos a Ela cujas fontes são nove[4] brilham os nove centros e nove yogas[5], nove deuses e nove regentes dos planetas, nove bondosas divindades curadoras e nove gestos.

Uma prece ao Poder da Consciência

3. A Única ela era, a Primeira; ela era os nove[6], os dezenove[7] e os vinte e nove[8]; os quarenta[9], ela; que as três energias[10] radiantes, como carinhoso amor de mãe, me rodeiem.
4. No início era Luz ardente[11]; Trevas e Movimento esticaram de lado a lado o Eterno; o Luar[12] alegra e deleita; essas esferas[13] adornam de fato (os conhecedores de Brahman).

A natureza do Senhor dos Desejos

5. Das três linhas[14], moradas[15], três mundos e três esferas com constituintes triplos[16] (Ela é o esteio). Esse grupo de três entre os invólucros é primordial. No diagrama[17] desenhado com palavras místicas vive o Deus do Amor com a Deusa da Fortuna[18].

As divindades circundantes

---

[1] As três cidades são os três corpos - grosseiro, sutil e causal - tanto em seu aspecto individual quanto em sua totalidade cósmica. Essa própria diferenciação, no entanto, é devida à necedade, *avidyā*.
[2] Os três caminhos aparecem como tais para todos os *jīvas* ou seres individuais, e podem ser identificados ou com (1) o Caminho dos Pais (2) o Caminho dos Deuses e (3) os canais de renascimentos sub-humanos; ou eles podem ser tomados como os três caminhos do *karma* (ação), *jñāna* (conhecimento) e *upāsana* (adoração).
[3] O Estrado da Fortuna é o Śrī Pīṭha [o assento ou trono de Śrī] usado para adorar a Mãe do Mundo.
[4] As nove fontes ou *navayonis* são formas do Poder da Consciência como a Mahātripurasundarī.
[5] Os nove yogas são os bem-conhecidos oito componentes do *Patañjaliyoga* e *sahajayoga*.
[6] 'Nove' se refere aos aspectos auspiciosos de Tripura.
[7] 'Dezenove' se refere aos cinco órgãos de cognição, os cinco de ação, os cinco ares vitais, mente (*manas*), ego (*ahaṃkāra*), memória (*citta*) e razão (*buddhi*).
[8] 'Vinte e nove' são os acima citados mais os cinco elementos e os cinco ares secundários (*upaprāṇa*).
[9] Os quarenta são: os cinco órgãos dos sentidos, as quatro faculdades internas, suas divindades presidentes (concebidas como poderes distintos), as duas formas de necedade (*tūla* e *mūla*), as três atividades, os três *guṇas*, e os quatro estados do Eu.
[10] As três energias são Cognição (*jñāna*), Cognição Específica (*vijñāna*) e Cognição Correta (*samyag-jñāna*), essas têm sido identificadas com atividade (*kriya*), conhecimento (*jñāna*) e desejo (*icchā*).
[11] A Luz ardente é a luz do ser interno, *pratyag-ātman,* ela se alimenta do mundo fenomênico.
[12] O Luar é o Ser Supremo todo-abrangente.
[13] As esferas que adornam o conhecedor de Brahman são grupos de modos mentais ou *vṛttis* que representam a experiência de não-dualidade. Elas adornam o *sādhaka* vitorioso pois revelam o real em todos os aspectos.
[14] As três linhas representam os poderes materiais, Ação, Cognição e Desejo.
[15] As moradas são os quatro estados, vigília, sonho, sono profundo e o quarto estado transcendental ou *turīya*.
[16] Os constituintes são os três *guṇas,* cada um dos quais é triplo, como por exemplo, o *tamas* de *tamas*, o *rajas* de *tamas*, o *sattva* de *tamas*.
[17] O diagrama citado é aquele da Deusa da Fortuna, [o Śrī Yantra, veja a última página].
[18] O Deus do Amor é representado no diagrama pelo ponto e a Deusa da Fortuna pelo triângulo central.

6. A Alegradora e a Orgulhosa, a Auspiciosa, a Afortunada e a Adorável, a Aperfeiçoada, a Tímida, a Espirituosa, a Satisfeita, a Escolhida e a Plena, a Rica, a Proibida, a Graciosa, a Eloquente – (essas servem à Consciência).

O fruto do conhecimento da bela Deusa cujo amor é Śiva

7. Assim acompanhado o Poder da Consciência é bebido com a dose de Imortalidade; conhecendo a Ela e adorando Seu trono (os Seus devotos) vivem na grande abóbada do céu e entram na Cidade Tripla suprema.

A exposição do primeiro encantamento

8. Desejo, o Ventre, o Dígito do Desejo, o Manejador do Raio, a Caverna, *ha sa*, o Vento, a Nuvem, o Rei do Céu, mais uma vez a Caverna, *sa ka la* e *māyā* – essa é a sabedoria primeva, que abarca tudo, a Mãe do vasto universo[19].

Os frutos da Sabedoria primeva colhidos pelos homens de desapego

9. Proferindo em segredo Suas três letras básicas – a sexta, a sétima e a oitava[20] – louvando o Senhor, o tema das Upaniṣads, o Vidente, o Formador, o Livre à Vontade, (os buscadores) atingem o estado de Imortalidade.

O fruto do conhecimento da Deusa

10. A Mãe do Universo sustenta Sua morada[21] – a face do Destruidor[22], o Círculo do Sol, o cerne dos sons[23], o período de tempo, o Eterno, a metade do mês lunar; com dezesseis[24] (Ela sustenta o cerne da residência deles).

A meditação prescrita para os menos dotados

11. Ou, adorando o dígito do desejo em suas múltiplas formas, entronizado nos três lares cavernosos[25] e em símbolos de seios arredondados e faces colocadas nas esferas[26], o homem de desejos ganha o que ele quer.
12. Peixe preparado, carne de cabra, arroz cozido, o prazer do sexo, quem oferece à Deusa grandiosa, obtém para si mesmo mérito e sucesso.
13. Com a bela (Sarasvatī) e (Lakṣmī), a Mãe do Mundo, (Gaurī), Rósea, Energia Primordial, a recolhedora do mundo amarra com laços as criaturas que se agarram e trilham o caminho do apego; e rapidamente golpeia com arco e cinco flechas.

A obtenção de Brahman pelo adorador livre de desejos

14-15. O Poder da consciência e o Senhor do desejo, o Senhor dos poderes auspiciosos, ambos iguais, de valor igual, na energia igual, concedem presentes aos afortunados aqui. Dos dois, a Energia imperecível, o ventre do mundo,

---

[19] A *mūlavidyā*, a sabedoria primordial, é representada pelas sílabas *ka e ī la hrīm ha sa ka ha la hrīm sa ka la hrīm.*
[20] A sexta letra *ha* é o símbolo místico de Śiva, a sétima *sa* o de Śakti e a oitava *ka* o de Kameśa o Deus do Desejo.
[21] A morada da Mãe é toda a esfera dos fenômenos, subjetivos e objetivos.
[22] A face do Destruidor é simbolizada por *ha sa ka.*
[23] O cerne dos sons é *Īm* e *Om*.
[24] O dezesseis representa a totalidade, a forma de tempo de Īśvara, aqui distinguida como os quinze dias do meio mês lunar e a infinitude do tempo.
[25] Os três lares cavernosos são os três corpos grosseiro, sutil e causal.
[26] As esferas mencionadas são as do sol, da lua etc.

satisfeita com oferenda de conhecimento, remove o duplo envoltório[27] do aspirante. Com a mente afastada da esfera da ilusão ele torna-se Criador, Protetor, Recolhedor do mundo; mais ainda, uno com o Ser Cósmico.
16. Essa é a notável Upaniṣad de Tripura, Imperecível, que, em palavras gloriosas o Ṛg, Yajus, Sāman e Atharvan e outras formas de conhecimento louvam.

Om, Hrīm, Om, Hrīm[28] – termina, assim, a doutrina secreta.

Invocação

Om! A [minha] fala está radicada em meu pensamento (mente) e o meu pensamento está radicado em minha fala.
Manifestem-se, claros, para mim; que vocês dois sejam, para mim, os fulcros do Veda.
Que o conhecimento vêdico não me abandone.
Com este conhecimento dominado, eu uno o dia com a noite.
Eu falarei o que é certo; eu falarei o que é verdadeiro.
Que esse me proteja; que esse proteja o orador.
Que esse me proteja.
Que esse proteja o orador, proteja o orador!
Om! Paz! Paz! Paz!

Aqui termina a Tripuropaniṣad, incluída no Ṛgveda.

---

[27] Os envoltórios em questão são os dois poderes de *avidyā,* criação e encobrimento, *vikṣepa* e *āvaraṇa*.
[28] Essas sílabas representam a Consciência e seu Poder.

O Śrī Cakra Yantra ◄